

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

DE "CATIVO" A "LIBERTO": o processo de constituição sócio-
histórica do seringueiro no Amazonas.

MARIA DO PERPÉTUO SOCORRO RODRIGUES CHAVES

CAMPINA GRANDE -PB

1994

A stylized black and white illustration of a river scene. In the foreground, a person is rowing a small boat on the water. In the background, there are several simple houses with gabled roofs and windows, situated along the riverbank. The scene is framed by dark silhouettes of trees and foliage at the top and bottom edges.

De "cativo" a "liberto"

O Processo de constituição sócio-histórica
do seringueiro no Amazonas

Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues Chaves

Campina Grande/1994

MARIA DO PERPÉTUO SOCORRO RODRIGUES CHAVES

DE "CATIVO" A "LIBERTO": o processo de constituição sócio-histórica do seringueiro no Amazonas.

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-graduação em
Sociologia Rural da Universidade
Federal da Paraíba - Campus II
Campina Grande.

Orientadora: Lúcia Helena O. Cunha
Co-orientadora: Ghislaine Duqué

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA
1994



C512c Chaves, Maria do Perpetuo Socorro Rodrigues
De "cativo" a "liberto" : o processo de constituicao
socio-historica do seringueiro no Amazonas / Maria do
Perpetuo Socorro Rodrigues Chaves. - Campina Grande, 1994.
171 f.

Dissertacao (Mestrado em Sociologia) - Universidade
Federal da Paraiba, Centro de Humanidades.

1. Seringueiros - 2. Construcao Socio-Historica - 3.
Relacoes de Trabalho - 4. Camponeses 5. Dissertacao I.
Cunha, Lucia Helena O. II. Duque, Ghislaine III.
Universidade Federal da Paraiba - Campina Grande (PB) IV.
Titulo

CDU 316.334.55(811.3)(043)

À mãe que me criou Alberta, *in memorium*, que cansou
de esperar o final do trabalho e se foi ...

AGRADECIMENTOS

Para o João Marcelo com a frase que ele mais anseia ouvir - meu filho terminei o trabalho.

Ao meu companheiro João Edgar que teve papel fundamental na criação de condições para eu prosseguir nesta empreitada - com você na minha vida "que maravilha viver".

À professora Lúcia Helena O. Cunha minha orientadora que incentivou, que cobrou, e extrapolou a pedagogia da orientação ganhou a admiração, a amizade e o reconhecimento.

À professora Cristina Marin com a qual aprendi que o fundamental é saber valorizar cada ser humano em sua singularidade e universalidade.

À professora Ghislaine Duqué pelo apoio irrestrito e a compreensão que tanto me ajudaram.

Ao meu amigo Rubem Cesar Rodrigues a maior autoridade em matéria de amizade, que me deu "uma pequena 'grande' contribuição tecnológica".

À professora do Depto de Serviço Social da UFAM, Auxiliadora Gomes, que rompeu com o estatuto de "colega de trabalho" e deu o apoio fundamental no momento crítico apresentando-se como uma amiga inestimável.

À Demétria, amiga de sempre, que com seu traço firme elaborou mapas e gráficos.

À minha mãe Maria, que mesmo queixosa de minha ausência pelo tempo dedicado ao trabalho deu seu apoio.

À Maria Dilma e Antonio Carlos que com sensibilidade fizeram a arte da capa.

A todos aqueles que com preocupação sincera perguntaram-me ansiosos pela conclusão do trabalho e desejaram-me coragem.

RESUMO

Este trabalho analisa o processo de constituição sócio-histórica dos seringueiros no Amazonas, mais especificamente no município de Novo Aripuanã, a partir da década de 1910 até a atualidade.

O resgate do processo de constituição desses agentes sociais toma como eixo central de análise as relações de trabalho no extrativismo da borracha.

A primeira parte aborda as relações de trabalho no interior dos seringais tradicionais enredados na cadeia do aviamento e a posterior desarticulação destas estruturas.

A segunda parte trata da fundação e organização das comunidades ribeirinhas de produtores de borracha enquanto alternativa aos seringais tradicionais na estruturação de relações de trabalho inovadoras - com estudo de caso na comunidade de São Félix.

No processo de constituição social e histórica dos seringueiros busca-se perceber: como de "cativo" no interior dos seringais tradicionais torna-se "liberto", autônomo nos limites das comunidades ribeirinhas; como se efetiva sua relação com a natureza e com os demais agentes sociais.

ABSTRACT

This work analyzes the sociohistorical process of formation and organization of the rubber gatherers in the town of Novo Aripuanã.

The central focus of this study are the relations in the extration of latex. the first deals with relations within the traditional rubber plantation, which are not based on a monetary system of payment, but rather on a sistem of credit for obtainning material goods, and the subsequent breaking away from this economic struture.

The second part deals with foundation and organization of the riverbank rubber-producing communities based on innovative relation as an alternative to the traditional rubber plantations, with a casa study in the São Félix community.

In our analysis of the historic and social formation of the rubber gathers, we seek to discern how the workers went from "bondage" to "free" or autonomous, within the limits of the riverbank communities, also observing relation ships with nature and with society in general.

RÉSUMÉ

Ce travail analyse le processus de constitution socio-historique des travailleurs du caoutchouc en Amazonie, spécialement dans la Comune de Novo Aripuanã, depuis la décennie de 1910 jusqu' aujourd'hui.

Pour reconstituer l'histoire de ces agents sociaux, nous avons centré notre analyse sur les relations de travail dans l'extraction du caoutchouc.

Dans une première partie, nous abordons les relations de travail à l'intérieur des exploitations traditionnelles de caouychouc liées aux fournisseurs, puis la desrticulation postérieure de ces structures.

Dans la seconde partie, nous traitons de la fondation et de l'organisation des communautés riveraines productrices de caoutchouc, alternative aux exploitations traditionnelles pour former des relations de travail innovatrices - avec une étude de cas dans la communauté de São Félix.

Dans ce processus de constitution sociale et historique des travailleurs du caoutchouc, nous avons cherché à percevoir comment ceux-ci passent de la situation de "captifs" (à l'intérieur des exploitations traditionnelles) à celle de "libérés", autonomes à l'intérieur des communautés riveraine: et comment se réalise leur relation à la nature et aux autres agents sociaux.

SUMÁRIO

Dedicatória	I
Agradecimentos.....	II
Resumo	III
Abstract	IV
Résumé	V
Sumário.....	VI
Ilustrações: relação de fotos, mapas e gráficos.....	VII
Epígrafe	VIII

Apresentação	1
---------------------------	---

Introdução	4
-------------------------	---

1. Nos caminhos da floresta: As estradas da investigação.....	9
---	---

PARTE I - NO TEMPO DA SUJEIÇÃO

CAPÍTULO I - NAS TRAMAS DO AVIAMENTO	17
---	----

1. O Cenário Mundial e Regional: uma breve contextualização histórica	18
---	----

2. Nas tramas do Aviamento: Relações de Trabalho no Cativoiro.....	22
--	----

CAPÍTULO II - VIVÊNCIAS E IMAGENS DO CATIVEIRO	32
---	----

1. Formas de Trabalho no Extrativismo: " <i>Todo mundo tinha de trabalhar de freguês</i> "	33
--	----

2. Cotidiano do Seringueiro: " <i>É a gente que faz. É.</i> "	48
---	----

3. Inverno: " <i>É o fim do fabrico</i> "	53
---	----

4. Condições de Trabalho: " <i>Naquele tempo era difícil</i> "	55
--	----

CAPÍTULO III - DESCAMINHOS NAS ESTRADAS DE SERINGA	60
---	----

1. Mudança no Processo de Trabalho	64
--	----

2. Alteração das Formas de Trabalho.....	65
--	----

2.1 Trabalho de Meia.....	67
---------------------------	----

2.2 Trabalho de Arrendado.....	71
--------------------------------	----

2.3 Trabalho Autônomo	72
-----------------------------	----

3. Outros Rumos	74
-----------------------	----

PARTE II - NO TEMPO DA LIBERDADE

CAPÍTULO IV - DO CATIVEIRO À LIBERDADE 82

1. Comunidade de São Félix: Relatos sobre sua origem e formação..... 90

CAPÍTULO V - ENTRE A FLORESTA E O RIO: O trabalho e os espaços na comunidade 101

1. As Relações de Trabalho na Comunidade 102
2. A Ordenação Sócio-espacial 116
3. Representações da Natureza: Os aviso da mata e os significados do rio..... 126

CAPÍTULO VI - OS SENTIDOS DA COMUNIDADE: Dimensões sócio-política e cultural137

1. Os sentidos da comunidade..... 137
2. A Organização sócio-política 147
3. A identidade do seringueiro e as imagens da liberdade 158

***AINDA É TEMPO* (Considerações Finais) 168**

GLOSSÁRIO..... 172

BIBLIOGRAFIA..... 174

APÊNDICE

ILUSTRAÇÕES

I - FOTOGRAFIAS

FOTO 01- Seu Félix (88 anos), patriarca da comunidade de São Félix.

FOTO 02- Os comunitários chegando da feira.

FOTO 03-As moradias e o terreiro.

FOTO 04-Balsas às margens do rio Arauá.

II - MAPAS

MAPA 01- Localização do Município de Novo Aripuanã.

MAPA 02- Estrutura espacial da comunidade de São Félix.

III - GRÁFICOS

GRÁFICO 01- Idade dos entrevistados.

GRÁFICO 02 - Tempo de trabalho na produção da borracha.

GRÁFICO 03- Idade em que o seringueiro inicia a atividade extrativista.

IV - DESENHO

DESENHO 01 - As estradas de seringa nas colocações dos seringais tradicionais.

CANTIGA DE CABOCLO

O canto de despedida
vai disfarçado de flor.
É feito para os caboclos
do barranco sofredor.
Pra eles que não vão ler nunca
estas palavras de amor.
Amor dá tudo o que tem:
dou esta rosa verdadeira,
levando a clara certeza
da vida nova que vem.
Canto para os curumins
nascidos igual a mim,
vida escura, e tanto verde!
canao, vento e capim.
Canto para o ribeirinho
que um dia vai ser o dono
do verde daquele chão.
Tempo de amor vai chegar,
tua vida vai mudar.
Vai preparando a farinha,
murupi no matrinchão,
nunca vi verde tão verde
como o do seu coração.

Thiago de Melo

APRESENTAÇÃO

A Amazônia possui uma extensa área geográfica, com uma população heterogênea, na qual se encontra uma multiplicidade de organizações sociais, banhada por rios caudalosos que a cada curva apresentam um novo cenário. Entranhados pela força e os mistérios da floresta e dos rios encontram-se os ribeirinhos e os seringueiros - principais protagonistas desta história - que traduzem ações novas, diferentes facetas do "caboclo" que sempre pensamos ser o mesmo, como se fosse um desdobramento natural de seu percurso, mas que de repente nos surpreendem ao se mostrarem em múltiplas faces sua singularidade. Retratar-los num simples trabalho de investigação não é possível, ousamos, todavia, relatar aqui um pouco de sua história.

Neste estudo, tentaremos evocar uma parte dessa imensidão que é a Amazônia para compor o cenário em que vivem os seringueiros em diferentes momentos, na busca de reconstituir seu trajeto de "cativo" a "liberto".

Antes, vistos como ribeirinhos *mansos*, *acanhados*, eram pescadores, coletores, roceiros e produtores de farinha. Habitantes da hinterlândia amazônica, extraíam da floresta e do rio a sua vida material, social e cultural numa simbiose com os movimentos da natureza. Todavia, de maneira abrupta, tais seres sociais veêm-se arrebatados, "cativos"; como extratores do látex das seringueiras nativas "hévea brasilienses", passando a produzir o principal produto da economia na região: **a borracha nativa**. Este ciclo econômico marca definitivamente a região pelo volume de riquezas produzidas - sem paralelo em sua história.

Durante aquele período, o seringueiro, enredado nas tramas da produção da borracha para o mercado europeu, tornou-se o personagem central dos enredos amazônicos. Esta condição não significou para esse produtor melhorias em suas condições de vida, ao contrário, relegou-o a um extremo empobrecimento resultante das relações de trabalho, fundadas na super-exploração que marcaram as empresas extrativistas (seringais tradicionais) na **cadeia do aviamento**.

No Município de Novo Aripuanã, às margens do rio Arauá, braço do rio Aripuanã, afluente do rio Madeira (ver mapa 01), deparamos-nos com inúmeras comunidades ribeirinhas de produtores de borracha, que se formaram durante a década de 40, período em que o sistema de aviamento predominava enquanto articulador das relações econômicas, política e sociais naquele contexto. Os seringueiros que conseguiram fugir às relações de trabalho nos seringais tradicionais fundaram pequenas comunidades como alternativa para se manterem na condição de produtores de borracha, estabelecendo relações de trabalho de natureza diferenciadas das que predominavam na região.

No Amazonas, mais precisamente no Município de Novo Aripuanã, três momentos se destacam no processo de constituição sócio-histórica dos seringueiros: as relações de trabalho no interior das empresas extrativistas; as relações de trabalho nas comunidades ribeirinhas - assim chamadas pela população local -, enquanto alternativa criada pelos seringueiros que fugiam da exploração no interior dos seringais; a transformação dos seringueiros em ribeirinhos.

Assim, em busca de reconstituir a trajetória de "cativo" a "liberto", encontramos o seringueiro não apenas libertando-se da condição de "sujeito"*, de "cativo" para tornar-se "liberto", autônomo e mais ainda, abandonando a atividade de extração do látex e tornando-se ribeirinho.

Após esta longa trajetória, o "caboclo" amazônida, prenhe desta história, pouco a pouco torna-se "outro", ao mesmo tempo em que permanece ele mesmo, pouco falante a contemplar o rio e as matas. Enquanto agente social, concretiza a transformação sócio-econômica e cultural no interior das respectivas comunidades, conservando aspectos fundamentais de sua tradição, ainda que com significados novos.

Para efeito deste trabalho, procuramos recolher dados tanto com os ex-seringueiros que vivem na sede do Município, para reconstituir as relações de trabalho nos seringais tradicionais, quanto junto aos habitantes das comunidades ribeirinhas localizadas no rio Arauá. Coletamos informações nas seguintes comunidades: São Félix, Santa Rosa, e Guarúba; elegendo apenas a primeira para aprofundamento deste estudo, no intuito de abordar sua

constituição, organização social, econômica e política e as condições de existência atual, a partir das relações de trabalho vigentes em cada momento.

Este trabalho constitui-se, pois, numa dissertação de pós-graduação do curso de Mestrado em Sociologia Rural, da Universidade Federal da Paraíba - Campus Campina Grande, com bolsa de estudo CAPES (06 meses) e CNPq (02 anos). No entanto, a realização deste extrapola o âmbito de uma produção acadêmico-científica, uma vez que tem também uma significação particular por ser a autora do mesmo uma amazônida (que diz da sua realidade), e por ter tido a possibilidade de compor, pelo resgate sócio-histórico, a vivência de um conjunto de agentes sociais, e dentre eles a vivência de um homem em especial, **meu pai**. Este homem se difere dos demais, apenas por ter assumido, após uma vida sofrida de seringueiro e extrator de juta, a responsabilidade de adotar com cinco dias de nascida, uma filha a mais em sua numerosa família de quatorze filhos, dando a oportunidade primeira para que eu pudesse me tornar a autora deste estudo. Assim, este trabalho de pesquisa tornou-se uma empreitada de afeto, para reconstituir, com limitações, um pouco dessa história, relatada por anos a fio *ao cair da tarde, na boca da noite ...*

* No contexto do extrativismo o termo "sujeito" é empregado para designar a subordinação às relações semi-servis. Neste estudo o termo sujeito tomará como referência esta acepção.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o processo de constituição sócio-histórica de um agente histórico singular que vive na Amazônia Ocidental, tomando como eixo central de análise as relações de trabalho. Este agente histórico pode ser designado tal como se auto identifica: **seringueiro**, produtor tradicional de um produto específico, **a borracha**, que desempenhou papel de grande importância no ciclo histórico do Brasil, a partir do final do sec. XIX e primeiro quartel deste século, marcando até os dias atuais a história dessa região.

Como se estivessem *escondidos na floresta, após cem anos de solidão*, de repente os seringueiros emergem no cenário nacional e internacional alcançando certa visibilidade. Assim, numa luta histórica de preservação da vida, estes personagens praticamente desconhecidos, passam a ocupar diferentes espaços no contexto dos movimentos sociais que articulam a questão agrária com a questão ecológica.

Apesar disso, evidencia-se que há ainda muitas lutas a se travar para saírem das condições marginais em que se encontram, vistos historicamente como cidadãos de segunda categoria. Muitas coisas foram ditas nos jornais, na academia, nas organizações governamentais e não governamentais, atribuindo um novo estatuto ao seringueiro. Entretanto, muito há para se dizer e desvendar, principalmente sobre um tipo muito particular de seringueiro que se constitui em sujeito-objeto desta pesquisa.

Nossa investigação objetiva perceber como numa relação de subordinação semi-servil, o seringueiro "cativo" se torna "liberto", tornando-se produtor autônomo. A percepção desta trajetória será visualizada através da análise das relações de trabalho, a partir das seguintes questões: *como ele se coloca na história e na sociedade; como os vários fatores internos e externos ao grupo se conjugam na conformação deste agente histórico; como se efetiva a relação dos homens com a natureza e entre os diferentes agentes*.

Estas questões são abordadas no contexto dos seringais tradicionais e das comunidades ribeirinhas de produtores de borracha.

Nos seringais tradicionais, a cadeia do aviamento, articuladora mor das relações de produção, cuja natureza política é a dominação/exploração, coordena o processo técnico de produção e define a apropriação dos resultados do processo. Nas comunidades ribeirinhas em que a natureza política das relações são qualitativamente diferenciadas dos seringais tradicionais, superando as relações de dominação e exploração, são constituídas novas relações de trabalho e de apropriação do produto.

As relações de trabalho no contexto deste estudo assumem contornos que derivam das proposições marxianas, no entanto redefinidas e postas como parâmetro analítico para captar o processo de constituição dos seringueiros. Nesta incursão as relações de trabalho perpassam o processo de produção e o extrapola abrangendo em si o processo de trabalho ¹, a apropriação do produto e, fundamentalmente, as relações dos homens entre si e com a natureza. Neste sentido, as relações de trabalho englobam não apenas as relações econômicas, mas também as relações políticas, sociais e culturais.

Nesta perspectiva, torna-se imprescindível esclarecer que as condições objetivas de vida e as representações sócio-culturais, que os agentes sociais vão compondo no transcórrer de suas trajetórias, a partir das relações que estabelecem em nível político, econômico, social e cultural, serão abordadas apenas em sentido complementar, sem que haja a pretensão de abarcar em sua extensão e profundidade tais aspectos.

Para efetivação desta análise, partimos do pressuposto de que as ações dos sujeitos em sua constituição sócio-histórica não podem ser pensada como simples "atualização de estruturas dadas" (SADER, 1988). A constituição dos seringueiros será visualizada a partir do entendimento de que esses desempenham papéis criadores no interior dos processos históricos.

No traçado desta história encontramos os seringueiros na produção material de sua existência e buscamos compreender como se efetivam as mudanças nas relações de trabalho, enquanto núcleo central de análise deste estudo. Busca-se, no entanto, superar a simplificação de entender as relações de produção como derivação dos fatores econômicos, única e exclusivamente.

No processo de constituição dos agentes sociais, é de capital importância o entendimento de como se efetiva a conjunção entre as condições objetivas - relações de trabalho - e as representações sociais dos agentes - construções subjetivas. A primeira orientação a ser superada com relação a esta questão é a de deduzir as ações de maneira exclusiva das condições objetivas existentes, pois a articulação entre as atividades práticas e os valores que orientam tais ações são indissociáveis e interdependentes entre si.

Nessa direção, GODELIER (1987) coloca que é a partir das representações que os indivíduos atuam sobre seu meio. O sistema de representações que orienta esta atuação, por sua vez, é formulado pelos membros de uma determinada sociedade sobre o meio em que vivem. As representações sociais coadunam um conjunto de elementos que vão se agregando ao longo de sua trajetória histórica. Estes diversos elementos sofrem contínuas transformações e se constituem numa totalidade singular. Tais formulações tomam como referência a proposta analítica de Maurice Godelier em "A parte ideal do real", particularmente quando o autor postula a superação da dicotomia entre infraestrutura e superestrutura, mostrando que não é possível pensar a ação material desprovida de significações. Em suas proposições as representações sociais (ou a cultura) estão inscritas no processo produtivo.

Para referenciar nossas análises, valemo-nos também das contribuições de CASTORIADIS, particularmente em relação ao conceito de cultura proposto pelo autor, para o qual a cultura é tudo aquilo que na instituição de uma sociedade ultrapassa a dimensão funcional-instrumental, que os indivíduos desta sociedade assumem como "valor" em seu sentido mais amplo, por conter de modo indissolúvel os procedimentos instituídos, através dos quais o ser humano, durante sua constituição social, é conduzido a reconhecer e a assumir positivamente os valores da sociedade.

No entanto, vale ressaltar que tais valores não são dados por uma instância exterior nem "descobertos pela sociedade em jazidas naturais ou no paraíso da Razão," mas criados pela sociedade, enquanto núcleo de sua instituição, *"referências últimas e irreduzíveis da significação, pólos de orientação do fazer e do representar sociais. É impossível, portanto, falar de transformações sociais sem se defrontar com a questão da cultura (...)"*. (CASTORIADIS, 1979:290)

A relação entre as condições preexistentes - dadas historicamente - e a atividade criadora auto-instituente de um contexto social "*não poderia se conceber jamais como simples resistência, inércia e servidão (...). Não haverá transformação social radical, sociedade nova, sociedade autônoma, a não ser na e pela nova consciência histórica, que implica ao mesmo [tempo] uma restauração do valor da tradição e uma outra atitude face a esta tradição, uma outra articulação entre esta e as tarefas do presente/futuro*". (CASTORIADIS,1985:305).

Neste estudo, a cultura será abordada como um dos aspectos que integra o processo de constituição dos agentes sociais. Vale enfatizar, no entanto, que a cultura não se constitui no eixo central de análise, que é formado pelas relações de trabalho. Esta posição não se deve a atribuição de caráter exterior ou menor a cultura, mas aos recortes de cunho metodológico.

Destas formulações, pode-se depreender que o papel criativo do agente social no contexto social e histórico não está posto de maneira aleatória ou indeterminada, abrange em si as construções dos homens que vieram antes; a sua trajetória é constituída pelo passado, que se conjuga às construções do presente de uma forma articulada e ao mesmo tempo contraditória, promovendo a transformação do tradicional, mas ao mesmo tempo, conservando caracteres fundamentais; é um passado que se repõe no presente em conjunção com os novos elementos dados pela realidade existente, trazendo o passado sim, mas redefinido.

O ser autônomo no exercício de seu papel criativo não pode ser considerado como um ser livre de toda e qualquer determinação, e sim aquele que a partir de sua práxis busca as possibilidades de alterar, de superar as limitações, redefinindo as imposições, e que busca condições para (re)afirmar seus interesses e de seu grupo, na consolidação de um projeto próprio.

A partir dessa perspectiva, o agente social em sua constituição sócio-histórica se estrutura como *outro* recriado e não simplesmente como consequência do passado ou uma

criação independente. Assim, sua atividade criadora contém elementos inovadores aos tradicionais, preservando parte daquele. Na conjunção/disjunção de "velho" e "novo", a trajetória traçada não se delinea de forma unívoca e/ou evolutiva. o processo de constituição sócio-histórica dos homens não pode ser concebido como trajetória predeterminada ou ao contrário, plena de indeterminações.

A prática social dos agentes abrange em si múltiplas dimensões, que se complementam, se opõem numa contínua tensão e harmonia, implicando a articulação entre o projeto político de autonomia, a tradição cultural, a produção material e as relações sociais em cada tempo e espaço.

A transformação social ou criação cultural abriga em seu interior conteúdos diversos, na qual a questão cultural se constitui numa dimensão da política, da economia e do social ao mesmo tempo em que estas se dimensionam como componente fundamental da cultura.

A trajetória social e histórica dos seringueiros em Novo Aripuanã expressa a busca pela superação das relações de desigualdade e autoritarismo, no interior dos seringais, e da subordinação à cadeia do aviamento. Para tais agentes a estruturação de novas relações de trabalho não implicava o abandono da atividade extrativa, pelo contrário, para se manterem nessa atividade foi necessário romper com a natureza política e econômica das relações de exploração/dominação existentes. Apesar de criarem relações de trabalho menos desiguais e preservarem a atividade produtiva, não conseguem promover a extinção da cadeia do aviamento em sua extensão, em sua estrutura, eliminando apenas um de seus elos - o patrão.

A criação de relações de caráter mais igualitárias pelos seringueiros/ribeirinhos, embora restrita ao espaço social das comunidades, contém em si a significação maior a qual atribuem sua autonomia enquanto agentes sociais.

Neste sentido o extrativismo vai pouco a pouco se redefinindo, a partir tanto da dinâmica interna, da ação prática, econômica, política e cultural dos agentes sociais quanto pelas imposições resultantes da relação com o capitalismo, como modo de produção dominante.

Além dos citados, outros estudos contribuíram na elaboração deste trabalho, fornecendo-nos sugestões analíticas significativas no transcorrer da investigação. Destacam-se os estudos sobre comunidades de pescadores efetuados por CUNHA (1987) e MALDONADO (1993). Todavia, nos limites do presente estudo, por seu caráter de exercício reflexivo sobre a realidade, muitas categorias analíticas se interpuseram, resgatadas dos trabalhos mencionados e ainda outros que aparecem no decorrer da discussão, sem que se efetuasse uma análise extensa sobre tais obras no interior deste estudo.

Nos meandros desse horizonte teórico-metodológico, nosso estudo foi empreendido; no item a seguir, trataremos dos procedimentos metodológicos que propiciaram nosso caminhar investigativo.

1. NOS CAMINHOS DA FLORESTA: As estradas da investigação.

O sentido indelével da trajetória dos seringueiros nesta região nos impulsionou a buscar conhecer como ocorreu no Amazonas, mais especificamente no município de Novo Aripuanã, o processo de constituição social e histórico destes extrativistas. Neste processo, tomamos por base as relações de trabalho na produção da borracha, no período entre 1920 e o início da década de 90, considerando que neste Estado essa produção, articulada ao sistema de aviamento, teve papel fundamental não apenas na esfera econômica, mas na política e na formação sócio-cultural de sua população.

Cabe destacar que, encontramos muitas dificuldades para o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica, em virtude do número reduzido das informações documentais e bibliográficas sobre esta temática e os entraves para obtenção destas; principalmente, sobre o Estado e o Município que enfocamos, pois não há registros documentais e estatísticos sobre as atividades produtivas no extrativismo da borracha na área.

Desta forma, a estratégia encontrada para realizarmos a reconstituição da trajetória social e histórica dos seringueiros, a partir das relações de trabalho durante o período abrangido por nosso estudo (1920/1990), foi o de ter como referência central as informações

fornecidas pelos informantes locais; a própria definição do período histórico foi delimitada segundo o critério da idade dos informantes, ou seja, o período em que atingem a faixa etária para atuar como produtores da borracha. Assim, valemo-nos dos registros dos *velhos seringueiros*, guardados de forma viva em suas ricas lembranças do passado, como uma das principais fontes da pesquisa

O processo de investigação processou-se mediante a permanência de dias seguidos, semanas, intercalados em diferentes períodos do ano, durante um ano e meio (agosto de 1991/março de 1993), realizando observação direta, efetuando entrevistas e promovendo **círculos de debate**; procedimentos adotados tanto na sede do Município, quanto nas comunidades ribeirinhas. Os relatos foram colhidos através de entrevistas semi-estruturadas e durante os círculos de debates, onde em muitos momentos as falas se misturam e cada um perde seu nome para simplesmente ser "seringueiro" e "ex-seringueiro".

A técnica aplicada para coleta de informações, que convencionamos denominá-la de **círculo de debate**, foi a estratégia utilizada para efetuar o **resgate da memória coletiva** dos informantes, através de encontros e conversas coletivas. Na região é muito comum, principalmente, nas cidades de pequeno porte, ao final da tarde, quando *o sol começa a esfriar*, iniciar-se um ritual, em que as pessoas passam a colocar defronte das suas casas algumas cadeiras. Há aquelas que possuem bancos de madeira fixos; esta preparação tem por objetivo uma reunião informal para conversarem sobre assuntos diversos.

Esse "costume" foi visto como um momento privilegiado para obtenção de informações qualificadas, enriquecendo o estudo dos relatos obtidos de forma isolada pelas entrevistas individuais, baseadas nos formulários aplicados. Percebemos com muita satisfação a aceitação e mesmo o entusiasmo em participar das "conversas". Ainda com o sol forte no horizonte, víamos surgir, de diferentes direções, nossos informantes, convergindo para o local combinado, alguns numa caminhada lenta marcada pela idade. Tais informantes, bons narradores, compunham pela riqueza de detalhes um cenário vivo de suas significativas experiências.

Para percorrer as estradas da investigação nos caminhos da floresta e dos rios Madeira, Aripuanã e Arauá, deparamos-nos com muitos desafios e inúmeras limitações. Percorremos estes caminhos em diferentes sentidos; foram tantos que fica difícil *dizer bonito*. Nesta trajetória, muitos encontros e reencontros foram vividos na sede do Município com ex-seringueiros, nas comunidades com seringueiros agora ribeirinhos.

Às margens do rio Madeira, o mais notável afluente do rio Amazonas, está localizado o Município de Novo Aripuanã (ver mapa 01) com área de 19.346 Km². Dista em linha reta 225 Km de Manaus e por via fluvial 346 Km. Sua população, com base no senso do IBGE de 1980, é de 10.379 habitantes, destes 2.509 (24%) se encontra na Zona Urbana e 7.870 (76%) na Zona Rural do Município.

A saída de Manaus para ir ao campo de pesquisa significa adentrar numa outra lógica do tempo, no qual a *pressa* perde seu sentido. Um outro ritmo se impõe inexorável.

A duração da viagem de Manaus à sede do Município de Novo Aripuanã é de trinta e sete horas, num *motor de linha*. Em redes permanentemente atadas, os viajantes embalam-se lentamente, como se estivessem a acompanhar o movimento das águas dos rios em sua calmaria.

"O tempo amazônico na expressão dos segmentos que integram a cultura da floresta, apesar dos processos históricos que em nome do progresso tendem a extirpá-lo, ainda possui características singulares: é um tempo que acompanha o tempo dos rios."(CUNHA,1987:15)

O rio, os *barrancos de terra preta*, desprendendo-se continuamente e desfazendo-se nas águas, desfilam sempre com novos traços, diante de um cenário que não se conforma homogêneo, inerte, estático. Além disso, os vários ambientes - terra, rio, floresta - parecem integrar-se numa relação de simbiose ou harmonia, cada qual com suas peculiaridades.

Neste espaço de tempo da viagem muitas histórias são contadas, novos laços de amizade se estabelecem e o percurso deixa de ser apenas a saída de um lugar para outro, ganhando contorno de um grande encontro entre o "familiar" e o "estranho": *familiar* porque

reportava-nos às nossas raízes, ao nosso mundo de origem, conforme já revelado; *estranho*, porque a viagem levava-nos a um outro mundo que se nos apresentava desconhecido, a ser descortinado sob um novo olhar. Aliás, essa conjugação entre o *familiar* e o *estranho* é que permitiu-nos chegar perto de um "outro" que nos era ao mesmo tempo próximo e distante, penetrando em sua lógica interna, em sua forma de organizar sua (re)existência sob múltiplos aspectos, materiais e simbólicos.

Além disso, é preciso marcar que a trajetória que se percorre, entre a sede do município de Novo Aripuanã e a comunidade de São Félix, compõe um cenário de beleza rara e singular: penetrando a amplidão e vastidão da floresta, cortando o espelho das águas, por vezes adentrando estreitos canais, o barco perfaz três horas de viagem até avistar-se os seres que habitam a floresta e o rio, retirando dela a produção de sua existência social e cultural.

A passagem da embarcação, o ruído característico que produz, atrai para o barranco às margens do rio os moradores que por ali habitam. Em trechos, onde só parece existir mata, de repente eles surgem como numa espécie de magia: homens, mulheres e crianças que acenam alegremente ou apenas ficam a contemplar os que passam.

A impressão que se tem é que a visita de "um de fora" causa, ao mesmo tempo, fascínio, estranheza e curiosidade: o que vem de "fora" traz "novidades" de um mundo, que em muitos sentidos ainda lhes escapa. Ou ainda, "os de fora" podem ser representação de um mistério a ser desvendado no contato direto; na relação face a face que permeia o universo local.

Numa acolhida amistosa percebe-se a entabulação de um código de comunicação; as primeiras falas carregadas de termos regionais - como se propusessem um enigma a ser decifrado, mas ao perceberem que não só as perguntas como as respostas eram entendidas e utilizavam como referencial a mesma linguagem, uma alegre saudação com as manifestações de "*ela também é da terra*" se fez ouvir e permearam muitos outros momentos.

Estas manifestações fizeram-nos crer que neste momento, resgatado do interior do construto cultural, traçado historicamente, estabeleceu-se um elo. E, assim, aconteceu um

efetivo (re)encontro, criou-se o vínculo de (re)conhecimento mútuo. É possível dizer de identificação.

Apesar de neste caso a figura do *estranho* ter sido atenuada, em todos os momentos atentamos para o fato de que a fala com "os de fora", em certa medida, é regida por um código de duplicidade: em que se seleciona o que pode ser dito e o que não, em que o discurso se articula dimensionando um outro discurso implícito.

Cabe observar ainda que, neste trabalho, a definição dos períodos históricos obedece menos aos marcos definidos pela história oficial e mais aqueles estabelecidos pelos agentes sociais, a saber, seringueiros e ex-seringueiros, considerando ainda a dinâmica de sua trajetória sócio-histórica, a partir de sua visualização daquele processo.

Com base nos objetivos estabelecidos, três questões se impuseram no contexto da pesquisa: *quem são os agentes sociais, objeto, de nossa investigação? Como se definem em sua história? Como se constituem enquanto agentes sociais?*

Para uma abordagem sistematizada das questões colocadas, dividimos o presente trabalho em duas partes. A primeira parte aborda as relações de trabalho nos seringais tradicionais - *no tempo da sujeição* - subdividida em três capítulos que foram compostos com base nos depoimentos dos 16 ex-seringueiros que residem atualmente na sede do município de Novo Aripuanã e exercem diferentes atividades, 2 seringueiros de localidades próximas e 1 filho de seringalista. O primeiro capítulo traça uma visão panorâmica do jogo de forças políticas na Amazônia e apresenta o sistema de aviamento como articulador das relações sociais neste contexto. O segundo capítulo remonta as relações de trabalho nos seringais tradicionais do município², na tentativa de compor um retrato de sua constituição com base nos dados levantados em pesquisa de campo com seringueiros e ex-seringueiros dos seringais desta área, subordinados a relações de trabalho semi-servis, a partir da segunda metade da década de 1920; O terceiro capítulo aborda a desestruturação das relações que ocorreram no interior dos seringais tradicionais entre as décadas de 50 e 70 e seus desdobramentos.

Na segunda parte, buscamos reconstituir, a partir das relações de trabalho, a constituição da comunidade ribeirinha de São Félix desde sua fundação, na década de 40, até a

atualidade. Esta parte está sequenciada em três capítulos: o quarto traz relatos sobre a origem e a formação de São Félix; o quinto adentra às relações de trabalho, à divisão sócio-espacial e às representações da natureza; o sexto aborda as dimensões sócio-políticas e cultural. Em sua totalidade, esta segunda parte foi montada apenas com relatos dos moradores da comunidade de São Félix.

O processo de constituição sócio-histórica desses agentes sociais será visualizado a partir da interpretação que fazem de suas existências, ou seja, por meio de suas representações. Nosso enfoque analítico se pauta por perceber os pontos e contrapontos desta auto-interpretação, no qual tomamos por base as relações de trabalho destes produtores que abrangem: o processo técnico de trabalho, a relação dos agentes entre si e com os demais segmentos em sua organização social e política.

NOTAS DA INTRODUÇÃO

1 - Os elementos do processo de trabalho definidos por Marx são compostos da seguinte forma:

"a) a atividade adequada a um fim, isto é, o próprio trabalho;

b) a matéria que se aplica o trabalho, o objeto de trabalho;

c) os meios de trabalho, o instrumental de trabalho."

(1985:202)

2 - A relação de seringais se restringe aqueles nos quais nossos informantes exerceram atividades laborais que são os seguintes: Mucuras, Paraná das Araras, Belém, Paraíso, Livramento, Nova Estrela, São Sebastião, Cruzeiro.

PARTE I

NO TEMPO DA SUJEIÇÃO...

CAPÍTULO I - NAS TRAMAS DO AVIAMENTO

Antes de adentrarmos na abordagem das vivências e imagens do cativo, faz-se necessário extrapolar o contexto específico deste estudo, no sentido de ampliar a percepção de nosso objeto e apreender de maneira mais globalizante o processo de constituição sócio-histórica dos seringueiros, com base em suas relações de trabalho no extrativismo da borracha. Isso se impõe, levando-se em conta que a dinâmica interna desta modalidade de produção estruturou-se na relação com o contexto externo, num jogo de forças sociais e políticas que permeiam a configuração das práticas dos agentes sociais neste contexto.

Na tentativa de efetuar um resgate histórico do surgimento das relações de trabalho que os atores sociais estabelecem no extrativismo, segue o presente capítulo definindo as relações de trabalho na produção extrativista da borracha sob a égide do sistema de aviamento na Amazônia.

Em sua continuação, nossa exposição consiste em contextualizar as relações políticas e sociais necessárias ao entendimento do caráter da atividade produtiva da borracha no contexto específico dos seringais tradicionais situados nos rios Madeira, Aripuanã e Arauá, no município de Novo Aripuanã, no período que vai de 1920 a 1940.

Naquele momento histórico, a atividade extrativista da borracha ainda se constituía, apesar da crise em que se encontrava, no suporte básico da economia do Estado do Amazonas.

Para compor este aparato crítico, abordaremos: a forma de trabalho típica do extrativismo; o cotidiano do trabalhador extrativista; o processo de trabalho; a produtividade vinculada às condições naturais; e ainda, às condições de trabalho no interior do seringal tradicional.

A abordagem destes aspectos faz-se necessária por entendermos que contribuem de maneira significativa e basilar para a percepção da constituição social e histórica dos seringueiros.

1. O Cenário Mundial e Regional: uma breve contextualização histórica.

A borracha produzida na Amazônia será considerada como produto comercializável a partir das alterações políticas, sociais e econômicas que ocorreram na Europa no século XVIII e XIX com a Revolução Industrial.¹

O desenvolvimento da indústria de artefatos de borracha desencadeou uma acelerada corrida às fontes supridoras de matéria-prima, como parte do processo de expansão imperialista da segunda metade do séc. XIX. Este processo determinou a manifestação, por um lado, da dependência econômica da Amazônia de um único produto de exportação: a borracha nativa. E, por outro lado, o desenvolvimento acelerado da indústria de artefatos de borracha das economias centrais.

O desenvolvimento deste setor desencadeia, entre 1840 e o final do século XIX, uma forte e constante pressão sobre as fontes supridoras de borracha. Para responder a essas demandas, as classes dominantes locais - seringalistas e casas aviadoras - promoveram uma sistemática espoliação dos trabalhadores, via sistema de aviamento.

Embora suplantada posteriormente, a Amazônia se constitui na fonte primeira de produção de borracha para os países centrais.²

Na primeira metade do século XIX, a Amazônia com uma infraestrutura incipiente possuía uma economia praticamente de subsistência, com restritos recursos econômicos.

O breve período de prosperidade na segunda metade do século XVIII, sob os auspícios da Companhia Geral do Grão-Pará e do Maranhão (1755 a 1778), seguiu-se de uma visível crise econômica, onde apenas o cacau se apresentava como produto comercial. Até este momento histórico, as atividades de extração da borracha restringiam-se aos arredores de Belém.³

A extração da borracha tornou-se a atividade exclusiva da hinterlândia amazônica,

"sendo-lhe subsidiária todas as demais fontes de produção, tanto extrativas como agro-pecuárias surgidas, ora para complementar a perda de substância desse produto, ora para absorver ou fixar os rendimentos de sua exploração. Visando a essa complementação, foi se intensificando o aproveitamento do couro dos jacarés [e outros animais], ao corte da madeira, a derrubada de seringueiras e balateiras, numa progressiva diversificação dos aproveitamentos florestais comerciáveis."
(SALLES, s.d.:89-90)

No entanto, naquele contexto nenhum outro produto de origem extrativista teve importância econômica comparada à borracha natural.

Com a ampliação da demanda da borracha esgotam-se as áreas de melhores acessos para produção extrativista em torno de Belém e Manaus, espalhando-se na segunda metade do século XIX pelos rios Purús e Madeira (contexto da pesquisa), abrangendo extensa área de seringueiras nativas. Assim agrava-se o problema de escassez de mão-de-obra na região:

"O estrangulamento da produção teria sido fatal, não fora o subsídio imigratório proveniente em parte do exterior, mas sobretudo da região nordestina do país." (SANTOS, p.87)

A partir da década de 1870 ocorre um intenso fluxo migratório do Nordeste em direção à Amazônia que só será desacelerado em torno de 1880.⁴

Sob condições subhumanas de trabalho e de sobrevivência de uma atividade de subsistência, o nativo da Amazônia e o nordestino tiveram que se submeter às condições impostas pela economia da borracha, à lógica do capital.

Os preços crescentes da borracha no mercado londrino, pela instabilidade da oferta e da qualidade da borracha nativa, estimularam o governo britânico a investir em pesquisas para a

aclimatação das espécies produtoras de borracha em seus domínios,⁵ dando início às primeiras plantações comerciais da Hévea no Sudeste Asiático.

Com a produção asiática passa a existir um mercado concorrencial, diante do qual a produção amazônica apresenta sensíveis desvantagens. A produção da borracha amazônica oriunda de seringais nativos, limitada para atender a demanda, passa à situação de produção elevada e tecnicamente orientada, apenas o preço do produto a restringia. O impacto da produção de borracha asiática só se mostrou significativo em torno da década de 1910.

Com a entrada no mercado dos produtos advindos das plantações do Sudeste Asiático, nenhuma providência foi ensaiada por parte das autoridades brasileiras. Os seringalistas e as casas aviadoras em sua busca incessante por lucro não se comprometiam em criar estratégias ou fazer investimentos para tornar a produção da borracha da Amazônia competitiva.

Somente quando o monopólio foi superado pelos produtos do Sudeste Asiático, foram tomadas as primeiras providências de cunho político-econômico.⁶

Até o início da década de 40, a ausência de uma alternativa econômica configura-se num quadro em que o extrativismo, como atividade produtiva, não deixou de existir, porém manteve-se de forma inexpressiva para a economia da região e do país.

Dessa forma, os setores dominantes mantinham-se às custas da extrema espoliação do trabalho extrativista. O que se torna evidente pelo fato de que a população regional manteve-se durante duas décadas praticamente inalterada, enquanto o resto do país cresceu em torno de 35%. Ou seja, a população regional, que em 1920 era de 1.439,1 mil habitantes, em 1940 possuía 1.464,4 mil habitantes.

Mas a possibilidade aparentemente inevitável da ocorrência de um novo conflito mundial compuseram um cenário de tensão internacional.⁷ Getúlio Vargas mantinha uma posição indefinida no conflito, pois enquanto se acirrava a concorrência entre os interesses dos Estados Unidos da América e da Alemanha, a borracha brasileira com cifras inexpressivas no total da produção mundial interessava a ambas as potências. A demanda externa e o mercado nacional, que se expandiram, cobravam da Amazônia uma produção superior à sua capacidade, pois o volume de produção da Amazônia de 1940 pouco se diferenciava do volume de 1910.

Com objetivo de ampliar o volume da produção extrativista na Amazônia, foi estruturado um polêmico Programa de desenvolvimento regional: "**a batalha da borracha**".

A viabilização desse Programa foi marcado pela inexistência de um plano norteador de suas atividades. Todavia, a crise econômica presente por três décadas foi quebrada num rompante com "uma substancial elevação nos preços da borracha vegetal".

Em 1942, o Estado criou uma nova agência para atuar na regulamentação das relações de trabalho entre seringueiros e seringalistas e recrutar trabalhadores: o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA).⁸ As relações de trabalho seriam regidas por um contrato padrão aprovado pelo Banco de Crédito da Borracha (BCB).⁹

No entanto, inúmeras são as condições que tornavam tais medidas utópicas, desde a peculiaridade geográfica da região até a proposição de que o BCB fizesse a fiscalização das relações de trabalho de seus clientes, numa região tão vasta e de difícil acesso. Os seringueiros situados a grandes distâncias dos centros urbanos mais próximos - Manaus e Belém -, em sua maioria, não conheciam nenhum núcleo habitacional além de pequenos vilarejos.

O papel das Políticas Públicas neste contexto só contribuíram para ampliar a dominação de aviadores (casas comerciais e regatões), e dos seringalistas sobre a mão-de-obra nativa e de imigrantes, assegurando a continuação do sistema de aviamento.

Além do fortalecimento das relações do aviamento patrocinada pela política do governo federal, outros esforços foram implementados para assegurar a continuação da dominação das empresas extrativistas nos primeiros anos da década de 40, dentre eles destaca-se a consolidação de um "vínculo de dependência direta" entre o extrativismo da borracha e a intervenção governamental na manutenção das condições de produção por meio de tabelamento de preços, resultando em preços excepcionais mantidos pelo BCB e pelo governo norte-americano por meio de suas instituições.

Com o encerramento do conflito da Segunda Guerra Mundial, as prerrogativas do extrativismo esfacelam-se. a política econômica do governo, entre as décadas de 50 e 70, paulatinamente, foi cortando os privilégios e incentivos fiscais dos segmentos dominantes vinculados à produção extrativista.

Na década de 50, a supressão do monopólio estatal das importações e da operação final de compra e venda da borracha agravou a crise, apesar de medidas subsequentes para manutenção desta economia, via garantia de preços.

A política de diversificação das atividades produtivas, como parte do processo de expansão das relações do capitalismo na Amazônia, proporcionou a redistribuição da mão-de-obra por outras atividades econômicas no interior da região, em vista da crise no extrativismo. Criada neste período a Zona Franca de Manaus vai contribuir terminantemente para a desarticulação econômica no interior do Estado do Amazonas.

Diante das perspectivas possíveis, entre desmontar a estrutura arcaica e recriá-la em novos moldes ou deixá-la fenecer, a última alternativa foi o caminho.

2. Nas Tramas do Aviamento: *Relações de trabalho no cativoiro.*

"Toda história do passado é sempre e também história do presente."

(Massimo Canevacci)

Na Amazônia, as relações de trabalho nos seringais tradicionais, com pequenas variações de uma localidade para outra, foram estruturadas com base numa forma peculiar de organização das relações sociais: O SISTEMA DE AVIAMENTO.

Este sistema articula numa extensa e complexa rede de relações econômicas, políticas e sociais os diferentes segmentos envolvidos no extrativismo da borracha. A economia da borracha constituiu-se numa trama de relações materiais e ideais dos homens com a natureza, fundada na teia de relações dos homens entre si.

O aviamento remonta aos tempos do Brasil Colônia, em que o comerciante situado nos centros urbanos, Belém e Manaus, fornecia mantimentos a empresas ou grupos que coletavam "as drogas do sertão", para obter pagamento somente ao final da expedição. Desta forma, o

aviamento será o **embrião** de um extenso e poderoso mecanismo propulsor de toda a economia amazônica, que persiste até a atualidade - modificado e com importância atenuada. (SANTOS, 1980)

Como uma forma de crédito informal, a circulação do dinheiro praticamente inexistia, "*aviar na Amazônia, significa fornecer mercadorias a crédito*" (SANTOS, 1980:159). Assim, um ex-seringueiro ao se referir ao sistema de aviamento afirmou:

"...era difícil conhecer o dinheiro que a gente não pegava, era difícil, porque era coagido pelo patrão."

Segundo Roberto Santos (1980), a constituição do aviamento, como a principal relação econômica e social da Amazônia, consolidou-se a partir do contato da sociedade amazônica com o capitalismo europeu, sistema altamente monetarizado. Este fato resulta num aumento no índice de monetarização na região.

No município de Novo Aripuanã, na área abrangida por nosso estudo, no período em que a borracha era o principal produto da economia, a relação monetária não suplantava o aviamento, muito pelo contrário, este era o articulador das relações econômicas e sociais, promovendo a usura e diferentes formas de exploração. Na atualidade, o aviamento, embora modificado, ainda segue como regulador das relações econômicas na região.

Para SANTOS, o aviamento tornou-se possível tendo em vista as seguintes condições:

"(a) base de recursos naturais espacialmente ampla e de difícil acesso; (b) atraso [sic] das técnicas de produção; (c) índice de participação de dinheiro nas trocas nulo ou muito baixo; (d) presença de lideranças mercantis locais - autóctones ou estrangeiras - ou de agentes capazes de virem a exercê-las; (e) ligação dessas lideranças com o mercado monetizado em pleno funcionamento e que, de fora, subministra crédito; (f) demanda externa ativa sobre um ou mais produtos dessa área." (1980:155)

Para aquele autor, ao ocorrerem tais condições, "uma verdadeira imperatividade técnica do aviamento" se efetiva, conduzindo as lideranças mercantis locais a fazerem alianças com os interesses do mercado externo. Isto resultou na consolidação das teias de aviamento como sistema peculiar de exploração da mão-de-obra na região.

Ao conjunto de condições enumeradas acima por SANTOS, agrega-se a falta de alternativa econômica existente na região, tendo em vista que, assim como fora, anteriormente, a produção do cacau e a economia das "drogas do sertão". Essa economia incipiente caracterizava-se pela coleta de especiarias - ervas e óleos - e produtos exóticos existentes na floresta para comercialização.

A produção da borracha, assim como a economia das "drogas do sertão", era de cunho extrativista e de limitados resultados econômicos, mas em relação à atividade econômica anterior possuía uma organização social da produção melhor estruturada e complexa.

Com a consolidação da borracha natural como matéria-prima para a indústria, a necessidade de realizar uma produção regular tornou-se imprescindível. Esta situação conduziu os representantes do capital europeu e norte-americano a estabelecerem alianças com as lideranças mercantis locais, para efetivação de apoio logístico no sentido de organizar e ampliar as empresas extrativistas. Com essa finalidade foram subministrados créditos e outras formas de intermediações para favorecer a produção.

A imposição da relação monetária em seu caráter objetivo e impessoal foi efetivada pela expansão do sistema capitalista na região, através da implantação de um regime salarial e do incentivo à diversificação das atividades produtivas.

No entanto, as medidas implementadas não corresponderam à expansão e consolidação de relações eminentemente capitalistas, mediante a introdução do trabalho assalariado; ao contrário, findou por cristalizar as relações tradicionais do aviamento.

O aviamento configura diferentes formas de troca de mercadorias sem a utilização do dinheiro. Na ausência da circulação monetária nos seringais, os gêneros utilizados pelos seringueiros e sua família eram fornecidos - aviados - para ser pago ao final do processo de

produção (fábriço). Ou seja, o patrão fornecia os produtos necessários para a reprodução física do trabalhador e de sua família durante o desenvolvimento da atividade extrativa. Sobre as relações de trabalho na cadeia do aviamento, afirma IANNI:

"Este era o circuito fechado de relações dos homens entre si: havia o seringueiro que trabalhava a extração do látex que resultava na borracha; o proprietário de fato, ou de direito, do seringal; o aviador que provia de aviamentos o seringalista para que este provesse a si e ao seringueiro de instrumentos, utensílios, generos ou bebidas; a casa aviadora, lá em Belém [ou Manaus], e o exportador da borracha. Todos vivendo do trabalho do seringueiro, que estava na base do processo que operava a metamorfose do látex em borracha, da natureza em mercadoria."(1981:42-3)

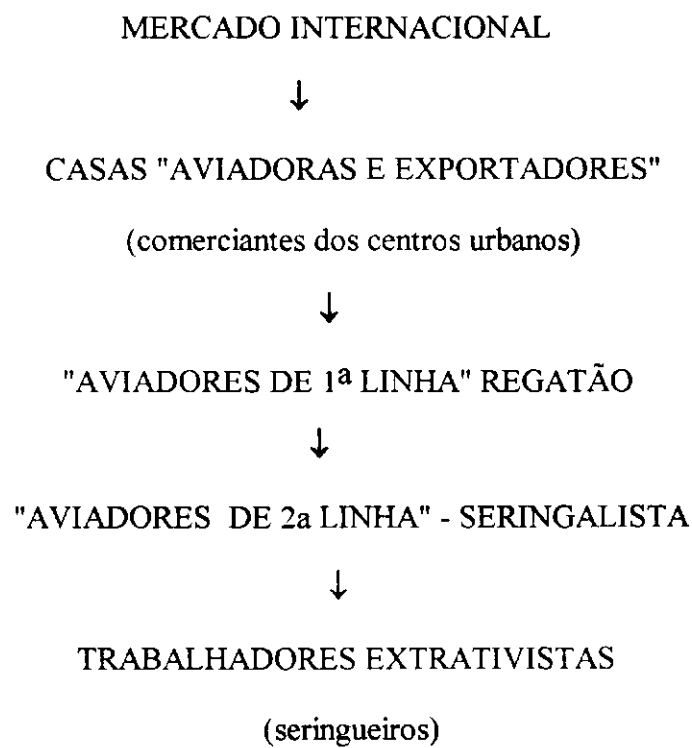
Prosseguindo em sua análise, IANNI salienta que foram introduzidos como elementos importantes na cadeia do aviamento: o capital estrangeiro e o crédito. Ambos passaram a articular a economia no interior da sociedade amazônica para dar suporte ao extrativismo da borracha.

No contexto específico de um seringal situado no município de Novo Aripuanã, a cadeia de aviamento foi definida nos seguintes termos:

"...ele [o patrão] tem o patrão dele que é o regatão que vem. Vamos dizer que ele venda o quilo de açúcar dele pro patrão - o próprio dono do seringal - de quatrocentos cruzeiros e o dono do seringal já vai vender pro seringueiro de quatrocentos e cinquenta cruzeiros, prá ganhar o dele também."

(José Augusto , filho de seringalista)

A cadeia do aviamento pode ser esquematizada da seguinte maneira:



Nesta perspectiva, o aviamento articulava os diferentes segmentos envolvidos no extrativismo numa complexa e extensa rede de relações sociais, econômicas, políticas e culturais.

A cadeia de aviamento constituía-se em uma intrincada trama que condicionava as relações de trabalho estabelecidas no interior do seringal, através de diferentes mecanismos e regulamentos, expropriando o trabalho do seringueiro e, ao mesmo tempo, garantindo a manutenção do sistema.

A relação do seringueiro com o "seu patrão" extrapolava o âmbito do simples fornecimento de bens e serviços, efetivava-se uma relação de dependência para toda e qualquer atividade que exigisse o dispêndio de recursos desde um batizado, remédios, uma viagem e outras.

O aviamento organizava as relações econômicas, políticas, sociais e culturais no extrativismo da borracha, constituindo-se *numa forma de entender, ordenar, pensar, de ver o*

mundo. Segundo ALEGRETTI, a naturalização das relações sociais no aviamento foi assimilada pelo trabalhador extrativista. A este respeito, ela afirma:

"ter um patrão não é um fato ocasional, mas natural, faz parte da ordem do mundo, sempre foi assim sempre será". (1987:32)

Portanto, no aviamento há um adensamento, uma internalização da relação, em que o patrão não representava um mero fornecedor de produtos, mas sim o tutor do seringueiro, aquele que em certo sentido determinava as condições de existência do trabalhador e de sua família no interior do seringal.

Este entendimento tornou-se corrente por parte dos seringueiros, pois desde a metade do século passado, a empresa extrativa da borracha havia predominado na estrutura produtiva local. A sociedade amazônica organizava-se através da rede do aviamento.¹¹ O sistema de aviamento em seus diferentes aspectos apresentava-se, pois, como uma forma singular de organização social e técnica das forças produtivas.

Portanto, podemos afirmar, em relação ao extrativismo, que não eram somente as condições objetivas do processo de trabalho que se apresentavam como seu resultado, o mesmo acontecia com o caráter especificamente subjetivo no qual as próprias representações simbólicas dos agentes sociais se constituíam parte integrante e renovada deste processo.

Todavia, é preciso considerar que as condições de subordinação a que estavam sujeitos os seringueiros não implicavam aceitação passiva, tão pouco normatividade sem resistência.

"...em tempo de menino, com meus 12 anos, ele [o patrão] quis me bater, (...), nesse tempo os meninos respeitava as pessoas, ainda mais os patrão, que a gente era muito coagido, aquilo me chocou demais. Quando eu completei 19 anos...ele tornou a "se sair" comigo... ai eu quis jogar os tapas com ele, desde dai me desgostei, pedi licença prá minha mãe prá mim sair."

(seu Raimundo Sá)

"...as vezes o patrão queria gritar comigo e eu não era filho, aliás nessa parte eu sempre gostei de trabalhar direito, minhas produção tudo era direitinho, mas eu me aborrecia as vezes por uma "pázinha" deste tamanho, vou largar e pegar outro seringal."

(seu Dorvalino)

Mesmo sob relações semi-servis, os seringueiros "cativos" articulavam inúmeras formas de reações de acordo com a situação e os agentes envolvidos. Enquanto havia aqueles que não manifestavam explicitamente sua indignação, outros praticavam a fuga, a venda do produto ao "marreteiro" sem que o patrão soubesse, "arengavam", criavam "casos" com o patrão. Segundo depoimentos dos seringueiros mais *antigos*, sempre se ouvia falar de "greves", onde o conjunto dos trabalhadores se rebelava contra as condições de exploração.

A espoliação sofrida pelos seringueiros não pode ser entendida como sendo restrita à relação seringueiro-seringalista, mas no interior das relações entre uma modalidade de produção, o extrativismo e o modo de produção dominante, o capitalismo. Embora a produção da borracha não se adeque aos moldes da produção especificamente capitalista, a ele estava subordinado pela condição imposta à Amazônia; ou seja, a indústria européia em sua crescente necessidade de expansão atribui a esta região o papel de fornecedora de matéria-prima.

Mas, as imposições do contexto externo não determinaram em todas as instâncias a dinâmica do extrativismo. Visto que a dinâmica das práticas sociais na organização própria das relações no aviamento relativiza as imposições e resultam numa organização social e técnica singular.

O capital, por sua condição de dominante na relação, impôs seu controle sem transformar o aviamento, mas exercendo seu domínio sobre os resultados da produção. A articulação entre os interesses dos segmentos dominantes, no extrativismo e no capitalismo, num e noutro modo de produção, permitiu a ambos a realização de seus objetivos sem que se promovesse qualquer alteração no sistema dominado, mas adequando-se às condições existentes, criando novas estratégias.

Feitas estas considerações, adentraremos no contexto das relações de trabalho designado por seus protagonistas, a saber, seringueiros, em *o tempo da sujeição*.

NOTAS DO CAPÍTULO I

1 - A técnica que consolidou a borracha como matéria-prima industrial foi a vulcanização, processo desenvolvido por Charles Goodyear (1839).

2 - A corrida às regiões produtoras da borracha vegetal caracterizou-se por dois movimentos distintos:

1o.) Um movimento que estendeu-se até o início deste século, dominado pelos interesses econômicos ingleses, teve seu ponto culminante na transferência do eixo produtor de borracha da Amazônia para o Sudeste Asiático;

2o.) O outro movimento que se estende até o presente, sob impulso Alemão, soviético e norte-americano, teve como característica principal a crescente substituição da borracha vegetal pela sintética - foi decisivo neste processo o esforço de guerra norte-americano (1936 a 1945).

3. Observa-se aí, as pressões diplomáticas dos EUA e da Inglaterra, consubstanciando-se em 1866 na abertura do Amazonas à navegação internacional. A borracha passa a ser o principal produto da região, verificando-se uma crescente especialização da economia amazônica, de apenas 10,7% em 1840, passou em 1872 a 71,9% do valor total dos produtos exportados da região (Santos apud PINTO *ibidem* p.21), tornando-se o terceiro produto brasileiro - atrás do açúcar e do café de exportação.

4. Para NORMANDO " *A arrancada sertaneja para a Amazônia foi a resultante do deslocamento da fronteira econômica pela supremacia da borracha. Inscreve-se naquela tendência de flutuação, de instabilidade, de apelo econômico arrastando a corrente povoadora a procura de um novo produto-rei.*" (apud BENCHIMOL, 1977:154).

Tendo em vista que o principal produto de exportação nordestino, o açúcar atravessava séria crise econômica pela concorrência da produção de açúcar nas Antilhas.

Segundo Roberto Santos, nesse fluxo migratório " *houve a colonização dirigida pelo governo e por particulares para fins agrícolas; parte dos imigrantes, face aos fracassos das colônias, encaminharam-se para os seringais. Houve imigração espontânea. E houve imigração induzida por intermediários mais ou menos inescrupulosos, que arregimentavam gente no Nordeste brasileiro para os trabalhos extrativos da borracha.*" (1980:87)

No entanto, a principal força propulsora da imigração nordestina neste período foi a seca devastadora que ocorreu no nordeste em 1877 e anos seguintes.

5. " *Os resultados experimentais positivos, aliados ao crescente preço que a borracha vinha alcançando nos mercados internacionais, iriam dar origem às primeiras plantações comerciais da hévea. Tratava-se ainda de empreendimentos modestos [nas florestas de Cingapura e Malaca], muitas vezes intercalados com tapioca ou gambier, mas que iriam transformar-se no embrião da futura expansão gomífera da região.*" (PINTO *idem* p.32)

A implantação dos empreendimentos ingleses no sudeste asiático, na década de 1900, foram favorecidos: primeiro pela infraestrutura agrícola da região; segundo pelos conhecimentos técnicos básicos existentes. Estas condições contribuíram para o sucesso do consórcio entre capitais privados e recursos governamentais da administração colonial inglesa. Do lado técnico, a sangria por excisão, ao invés do tradicional método de incisão, utilizado na Amazônia, contribuiu enormemente para o aumento da produtividade, além de permitir um considerável prolongamento da vida útil da seringueira.

Em relação à infraestrutura foram criadas condições, dentre elas destaca-se: meios de transporte através da ligação ferroviária; ampliação da área de atividade agrícola; estímulo ao fluxo de mão-de-obra (distribuição gratuita de passagens marítimas da Índia para a Malásia).

6- Os problemas da economia Amazônica não despertavam interesse nas forças políticas dominantes na Primeira República, francamente dominada pelos interesses cafeeiros, e nem mesmo os capitais nortistas mostravam interesses pelo futuro da região. Por outro lado, os grupos dominantes na Amazônia, não obstante seu modesto peso político, reivindicavam do governo central a criação de condições para manutenção de atividades extrativistas, via garantia de preços ou através de um programa regional de desenvolvimento capaz de criar uma infinidade de pólos produtivos por toda a Amazônia, mantendo os moldes onde a produtividade era alcançada via espoliação da mão-de-obra.

7- O pacto itálico-germânico (1936 - a formação do eixo), o rearmamento alemão impulsionaram um aprovisionamento de matérias-primas essenciais para a indústria, principalmente, por parte da Alemanha, tendo em vista que a produção da borracha vegetal estava concentrada em regiões dominadas pela Inglaterra, Holanda e França. Assim, o impulso da rearticulação das economias capitalistas (EUA), " a formação dos estoques estratégicos" (Alemanha e Itália), foram fatores que contribuíram para a elevação da cotação da borracha.

8- Entre outras providências o SEMTA determinava que:

Do valor líquido apurado após a venda da borracha, 60% caberia ao seringueiro, 33% ao seringalista e 7% ao proprietário;

Ao seringueiro era facultado o direito de cultivar a terra até um hectare;

Assegurava-se ao seringueiro a meação das castanhas que colhesse e a propriedade das peles dos animais que abatesse;

9- O BCB tornou-se um banco de desenvolvimento regional. A partir de 1950 adota o nome de Banco de Crédito da Amazônia S. A. e de Banco da Amazônia S. A. (BASA) desde 1966 até os dias atuais. Após a implantação de suas agências e dos armazéns para recebimento do produto, o BCB passou a monopolizar a compra e a venda de toda a borracha produzida em todo território nacional. A Comissão de Controle dos Acordos de Washington fazia a supervisão do programa de ampliação da produção da borracha, contando com a colaboração da Rubber Development Corporation (RDC). Para que esta política de desenvolvimento desse certo era imprescindível superar duas limitações principais: a escassez de mão-de-obra e a falta de condições de vida e de trabalho para trazer e fixar imigrantes na região.

10 - A *venda* a que ele se refere é o valor de troca atribuído ao produto e não ao dinheiro em espécie.

11 - Para ALEGRETTI (1987), este era um sistema de crédito oficial baseado em uma política nacional de proteção à borracha nativa, buscando desta forma assegurar a continuidade dessa economia.

CAPÍTULO II - VIVÊNCIAS E IMAGENS DO CATIVEIRO

O município de Novo Aripuanã historicamente teve um papel importante na economia do estado do Amazonas, produzindo um expressivo volume de borracha nativa, sendo que a maior parte dessa produção advinha das empresas extrativistas.

A produção da borracha nesta área estava estritamente vinculada às condições naturais, pois a base produtiva pautava-se na extração do látex da seringueira nativa. A heveicultura - cultura de seringueira - não foi desenvolvida de forma significativa.¹ As empresas extrativistas ou seringais tradicionais eram formados por seringais nativos.

Para LEANDRO TOCANTINS, ao surgirem empresas extrativistas como centro articulador da produção da borracha, estas transformaram *"quase inteiramente o*

processo econômico, o que veio a refletir no modo de vida das populações, anteriormente engajadas em outros misteres. O regime oniprodutivo, latifundiário da borracha afastou o homem das culturas agrícolas, aristocratizou a figura do patrão, aviltou a do seringueiro e estimulou a expansão do latifúndio a feições antes desusadas ou, ao menos, amortecidas pela coleta móvel das drogas e emprego da terra em pequenas agriculturas." (apud SALLES, OP. CIT., P.101)

Desta maneira, as empresas extrativistas se constituíram num sistema incompatível com a autonomia do trabalhador, haja vista que nos seringais tradicionais do rio Madeira, o aviamento assumia contornos bem específicos, definido no termo pelo qual as empresas extrativistas eram conhecidas na região, ou seja, "cativeiro"; e os seringueiros que aí trabalhavam eram chamados de "cativos" ou "sujeitos".

A sujeição se expressava na forma de trabalho predominante neste contexto; a relação de freguês. Como revela seu Zito, o freguês tem uma vida muito sofrida, semi-servil: *"Vou te contar o 'remanso' de seringueiro, é cativo."*

1. Formas de Trabalho no Extrativismo: "*Todo mundo tinha de trabalhar de freguês*"

As relações de trabalho no extrativismo tinham como forma característica o trabalho de freguês. Esta forma de trabalho foi descrita pelos seringueiros como a que predominava antes e após 1920, sendo que esta relação predominou no interior das empresas extrativistas, e estas por sua vez predominavam o cenário da região até os primeiros anos da década de 70.

Os seringalistas, em geral, preferiam trabalhar com freguês, por ser esta a forma mais prática de manter sob controle os trabalhadores extrativistas.

"...todo mundo tinha de trabalhar com freguês, ou trabalha com freguês, ou então passava fome, que não tinha seringal prá cortar. Não davam de meia, nem arrendavam. Porque tem dono de seringal que não gosta de dá de meia, nem arrendado porque tem medo de fazer estrago nas seringueiras, por isso ele pede prá trabalhar de freguês. De freguês ele tá em cima, ele pode até dá um ralho nele porque ele tá trabalhando de freguês, tem de cortar a seringa, a seringueira direito!"

(seringalista)

Para a realização do processo de trabalho na relação de freguês, os produtos, e em alguns casos, os instrumentos para produção eram fornecidos pelo patrão ao seu freguês no início do "fabrico". Nesta forma de trabalho, a borracha ia sendo produzida para ser entregue ao patrão apenas ao final do fabrico. Ao final deste período, chegava o momento de "acertar as contas", ou seja, contabilizar o que foi fornecido com antecedência pelo patrão. Após toda a contabilização, o que restava, se constituía no "saldo" do seringueiro.

O seringueiro que trabalhava como freguês se subordinava aos ditames do patrão, que na condição de proprietário do seringal e fornecedor de mercadorias, assumia a direção, o comando, enquanto pólo dominante da relação de freguês, constituindo-se uma relação entre dominante e dominados; **uma relação de exploração.**

"O freguês nunca muda de camisa só trabalha pro patrão..."

(ex-seringueiro)

"...de seringal em seringal, eu saia cortando, passava um ano, dois, três anos,(...),trabalhando de freguês, sempre com patrão, sempre maltratado, de qualquer maneira coagido, porque pelo patrão a gente é todo tempo forçado!"

(ex-seringueiro).

Para o seringueiro a questão principal era a subsistência de sua família, assim como a pauperização pela dívida contínua como resultado natural da troca desigual entre produtos - preço da borracha baixo e preços elevados das mercadorias.

A exploração exercida pelo seringalista se concretizava através de diversos mecanismos. Dentre eles destacavam-se: **o fornecimento de produtos acima da tabela; o monopólio da produção do seringueiro (a entrega obrigatória do produto ao patrão); o monopólio do fornecimento de produtos (com preços inferiores aos tabelados na região); desconto da tara.**

Como freguês, o seringueiro obtinha junto ao patrão os produtos para sua manutenção e de sua família acrescidos de "juros extras." O trabalhador de um seringal não podia sob nenhuma hipótese comprar produtos a não ser de seu patrão. Quando este não possuía determinado produto, o seringueiro e sua família tinham que se privar de sua utilização.

"Naquelas época que nós começou trabalhar, o açúcar era difícil, o café era difícil..."

(seu Ademar)

"Aí o camarada tem que ficar até semanas sem tomar café ."

(seu Doca)

"Só trabalha pros patrão. Eles cismam que não chega a borracha que não deu prá eles cobrir. Eles não dá mais nem o açúcar nem o café ."

(seu Nonato)

Os seringueiros tinham dificuldades em efetuar questionamentos sobre as condições de existência a que estavam submetidos, pois, a predominância na região da cobrança de "juros extras" sobre os produtos fornecidos pelo patrão ao trabalhador e o caráter de sujeição reinantes nas relações de trabalho haviam se tornado uma prática corrente, consolidando assim a naturalização da exploração.

Em relação à comercialização da borracha, a situação também era de monopólio do patrão, que possuía direitos exclusivos sobre a produção do seringal.

"...basta dizer que lá nesse lugar Belém, embarcação nenhuma particular não encostava, num encostava não senhora! Se ele p. ex., tivesse que encostar, ele encostava fora do porto."

(ex- seringueiro)

Se por extrema necessidade o seringueiro comercializasse a borracha, por menor que fosse a quantidade, ele poderia ser preso, *ir parar no xadrez* como diz seu Pedro:

"Se você vendesse...era preso e era ladrão. Ladrão!"

(seu Gabriel)

O preço oferecido pelo patrão ao produto do seringueiro era bem inferior ao da tabela oficial da região, mas o seringueiro obrigatoriamente tinha que entregar a ele a produção. Esta determinação impositiva tornava possível a redução do preço, tendo em vista que o produtor não podia comercializar seu produto com outro comerciante que oferecesse melhor preço.

Sobre esta situação o seu Luis Gonzaga, que trabalhou de freguês durante quarenta anos e somente há um ano tornou-se gerente, relata que sempre "*trabalhava pela metade do preço da concorrência.*"

Eram inúmeras as estratégias desenvolvidas pelo seringalista para tornar o seringueiro "cativo", sujeito. Além da redução do valor do trabalho, do monopólio na comercialização, o seringalista ainda recorria a outro expediente para ampliar sua margem de ganho: *o desconto da tara - desconto no peso da borracha pela água que possa ter ficado acumulada após seu processo de produção.* Sobre o desconto da tara seu Raimundo relata:

"...ai tirava aquela tara infeliz, né, ainda pagava pela metade do preço..."

Uma grande parcela dos trabalhadores percebiam que a "não obtenção" do saldo devia-se à espoliação acentuada. Mas, efetivamente, nem todos tinham esta percepção, para muitos a dívida era expressão de sua incapacidade, sua limitação como produtor.

Quando não era possível obter o saldo ao seringueiro restava a dívida. Desta maneira, a dívida tornava-se o instrumento mais eficaz de sujeição, pondo em jogo, além das condições sociais de produção, valores morais e éticos que compunham o universo desses agentes sociais, que assentavam na honra, na honestidade e na lealdade, gerados no âmbito da relação do seringueiro e do seringalista, concorrendo, através de seu fundamento ideológico, para a disposição para o trabalho e o respeito aos compromissos assumidos. É importante enfatizar que tais códigos sociais atuavam para que o conceito de trabalho se efetivasse na sujeição, pautado num determinado fazer social que legitimava a dominação.

"...agente trabalha na seringa, só trabalha pro patrão. Nunca a gente trabalha prá gente, só trabalha pro patrão, feliz quando finda o fabrico ele [seringueiro] não sai devendo...isso é muito difícil, ele não sair devendo."

(ex-seringueiro)

Assim, os seringueiros manifestavam uma forte tensão pelo fato de serem considerados preguiçosos, em relação aos demais trabalhadores que obtinham saldo, e ainda pelo compromisso de saldar a dívida para não serem vistos como desonestos.

Ter "saldo" torna-se um "ponto de honra".

Mas, além da questão moral, a dívida tinha uma face ainda mais perversa, que se refere à redução do montante de mercadorias que ele podia ter acesso, penalizando o produtor e sua família de gêneros básicos para alimentação e atendimento de outras necessidades objetivas de reprodução de sua família.

Na tentativa de fugir do endividamento, o seringueiro criava suas próprias estratégias para contrapor-se às utilizadas pelo patrão; desdobrando-se no processo de trabalho, ampliando sua jornada, já bastante extensa; requisitando o trabalho da mulher e dos filhos.

Mas, além do conjunto de dificuldades enfrentadas pelos seringueiros, havia outro agravante: a maioria deles não era alfabetizada, o que os sujeitava a serem enganados nas contas. Nossos informantes enfatizam que nesta área este fato ocorria com pouca frequência, pois os esquemas de exploração já eram bastante eficazes. O fato de não serem alfabetizados não era determinante no *engano nas contas*, mas a falta de acesso às contas, isto sim, dificultava ao seringueiro a verificação de seu saldo ou de sua dívida.

Com relação ao seringueiro ser enganado nas contas, por não saber ler e escrever e efetuar operações básicas, explica José Augusto:

"Mas, vamos dizer que a borracha dele [seringueiro] der 100 quilo, ele tira a tara, mas ele faz a conta certa e se ele tiver algum engano, o seringueiro mesmo, por mais que ele não saiba somar, dividir, mas ele manda outra pessoa ver se tiver engano(...)ele acerta com ele. Mas eles não são enganados assim, roubados assim,(...) mas, quando eles tiram saldo e coisinha pouca mil, dois mil, cinco mil por mês."

Percebe-se que os seringalistas eram considerados "*homens de bem*", estavam acima de qualquer suspeita no sentido de armar esquemas para "enganar" explicitamente o trabalhador. Os mecanismos usados por eles eram tidos como legítimos por serem praticados historicamente. Assim, não só o seringalista mas também um grande número de seringueiros visualizavam esta prática como natural na lógica do sistema de aviamento: a troca de serviços e produtos era considerada justa. Isto significa dizer que, de certa maneira, a dominação se fundava não somente no plano das relações de trabalho - "semi-servis" - mas mediante mecanismos de caráter extra econômico, sociais e culturais que se interpunham na lógica social, destes agentes. Ou seja, a dominação se efetivava tanto ao nível das condições materiais de produção como através da manipulação da subjetividade dos agentes sociais.

Em resumo, as estratégias utilizadas pelos seringalistas para manter sob controle os seringueiros iam desde aquelas mais visíveis - a exemplo de algumas práticas repressivas - até as menos explícitas, como aquelas que eram mascaradas por uma face humanitária - a relação de compadrio e amizade.

"...o patrão botava aquele prêmio pro seringueiro que produzisse mais era dono do prêmio."

(ex-seringueiro)

"Os patrão de lá conquistavam a gente, daqui e dacolá, até desvirava a cabeça da gente, prá gente ir trabalhar"

(seu Luís)

No aviamento, os produtos mais comuns fornecidos pelos patrões eram o óleo, o açúcar, o sal, a bolacha "água e sal" (em raras ocasiões) e produtos de limpeza como sabão em pedra.

No momento em que o papel de fornecedor não era plenamente preenchido pelo seringalista, na medida em que não repassava os produtos necessários ao seringueiro. As famílias buscavam outras alternativas aos produtos não fornecidos, por insuficiência de crédito ou por estar faltando no barracão e na tentativa de atenuar a dependência dos produtos

fornecidos pelo patrão, recorriam a improvisação utilizando para atender às necessidades existentes os produtos da "...nossa mata ", assim eram usadas, p. ex., em substituição ao sabão ervas nativas

Como narram em seus depoimentos alguns ex-seringueiros:

"... nossa mãe, naquela época sabão era difícil (...) ela botava... tem um mato chamado vindicá".

(Doca, ex-seringueiro)

"... minha mulher cansou de fazer isso, era ananazinho daquele verde, ela cortava prá lavar o sujo que não tinha sabão, (...), cansou de lavar nossa roupa com folha de mamão."

(R. Sá, ex-seringueiro)

A utilização de produtos alternativos se devia, principalmente, ao fato de que apenas os produtos fornecidos pelo patrão não eram suficientes, não englobavam o conjunto das necessidades da família. Embora a utilização dos produtos da mata tenham como elemento fundante a tradição cultural outro componente se agrega: a busca de atenuar a subordinação ao patrão pela dívida.

É fato ainda que, a ausência de muitos produtos, ou o fornecimento de produtos em péssimo estado de conservação, comprometiam seriamente a saúde dos trabalhadores.

Diante desta constatação médico Araújo Lima afirmou sobre o regime alimentar do caboclo do Amazonas.

"...o nosso caboclo, que é capaz de comer, despropositadamente, em geral come pouco e irregularmente, interrompidamente, jejuando por dias e semanas. Um chibé, que tem por base a farinha d'água, muitas vezes, o alimento exclusivo dum homem nas vinte e quatro horas.

Indivíduos há que passam dias e dias nesse regime, ou noutros equivalentes deficientíssimo para os dispêndios orgânicos." (apud SALLES, p.174)

Sobre a alimentação no período de produção da borracha, os seringueiros, em geral, afirmam o seguinte: *"A gente sai pro mato, assim distante, ninguém tinha uma merenda prá levar prá comer"* (seu Raimundo Sá). A merenda a qual ele se refere trata-se de café com farinha, quando não havia café era *"apertar a cana num 'capa bode', saía garapa.*

"Aí de tarde a mulher tinha coisa de ferver aquela garapa prá de madrugada só botar prá refterver e fazer o cafezinho e tomar. Assim, também meu pai cansou de fazer isso."

(seu Raimundo Sá)

"A gente chega as vezes onze horas, dez horas da estrada, as vezes não tem o que comer, agente tem o outro trabalho também no roçado da gente: - Velha faz um frito de farinha aí , prá mim aguentar o estômago. Num tem nada prá almoçar, num tem. Então nós vamos comer só de noite, porque a hora que eu chegar eu vou trabalhar. Eu pegava meu terçado e quando dava cinco horas [da tarde], bem não aguento mais a fraqueza, as pernas tavam tremendo. Quando chegava na beira [do rio]: - Ei velha! traz a tarrafa! Aí ela trazia prá mim na beira, aí eu pegava meu peixe. Quando era sete, oito horas [da noite] já tava em casa, então nós ia jantar".

(seu Dorvalino)

O cultivo de fruteiras para o consumo familiar era outra estratégia utilizada pelo grupo familiar para atenuar a escassez de alimentação. As árvores frutíferas eram plantadas ao redor da casa no "terreiro."

No período em que a cotação da borracha estava em alta, mesmo a plantação de fruteiras era proibido pelos patrões para que não se desperdiçasse tempo em outra atividade que não fosse com a produção da borracha.

Assim como as frutas, em número reduzido, eram criados animais de pequeno porte no "terreiro" aos cuidados da família como porco, galinha, mutum, patos, etc, que se constituíam em alternativa alimentar ao peixe em dias de festa, aos domingos ou, no caso das galinhas, quando a mulher paria.

As frutas cultivadas e mesmo aquelas que eram obtidas pela coleta na mata e as pequenas criações não podiam ser comercializadas livremente pelo seringueiro, **toda a produção do seringal era monopolizada pelo patrão**. Os recursos naturais, *as frutas do mato*, por exemplo, contribuíam para atenuar o consumo de produtos industrializados e, principalmente, serviam para complementar a alimentação.

"Se era prá comprar porco a gente tinha da criação da gente, fazia o trabalho da gente tranquilo."

(ex-seringueiro)

Esse conjunto de recursos a que tinha acesso o seringueiro e sua família contribuía inegavelmente para dificultar a percepção da extrema exploração a que estavam submetidos com a produção da borracha. Isso, tendo em vista que o seringueiro "cativo" produzia riquezas, mas não para si.

"E as vezes o porco dava prá vender. A roça a gente vendia também, roça, milho. Fazia milharal, tinha ano que fazia milharal grande, tinha ano que não, era só para o consumo mesmo, melancia também, tinha ano que a gente fazia grande, tinha ano que era pequeno, só pro consumo. Agora roça, fazia muita roça, fazia muita roça na varge, né? Roça grande, juta, fazia muita juta, 1 quadra, 2 quadra de juta. Meu cunhado morava comigo e tinha ano que a gente fazia 3 quadra de juta, depois de tirar a juta, a gente plantava o milho, plantava semente de melancia...plantava tudo, quando era de legumes,

né! Deus o livre. A vida aqui do Amazonas é muito diferente dos outros lugares, tenho certeza que é; porque a gente não tem ...eu só imagino isso, que a gente não tem valor... valor, eu digo, assim porque ninguém tem documento, não pega documento nenhum, dessas coisas, não é como quem trabalha de empregado que pega tantos anos de empregado, quando sai é muito bem preparado, né? Pega muito valor, e nós não, coitado daquele com hora (...)"

(seu Pedro)

A roça de mandioca para fazer a farinha, acompanhamento fundamental nas principais refeições do caboclo, no período de preços elevados da borracha era proibida pelo patrão. A privação da farinha se constituía num castigo sem paralelo, que podia gerar revolta, assim era preciso importar de regiões próximas, gerando muitas reclamações pela baixíssima qualidade do produto, que pelas condições insalubres de conservação nas embarcações, chegava ao seringal praticamente imprestável para o consumo humano.

"O cultivo de gêneros agrícolas fora desestimulado, quando não proibido, pelos seringalistas, receosos de perderem seus avultados lucros comerciais. Em consequência, o padrão de alimentação na região era o pior possível. Conservas e enlatados, ao lado da carne e pescados secos, frequentemente deteriorados pelo demorado e pelas condições climáticas vigentes, eram vendidos a preços exorbitantes."(SOUZA 1915 apud PINTO,1984:42)

"...a gente plantava a roça, alguma coisinha que a gente plantava era assim pouquinho, porque ele não consentia de vender nada, botava uma dificuldade grande..."

Não eram apenas os produtos alimentícios que o patrão chegava a fornecer, de acordo com a localização do seringal, ele podia suprir de instrumentos de trabalho, habitação e outras condições necessárias para a atividade extrativa.

"... aí no Belém [seringal] ele dava,(...), só o que nós comprava era a lamparina, (...) só o que ele tinha de bondade (...), eu saí de lá comecei a trabalhar nesses seringais ficou na minha responsabilidade, eu comprava..."

(R.Soares, ex-seringueiro)

"Teve época que o seringueiro, tinha patrão que ele dava tigela, o balde e até a casinha prá morar".

(Zito)

"E como aí no Belém, ele mandava tirar logo palha, mandava fazer a casa do seringueiro todinha!"

(seu Raimundo, ex-seringueiro)

"A gente chegava lá, ia trabalhar, mandava limpar todas as estradas, mandava fazer barraco. (...) Lá tinha o defumador(...), no seringal do alto é isso. Aí ele dava a tigela e a estrada. Agora aqui no baixo não, a gente ainda vai limpar a estrada, ajeitar...Tudo era comprado, tudo. Comprava tigelamento completo, lá se comprava mil tigelas."

(seu Doca)

Dentre os seringais próximos ao Município do Novo Aripuanã (*no baixo*)², apenas o seringal Belém fornecia os vasilhames, nos demais os seringueiros tinham que obter com recursos próprios. No entanto, nos seringais mais distantes (*no alto*) essa era uma prática comum, o patrão fornecer os instrumentos de trabalho, a casa e o defumador, dando todas as

condições para o trabalho, embora é certo, que tais beneficiamentos, em geral, eram descontados do saldo do seringueiro.

O mais comum era que os próprios seringueiros comprassem, como podemos observar em seus depoimentos:

"Lá onde eu trabalhava nunca patrão deu nada, a gente era que comprava."

(seu Manuel, seringueiro)

"O patrão que quer empatar o camarada tudo é vendido."

(seu Doca, ex-seringueiro)

"O meu não dava nada disso."

(L.Gonzaga, seringueiro no baixo)

Nos seringais em que os utensílios eram fornecidos ao seringueiro, em caso de perda os objetos perdidos eram pagos ao patrão.

"...ai dava tigela, mas num dava a faca nem balde no que perdia pagava."

(ex-seringueiro)

"Se perdesse pagava mesmo, conferia dava 300 tigelas, ai quando era no final das safra já não é aquelas tigelas, faltava 50 ou 30, ou 20, a pagar aquelas tigelas."

(seringueiro)

A forma de trabalho de freguês era a que predominava nas empresas extrativistas nos períodos históricos em que a borracha estava em alta cotação. No entanto, além do trabalho de freguês, o trabalho de meia e o arrendamento foram formas de trabalho utilizadas pelas empresas nos momentos em que a borracha se encontrava desvalorizada no mercado. Assim, embora a forma predominante fosse de freguês (típica do aviamento), as diferentes formas coexistem e o predomínio de uma sobre a outra está articulada, de certa forma, a política da borracha e a demanda pelo produto a nível nacional e internacional. E, também, fundamentalmente, pela relação entre seringueiro e seringalista no interior do seringal.

Partindo deste pressuposto, entendemos que a ação do trabalhador no processo de trabalho (produção da borracha), embora em sua forma aparente, seja uma atividade isolada entre seringueiro e natureza, tem como pano de fundo um conjunto de determinações gerais, que se combinam com as específicas. Assim, o domínio que o seringueiro tem se restringe apenas ao processo de trabalho:

"Era prá tirar lenha, era prá roçar o campo,..."

(ex-seringueiro)

Todavia, o domínio do seringueiro sobre o processo de trabalho extrapolava o âmbito da produção da borracha, principalmente naqueles seringais em que não havia outros trabalhadores, tendo o extrativista que exercer as demais atividades acessórias e necessárias a produção da borracha.

"Não senhora, não existiam não, prá nós não. Só seringueiro mesmo."

(ex-seringueiro)

"Só mesmo prá tomar nota [guarda-livros] do que entregava no barracão. A mercadoria não dava, eles vinham buscar, chegava lá só faziam tomar nota, a compra vinha daqui [sede do município]".

(ex-seringueiro)

Mesmo naqueles seringais em que atuavam outros trabalhadores para dar suporte a atividade desenvolvida pelo seringueiro, o processo de trabalho na coleta do látex era uma atividade solitária. Entretanto, a produção solitária do seringueiro, neste contexto, só se rompia quando ele ensinava ao filho a profissão ou quando sua companheira o ajudava na atividade.

A participação da criança na atividade extrativa da borracha ocorria no momento em que esta alcançava a idade de oito ou no máximo dez anos. As crianças, quando do sexo masculino, "os curumins", *ajudavam em casa* até atingir a idade de ir para estrada cortar seringa com o pai, até poderem assumir uma estrada sozinho.

"Perdi minha infância num tronco de seringueira."

(P.F. - ex-seringueiro)

A participação das mulheres na atividade se dava, em geral, quando o saldo era muito pequeno, insuficiente para a manutenção da família ou mesmo pela ausência de outros trabalhadores que dessem suporte às atividades de produção. Mas, a atuação da mulher se dava também em outras atividades secundárias (roça, plantio, criações e outras) para que sua família tivesse condições básicas para se reproduzir. Assim, a mulher do seringueiro tinha um papel fundamental como produtora suplementar. As meninas - as cunhantãs - ajudavam a mãe a cuidar das atividades domésticas.

Observa-se que, nos períodos em que havia uma exigência de ampliação da produção, em que o trabalhador precisava se dedicar quase que exclusivamente à atividade extrativa, era que a mulher assumia as demais atividades antes exercidas por ele.

"Afinal de contas a mulher trabalhava igualmente a um homem na roça, ajuda a roçar, ajudava a plantar e ajudava em tudo".

(ex-seringueiro)

Quando acontecia também algum problema de saúde ou acidente que deixava o seringueiro impossibilitado de trabalhar, ou mesmo no caso de sua morte, as mulheres assumiam o processo de trabalho para poderem manter sua família.

Ainda hoje, como naquele tempo, as mulheres exercem outros papéis importantes, como: o de *rezadeiras e parteiras*. As rezadeiras fazem *rezas para todos os males*, em crianças para livrá-las do "quebranto", "mau-olhado", "espinhela caída", "desmentiduras", "mordida de cobra" ...

As atividades realizadas pelas parteiras, assim como as das rezadeiras, são muito respeitadas por todas as pessoas. São elas que têm a função de fazer os partos e dar as orientações às parturientes. Mesmo nas localidades onde existe médico, elas têm sua clientela assegurada. Em geral, não cobram seu trabalho, recebendo na maioria das vezes objetos que simbolicamente representam o pagamento.

Observamos assim que a mulher tem seu reconhecimento social assegurado pelas diferentes funções que assume.

Na atividade extrativa do látex o seringueiro trabalha, predominantemente sozinho, mas não é este aspecto que determina o seu domínio sobre o processo, seus instrumentos e seu tempo de trabalho. Ao afirmarmos o domínio do seringueiro sobre o processo de trabalho, tomamos por base que ele é o único responsável e dirigente do conjunto dos elementos do processo de trabalho. Pois o papel de domínio do patrão vai-se efetivar sobre o produto, a troca desigual entre produtos, tendo o seringueiro a autonomia para dirigir sua atividade produtiva. Efetivamente se manifestavam aí inúmeras determinações externas, posto que o seringueiro não se encontrava, enquanto agente social em sua prática, dissociado do contexto geral da sociedade, mas enredado num conjunto de relações.

A cotidianidade do trabalho no processo de produção da borracha nos mostra elementos significativos sob o ponto de vista de apresentar este processo de trabalho como domínio restrito do trabalhador. Isto posto e considerando que é ele próprio quem determina, que dirige o processo de trabalho, como se poderá observar a seguir partir da descrição do seu dia de trabalho.

2. Cotidiano do Seringueiro: "É a gente que faz. É."

Durante o período do fabrico, os dias dos seringueiros repetiam-se rotineiramente. O horário de saída de casa para a estrada de seringa variava entre uma e duas horas da madrugada.

"Eu não tinha horário certo, era meia-noite, uma hora, duas horas. Era o mínimo prá gente sair."

(seu Raimundo)

"E se acorda uma, duas horas da madrugada, aí sai pro seringal, né? Cortando até o fim da estrada, na vorta da estrada que a gente fazia [descansava] para esperar o leite escorrer um pouco."

(dona Francisca)

Na estrada de seringa, o extrativista cortava em média 236 árvores por dia de trabalho, com rendimento variado, pois em algumas estradas as seringueiras dão mais látex que em outras. Nos seringais que ficam mais embrenhados na floresta, "lá prá banda dos altos" as seringueiras possuem *leite* com maior abundância, enquanto as que ficam "aqui mais pro baixo" produzem bem menos por árvore.

"Tem estrada que dá cinco, tem estrada que dá seis litros, tem estrada que dá dez litros, tem estrada de nove e assim, né?"

(ex-seringueiro)

"(...) é de conformidade com o leite, né? Eu nunca encontrei estrada que desse menos de dez litros (...). É que eu não gostava de pegar estrada de quatro ou de

cinco litros, quando eu pegava estrada eu sabia quem ela era, era dez, quinze litros"

(Doca, ex-seringueiro)

"O freguês produz, a estrada sendo boa ajuda o freguês, se for boa!"

(R.S., ex-seringueiro)

Desta forma, percebe-se que a produção do látex não dependia exclusivamente do esforço e do tempo dispendido na atividade extrativa, mas também das condições naturais, como a localização do seringal e ainda as condições de conservação da estrada.

"É porque a estrada do seringal é uma estrada conservada, né? é pouca consumição; dá prá gente produzir muito. Tem estrada do interior daqui do baixo, a estrada maior é de dezoito litros; a mais

arrebentada aí ela baixa (...), aí não tem tabela, tem estrada até de dois litro".

(ex-seringueiro)

A estrada conservada permite melhores condições de trabalho pela facilidade de deslocamento entre uma árvore e outra, prevenção de acidentes, picadas de cobra escondida no caminho sob o mato e árvores derrubadas, quedas, etc. Estas condições vão facilitar uma maior produtividade, principalmente se aliadas a fatores naturais, ou seja, se o processo de trabalho for desenvolvido numa estrada onde as seringueiras, pelas condições naturais existentes, tenham uma boa produção de leite.

"Tinha vez, tinha lugar que a estrada tinha uma boa distância prá pegar o primeiro toco prá começar a cortar."

(dona Francisca)

Na atividade do corte da seringueira ele gastava em torno de cinco horas diárias, utilizando uma média de 368 tigelas.

"A gente saía meia-noite quando era seis horas da manhã a gente já estava fechando o corte. É assim como eu estou falando, lá já espera no mato, aquela que a gente passou cortando, aquela já tinha descido o leite todo."

(seu Pedro Colares)

Na coleta do látex o seringueiro dispndia em torno de duas horas para recolher o leite em balde, ao finalizar esta etapa o dia já estava amanhecendo. Terminado o trabalho na estrada, ele retornava para casa para defumar o leite e transformá-lo em borracha.

"Conforme o tipo da borracha, conforme a borracha fica grande, menos horas a gente leva, e quando ela tá pequenininha mais a gente demora".

(seu Carlos)

O processo de defumação que perdurou até o final da década de 1970, além de demorado e cansativo - duas horas em média -, era um dos principais causadores de doenças nos seringueiros. Pois a ingestão diária da fumaça, com o passar dos anos, resultava em problemas pulmonares.³

Após o processo de defumação, seguiam para o roçado de onde só voltavam ao final da tarde, para pegar a tarrafá - rede de pesca - e seguir para o rio em busca do peixe. Seu Gouveinha lembra *"...ia pro rio a hora que chegava do mato, ia pro rio tarrafear, era quando adquiria um peixinho."* Ao retornar da pesca, à noite, a mulher iniciava o preparo do jantar com o peixe trazido. E, após o jantar, o seringueiro recolhia-se para dormir no máximo

três horas, a média geral são duas horas de dormida por noite. Seu José conta que: *"Quando chegava da pescaria, dizia: - Mulher faz uma comidinha prá eu enquanto vou dar um sono. Chegava dez, onze horas ela fazia aquela comida, eu dormia uma, duas horas. Até hoje eu tenho este costume."*

O processo de trabalho na coleta da borracha era bastante rudimentar e tinha por base a tradição indígena. A partir da reconstituição histórica do processo de trabalho, verifica-se que a mudança introduzida, nos últimos anos da década de 1970, foi o abandono da defumação no processo de transformação do látex em borracha, para a utilização da prensa; reduzindo o tempo de trabalho e tornando menos cansativo o processo.

Observa-se que o processo de coleta do látex realizava-se durante a madrugada. Para estes produtores a noite é dividida em dois momentos: *"a boca da noite"* (período que vai até a meia-noite) e a *"noite"* (madrugada). Segundo seu Gouveia a coleta do látex ocorria:

"...só de noite, é mesmo, fica mais fácil de fazer outro trabalho em casa, né? Para fazer outro trabalho. E mesmo a produção produz mais à noite, porque acho o tempo mais frio, e dia não, fica muito quente."

"Nós só cortamos de noite. Aqui o nosso trabalho é só de noite."

(seu Luis Gonzaga)

"É porque prá fazer outro trabalho, e mesmo, é melhor cortar de noite."

(seu Nonato)

Como se pode observar, a partir destes depoimentos, dois motivos determinavam a realização do processo de extração do látex à noite: o primeiro prende-se ao fato de o

clima durante a noite ser mais ameno, pois no período em que se realizava o fabrico - nos dias quentes do verão - o sol forte reduz a liquidez do látex, dificultando seu escoamento, reduzindo a produção. O segundo motivo é a possibilidade de ter o dia livre para outras atividades produtivas: o roçado, a criação, a pesca, tirar lenha, etc.

A realização do processo de trabalho durante a noite despertava os seres que habitam a floresta e o imaginário popular, cujas histórias eram narradas através de "*causos*" sobre "*visage*" no momento que desenvolviam a atividade produtiva, apesar das muitas afirmações de que "*...aqui é uma terra mansa.*"

As alterações do cotidiano no interior do seringal ocorriam no final de semana, apenas um dia, domingo, quando todos se reuniam para *um futebolzinho*, a "pinga", as conversas com os vizinhos e as visitas aos compadres: para em seguida retornar à produção da borracha.

Muito embora demonstrem uma apreciação muito grande por festejos, a participação em festas acontecia em raras oportunidades que eram as festividades dos dias santos; eles se deslocavam, em geral, para longe, para pagar promessa e participar do arraial. As festas de casamento também eram bastante apreciadas e, de acordo com a situação econômica dos pais dos noivos, estas podiam durar alguns dias.

Os batizados das crianças também eram festejados pelos pais e padrinhos - prestigiados pelos vizinhos como um dos poucos momentos de lazer do trabalhador.

Uma outra alteração que ocorria no cotidiano dos seringueiros, esta sim, promovia a interrupção das atividades produtivas da borracha, era o período das chuvas - o inverno - entre novembro e abril, em que ele vai ter que exercer outras atividades produtivas pela impossibilidade de realizar a coleta do látex. Pois eles afirmam que "*quando vai chover aí a gente não vai pro mato*".(seu Carlos)

Portanto, o início do inverno marca o fim do fabrico.

3. Inverno: *"É o fim do fabrico."*

Durante o inverno, o processo de trabalho extrativista da borracha é interrompido por surgirem inúmeras dificuldades para sua efetivação. A precipitação de chuvas determina um índice pluviométrico em torno de 2.000 e 3.000 mm anuais. Promovendo as cheias dos rios, muitas estradas de seringa ficam alagadas, principalmente aquelas situadas em baixadas. O látex recolhido em tigelas presas às árvores enchem de água impossibilitando seu aproveitamento.

"Quando vai chover aí a gente não vai pro mato, não adianta perder o leite (...)"

(seu Nonato)

"Tem vez que a gente perde, as vez tá tudo cortado, mas o seringueiro teimoso tá trovejando e ele tá metendo-lhe a faca. Tá trovejando as vezes perde as vez ganhava (...)"

(seu Pedro)

"Eu também nunca esperei por chuva em casa, não!"

(seu Doca)

"Embora que chovesse que faltasse pouco prá mim terminar, ainda pegava, embora que não aproveitasse mais eu ainda pegava a faca."

(seu Gouveia)

"O problema quando chove escorre muito fora da tigela, né? Tem que ter aquela paciência de ajeitar."

(seu Pedro)

"Um tempo desse como tá enxuto, não é qualquer chuvinha que toma o leite, mas de dezembro em diante (...)"

(seu Lobo)

Neste momento, as atividades produtivas do seringueiro coincidem com as desenvolvidas pelos ribeirinhos, no entanto, para ele é importante enfatizar sua profissão deixando explícito que voltará a exercê-las no próximo verão.

Desta forma, o seringueiro buscava outras estratégias de sobrevivência para atravessar a fase crítica de chuvas na região, que acontece entre os meses de novembro e abril.

Pois, apenas a produção da borracha não garantia ao seringueiro e sua família a subsistência o ano todo.

"Uma época dessa tá todo mundo trabalhando na melancia. As estradas estão paradas porque tempo de seca no inverno cada um tem que ter...quando a enchente é grande muito se ocupa de desmanchar sua roça que está indo pro fundo, outro vai cortar banana..."

(seringueiro)

Durante o verão, período de corte da seringa, ele recorria à roça, às frutas e às criações, pois o rendimento, o saldo com a borracha era insuficiente para sua manutenção. No inverno, impossibilitado de extrair o látex, além do roçado, das frutas e das pequenas criações, ele buscava outras alternativas como a retirada de madeira de lei para comercialização; o trabalho com a juta e com a malva; a plantação de milho, cana e melancia; a coleta de sorva, da balata e da castanha.

"A gente se aguentava naquela época com cana, porque a produção nossa não dava pra encobrir aquele negócio. Então nós plantava nosso canavial, fazia o mel prá torrar o café, e a cana se moia de tarde (...)"

(ex-seringueiro)

Nesta região, a produção de juta era uma das mais importantes atividades, depois da produção de borracha. Esta cultura sendo própria de áreas alagadas garantia a subsistência do seringueiro quando a borracha não podia ser produzida.

"Nossa profissão era roça, seringa e juta".

(ex-seringueiro)

"Juta você plantava, embora que fosse numa área sua, mas se o cara trouxesse a semente você vendesse aquilo, você era ladrão... porque aquela semente ele trouxe prá você vender a produção prá ele..."

(ex-seringueiro)

Observa-se que toda e qualquer atividade desenvolvida no seringal era subordinada ao patrão. Desta forma nos seringais, a produção da juta assim como a da borracha, era uma atividade subordinada ao patrão. Quanto mais distante dos centros urbanos e mais entranhados na mata, piores as **condições de trabalho** e subordinação, ou seja, ampliava-se consideravelmente a exploração dos seringueiros pelo patrão.

4. Condições de Trabalho: "Naquele tempo era difícil."

Os trabalhadores extrativistas, submetidos a uma extensa e desgastante jornada de trabalho e a condições extremas de insalubridade, relatam que durante suas vidas como seringueiros poucas doenças os impediram de continuar suas atividades laborais, o que parece paradoxal. No entanto, isto se deve ao fato de considerarem que somente estava doente aquele que fica totalmente impossibilitado de ir para estrada de seringa, o que, em geral, ocorre quando o trabalhador sofre algum acidente como: ataque de animais (cobra, onça e outros), queda de árvores, ou outro tipo de acidente, ou é acometido de alguma doença tropical, como a malária (a doença mais comum na região).

"A malária é o seguinte: ela dá logo a 'facada', depois que toma o remédio ela vai, mas ela volta pelo horário...começava o frio forte, daí eu esperava a febre."

(seu Doca)

A necessidade de produzir para manter a família obriga-o a trabalhar mesmo doente em alguns momentos.

"...Não vou perder meu dia de trabalhar, eu tenho que ganhar, chegar no toco da seringueira, você escava assim, pô, mais tô com uma dor na cabeça, vou deitar passar uns quinze minutos, ai Jesus, pô, mas eu vou é cortar se eu perder hoje o dia, o que eu vou dar prá mulher?"

(ex-seringueiro)

Em parte, a saúde do trabalhador era preservada devido às demais condições de sua existência que atenuavam o impacto do desgaste físico. Entre elas destaca-se o consumo de produtos coletados na mata, a caça, a pesca, os remédios caseiros como chás de folha, casca de árvores, tubérculos e etc.

Sabe-se, todavia, que existem doenças tropicais que apenas os remédios caseiros não conseguem debelar - a malária, por exemplo. São registrados índices assustadores da incidência desta doença entre os extrativistas; poucos são aqueles que não contraíram a malária. Em termos de incidência pode ser considerada como uma epidemia, embora não seja combatida com medidas sanitárias eficazes neste contexto.

A única assistência médica que o seringueiro tinha era fornecida pelo patrão, que tinha em seu barracão os remédios mais comuns, constituindo-se em mais um mecanismo de dependência.

"Naquele tempo era difícil! Quando a gente tinha um patrão que dava assistência prá gente era muito bom, mas quando tinha o patrão que era carrasco, aquele que se aguentasse doente se aguentou, se não aguentasse morria, porque eles só querem saber do trabalho da gente...As vezes uma dor de cabeça, as vezes tá indisposto sentindo uma coisa, não ia pro trabalho, prá estrada, eles chamavam a gente de preguiçoso, muitas vezes acontecia muito isso."

(R.S..ex-seringueiro)

"O patrão dava muita assistência, quer dizer, ele dava assistência no seguinte: ele vendia e a gente, né? Não era dado era vendido!"

(ex-seringueiro)

Outra questão se destaca com relação à assistência médica: ao mesmo tempo em que os seringueiros se queixam de não terem tido acesso ao atendimento médico e hospitalar, eles chegam a se orgulhar de não terem nunca ido ao médico e desacreditam dos medicamentos farmacêuticos para algumas doenças que sofriam.⁴

Esta percepção parece estar vinculada à tradição cultural indígena de utilização de chás e ervas adotada pelos seringueiros e demais nativos da região e não raro manifesta-se a crença na proteção divina, portanto atribuindo a Deus e ao destino as condições adversas enfrentadas.

" O que sempre me aparecia era febre, as vezes alguma dor de dente e era só, graças a Deus. Ah sim! um ano sofri três anos uma "morrodi", mas o patrão me dava assistência, que comprava aquele remedinho

dele e a providência de Deus é que a gente se tratava, mas que nunca fui por médico nem coisíssima nenhuma."

(ex-seringueiro)

A situação sanitária da região praticamente não se alterou em relação a avaliação feita por Oswaldo Cruz em visita ao Estado no início do século, que afirmou:

" A região está de tal modo infectada que sua população não tem noção do que seja o estado hygido e para ella a condição de ser enferma constitui a normalidade." (apud SOUZA, 1915:42)

Assim como os seringueiros não tinham acesso à assistência médica, a situação não se diferenciava com relação à orientação técnica. No período de 1920 à 1940, as novas técnicas de extração eram desconhecidas pelos trabalhadores, que desenvolviam as atividades de acordo com os conhecimentos predominantes desde o século passado, não diferenciados do processo de trabalho desenvolvido pelos índios, como primeiros extratores do látex na região.

Com relação à técnica utilizada, nenhuma alteração se registrou no período de 1920 a 1970. A diferença fundamental entre a forma em que os índios produziam e a forma atual é o caráter mercantil que assume esta produção no aviamento. O caráter predatório do capitalismo periférico, a atrofia do extrativismo, aliada às imprevidências das administrações locais compuseram um quadro de espoliação peculiar.

NOTAS DO CAPÍTULO II

1- O fato é que no rio Madeira, os seringais de cultivo não têm a mesma configuração e constituição dos seringais do centro sul do país e mesmo os da Malásia. Nesta região o seringal chamado de cultivo é aquele no qual o seringueiro plantou algumas árvores de seringa, enquanto nas demais regiões produtoras, os seringais desta natureza se constituem em plantações intensivas e extensivas, utilizando técnicas racionais de cultivo.

Ao abordarmos os seringueiros sobre o tipo de seringal em que trabalhavam, se de cultivo ou nativo, obtivemos as seguintes informações: dos ex-seringueiros e seringueiros entrevistados 87.5% trabalhou apenas em seringal nativo; 12.5% trabalhou tanto em nativo quanto em seringal misto (nativo com parte de cultivo); e não houve registro de seringueiro que trabalhou apenas em seringal de cultivo.

2 - A Amazônia é dividida em duas zonas: o Baixo Amazonas, que estende-se da boca do rio Negro até o Litoral; o Alto Amazonas, que compreende a boca do rio Negro até a Colômbia. Sendo que entre os moradores da região denomina-se "alto" para as áreas mais distantes, nas "cabeceiras" dos rios - as nascentes -, enquanto "baixo" é atribuído às proximidades dos afluentes.

3 - O Coronel Igrejas Lopes em entrevista ao jornalista Sinval Gonçalves, no Jornal do Comércio, Manaus 4 de julho 1975, apontava a eliminação da defumação como uma das principais providências, entre outras, a serem adotadas para a viabilização econômica da borracha. Todavia, mesmo este espaço de domínio do seringueiro sofria determinações, pois embora o processo de prensar a borracha já fosse de conhecimento dos extrativistas, de seus patrões e dos regatões, estes só aceitavam a borracha defumada. Somente nos anos finais da década de 1970, a utilização da defumação é superada em troca da exigência da borracha prensada não sendo aceita de outra forma.

4 - Neste período, anterior a criação da SUDHEVEA, não conseguimos identificar nenhum tipo de assistência médica aos seringueiros, embora isto constasse nos inúmeros programas criados pelo governo federal e nos convênios internacionais. Embora, durante toda a história e principalmente na II Guerra Mundial, tenham sido efetivados inúmeros acordos entre o Brasil e E.U.A. - Acordos de Washington - em que se destinava grandes volumes de recursos para saúde, assistência técnica e para outros setores da produção, recursos esses que muitos tiveram acesso, exceto os seus destinatários: os seringueiros.

CAPÍTULO III - DESCAMINHOS NAS ESTRADAS DE SERINGA

O caráter mercantil que assumiu o extrativismo, limitou a economia do Amazonas a um grande "entreposto comercial". Seus recursos estavam concentrados no setor de serviços, com quase nenhum investimento em infraestrutura para atendimento das necessidades da população.

Os recursos com a produção da borracha, quando não eram desviados para outras regiões, eram utilizados para sustentar a opulência de alguns, enquanto o trabalhador sem assistência de qualquer natureza, padecia inúmeras carências, pois de tudo que eles fizeram brotar, pouco ou quase nada, reverteu em seu benefício.

"Construíram-se palácios em Manaus, Belém, Londres...acumularam-se fortunas, formaram-se 'doutores' (exploradores) às custas do trabalho do seringueiro. Em seu tapiri, rodeado de filhos, miséria e dívidas ao patrão e ao regatão, ele sobrevive teimosamente em meio a exploração e opressão. Índio, caboclo amazonense ou nordestino, vítimas do mesmo processo colonialista e escravocrata, do extrativismo (...)" (EGON,1981;9).

Nos momentos em que a demanda da borracha era elevada, os seringalistas, os regatões e as casas aviadoras voltavam-se para sua produção, captando investimentos e subsídios. Mas nos momentos de sua retração retiravam-se, deixando os produtores *ao léu, entregues à própria sorte*.

O aspecto que nomeamos como descaminhos nas estradas de seringa se configura na evasão dos trabalhadores dos seringais tradicionais. Este fenômeno vai ocorrer em toda a existência destas unidades de produção da borracha, no entanto, em alguns momentos históricos, são praticamente imperceptíveis, sendo descaracterizada sua importância. A exemplo temos as saídas dos trabalhadores do âmbito dos seringais, na primeira metade da

década de 40, período em que havia uma acentuada demanda pela borracha natural em vista dos conflitos internacionais (II Guerra Mundial).

O fenômeno de evasão dos seringais ocorria de forma esparsa e o recrutamento de homens no Nordeste brasileiro para atuar como seringueiro se apresentava como fenômeno marcante naquela conjuntura, obscurecendo a evasão que se dava.

Assim, a evasão dos seringais só será objetivamente notada e considerada em sua importância na década de 80, quando de fato inicia-se a desarticulação dos seringais tradicionais.

Diante deste quadro os descaminhos nas estradas de seringa que se caracterizam pela saída dos trabalhadores extrativistas dos seringais, não se efetiva somente na década de 70, como resultado da desarticulação das relações de trabalho nas empresas extrativistas, na década de 40, com todo o incentivo à produção da borracha e sua alta cotação no mercado em virtude da conjuntura político-econômico durante a II Guerra Mundial, observa-se a estruturação por parte dos seringueiros de estratégias de resistência às relações de exploração que predominavam nas empresas extrativistas. Tais estratégias em sua maioria foram de natureza individual, muito embora, em seu desenvolvimento histórico, pudessem se constituir em soluções coletivas - como é o caso das comunidades ribeirinhas - enquanto outras foram implementadas como soluções isoladas e restritas à família do produtor.

Os seringueiros, ao se evadirem das empresas extrativistas, em busca de criar condições para se reproduzirem como produtores da borracha, fundavam núcleos habitacionais esparsos às margens dos rios Arauá e Aripuanã, reconhecidos como comunidades ribeirinha de produtores de borracha.

A formação das comunidades ribeirinhas será abordada, a partir do estudo de caso da comunidade de São Félix, na segunda parte deste trabalho. Neste momento, apenas nos referenciamos a tais comunidades para explicitar o fato de terem se constituído como alternativas aos seringais tradicionais, portanto contribuíram de forma direta e indireta para a desarticulação das empresas extrativistas.

No entanto é importante enfatizar que um número representativo dos trabalhadores que saíram das empresas extrativistas retornou a sua condição de produtor ribeirinho. Todavia, este fato não revela um mero "retorno às origens", mas se constitui em alternativa de sobrevivência tendo em vista as dificuldades encontradas para se reproduzirem como seringueiro.

Após a euforia causada pela valorização deste produto, nos primeiros anos da década de 40 - resultado dos conflitos internacionais durante a Segunda Guerra Mundial - iniciou-se uma contínua queda das cotações da borracha nativa. Tal fato abalou a estrutura produtiva dos seringais tradicionais, determinando uma forte crise que se prolonga até a década de 70, momento em que efetivamente ocorre uma profunda desarticulação das empresas extrativistas.

A política econômica adotada pelo governo nos meados dos anos 60 tem um papel determinante nessa conjuntura, definida por sua orientação política de incentivo à diversificação das atividades produtivas. Nesta perspectiva se põe em oposição aos interesses dos segmentos extrativistas da borracha, por promover a extinção dos mecanismos históricos de sustentação desta economia, ou seja, o controle e a manutenção de preços excepcionais, enquanto plano estratégico de proteção à borracha nativa.

Todavia, a referida desarticulação dos seringais tradicionais não pode ser atribuída somente a política econômica do Estado. Outros fatores contribuíram para a desativação da economia dos seringais, entre eles as diferentes formas de resistência dos trabalhadores tiveram um papel significativo neste processo.

Diante dos cortes acentuados no fornecimento de crédito e da pressão dos trabalhadores nos seringais, as casas aviadoras e os seringalistas começaram a evitar fazerem investimentos no extrativismo da borracha, pois implicava riscos elevados. Tendo em vista que a forma de trabalho de freguês requiritava de maneira imprescindível o dispêndio de recursos (crédito) por parte dos seringalistas para a sustentação do fornecimento de produtos ao seringueiro durante o fabrico (aviação de mercadoria), na ausência do crédito, outras formas de trabalho diferenciadas da forma de trabalho de freguês começam a se efetivar nos seringais tradicionais.

Para o trabalhador extrativista no interior do seringal, a crise chegou através da "desvalorização da borracha", gerando o abandono dos seringais por parte dos seringalistas.

"Nesse seringal, primeiro ano que o dono comprou eu passei a trabalhar lá, agora o seringal foi fechado pelo patrão."

(seu Luis)

Este abandono se expressava pelo não suprimento dos barracões e a desarticulação da estrutura administrativa. Assim, como os seringalistas começam a se retirar, também a redução do número de regatões que *subiam e baixavam o rio*, fazendo comércio, torna-se patente.

"...e essa grande dificuldade sobre o problema das condições financeiras, acabou um bocado de regatão que naquela época vendia com prazo até de dois meses e o preço da borracha era um preço mais alto."

(seu José)

Os momentos que precederam a desarticulação dos seringais tradicionais revelaram um emaranhado de relações e práticas sociais - cujas manifestações temos por objetivo abordar neste capítulo.

Essa conjuntura propiciou num curto espaço de tempo um conjunto de mudanças: no processo de trabalho e, principalmente, nas formas de trabalho. Verificou-se a prática do trabalho de meia, do arrendamento e do proprietário de pequenos seringais; e ainda o redirecionamento de trabalhadores extrativistas para outros ramos de atividades como comércio, serviços e indústria.

1. Mudança no Processo de Trabalho

O processo de trabalho na produção da borracha apresentava-se estável, reproduzindo-se inexoravelmente por décadas a fio. Nos últimos anos da década de 70, observa-se o abandono da defumação no processo de transformação do látex em pélas de borracha - denominação dada às unidades do produto -, para utilização da prensa, reduzindo o tempo de trabalho e tornando menos cansativo esse processo.

A introdução desta técnica no processo de trabalho e a sua conseqüente adoção na região efetuou-se pela exigência do mercado de artefatos de borracha, pois a produção com utilização da prensa era *velha conhecida* dos seringueiros, mas não era aceita até esta data pelos compradores.

Este processo de transformar o leite é considerado pelos seringueiros muito mais prático:

"Era melhor, aí não abanava fumaça, porque naquele tempo só faltava morrer...lá apanha aquela fumaça danada de caroço, e de cavaco de pau. E, era aquela coisa prá poder coalhar o leite, (...), enrolando, fumando até que se saque, que era nosso sacrifício da borracha...Porque de aí, nós se dispreocupamos, porque chegava do mato, era só botar na caixa, pronto, ficou melhor."

(seu Gouveia)

Para produzir a borracha prensada, também conhecida como laminada, basta colocar o látex para descansar, adicionando um produto que acelere a coagulação - limão e leite de figueira são os mais utilizados - e a seguir, prensar para retirar toda água existente:

"A gente coloca dentro de uma caixa e vai imprensando prá formar o bloco ou simplesmente deixar descansar de um dia para o outro."

(seringueiro)

Segundo os extrativistas, através deste processo toda a água é retirada do produto. Contudo, os regatões mantêm um esquema tradicional de espoliação do seringueiro: o **desconto da tara** (desconto de 5 % do peso total pela existência de água no produto).

"Aí eles tiram menos tara, mas que na realidade era prá não ter nenhuma. A borracha impressada já saiu toda água, quando ela é bem impressada."

(Zito)

Com relação à rentabilidade do produto existe uma forte discordância entre eles: uns afirmam que *a borracha defumada rende mais*, outros teimam que é a borracha prensada e há ainda os que asseguram que *tanto faz*. Ambas as técnicas de produção da borracha resultam no mesmo montante de rentabilidade do produto.

Vale ressaltar que a produção da borracha prensada foi a única mudança que conseguimos detectar no processo técnico de trabalho no período abrangido por nosso estudo. No entanto, em relação às formas de trabalho no extrativismo observa-se um conjunto de alterações.

2. Alteração das Formas de Trabalho

A alteração nas formas de subordinação é elemento importante para a construção por parte do seringueiro de uma nova concepção sobre sua condição social, que nasce e se fortalece a partir do conjunto das novas relações que se expressam no processo de trabalho. Isto considerando que as representações sócio-culturais desse agente social - enquanto elaborações mentais - passa a ser de afirmação do seu ser para si, enfatizando sua autonomia face aos valores outorgados - em seu processo de (re)construção - , em sentido antagônico à repressão histórica vivenciada nos seringais tradicionais.

Nossa análise se pauta pelo entendimento da constituição do agente social não somente em termos de suas relações imediatas, mas também em termos da sua trajetória sócio-histórica tendo em vista a capacidade desses agentes tanto de diferenciar-se quanto de estruturar novas relações.

Antes de ir mais adiante é importante ressaltar que, a conjunção das dimensões social e histórica nos permitem perceber a história não como uma trajetória unívoca, linear, mas como um processo que não pode ser determinado em todas as suas dimensões e tendências a priori.

De acordo com o pressuposto em pauta, o processo sócio-histórico não pode ser concebido numa única direção, "ele compreende em si mesmo", as construções dos homens que vieram antes e os que estão na cena, ele é trabalhado do interior pelo passado e no momento presente pela (re)construção contínua, enquanto fundamento do porvir. Novos elementos se conjugam, se combinam, se dissociam dos "velhos" de maneira multiforme, em que os elementos do "velho" não são tal qual existiam, ele é um passado que se repõe no presente em conjunção com os novos elementos dados pela realidade presente, trazendo o passado sim, mas redefinido.

" Hoje já melhorou a situação porque ninguém é sujeito, ninguém tá sujeito."

(Seringueiro)

Esse depoimento traduz a forma como o seringueiro hoje percebe sua condição, desde o momento em que rompe com o *cativeiro*. Percebe-se que quando ele utiliza a acepção de *sujeito* refere-se a condição em que se encontrava no seringal tradicional e sua libertação se concretiza através do estabelecimento de novas formas de trabalho que são efetivadas no contexto da desarticulação dos seringais.

A utilização do termo *sujeito* é marcante na definição de sua condição, revelando a percepção desses agentes - ainda que as novas formas de trabalho estruturadas não rompessem de fato com a dependência e os mantivesse, de certa maneira, subordinados.

Para Evers (1983;19), *“no decorrer da criação de novos padrões de prática sócio-cultural e de reconstrução de fragmentos de uma identidade autônoma, os indivíduos e os grupos como um todo constituem-se em sujeitos deste processo ... desenvolvem dentro de si mesmos fragmentos correspondentes de um novo ‘ser sujeito’. Naturalmente, isto implica uma profunda revisão das concepções tradicionais sobre sujeitos sociais e sobre o processo de sua constituição.”*

É importante considerar o fato de que a identidade social *“deve ser construída desde baixo, sobre a base de uma prática social consciente e autodeterminada”*, que não pode ser outorgada por outrem e, menos ainda *“vir da estratosfera do poder político.”*(id., 1983;19)

Portanto, muito embora persistam condições de sujeição em relação a condição anterior eles percebem avanços na construção da autonomia.

2.1- Trabalho de Meia

O Trabalho de Meia se constituiu neste contexto em uma forma de trabalho extremamente importante do ponto de vista das relações de trabalho. Na meação não havia investimento, como no caso do freguês. O próprio seringueiro tinha que arcar com sua manutenção durante o período de produção da borracha.

É importante salientar que o trabalho de meia já era praticado em pequenos sítios muito antes desse momento histórico, quando o proprietário não possuía recursos para fornecimento dos produtos necessários para manutenção do produtor durante o fabrico.

No trabalho de meia, o seringueiro, ao final do fabrico, divide a produção com o seringalista:

"A meia pelo menos se ele fizer numa semana 50 Kg de borracha, 25 é dele, 25 é do dono do seringal (...) se ele trabalha de freguês, ele vai ter que vender a borracha só pro dono do seringal e de meia ele vende prá quem quiser, se ele vê um motor de passagem, ele pode vender a borracha e comprar o rancho, mas ele trabalhando de freguês ele não pode fazer isso (...), se o dono do seringal não tiver rancho prá ele, ele vai ficar passando fome mesmo que ele tenha saldo, mas o patrão não tem rancho prá sustentar ele."

(José Augusto)

O trabalho de meia não acaba com a relação de exploração, apenas obscurece sua efetivação pela atenuação do caráter explícito que esta assumia na relação de freguês.

Nessa conjuntura, a condição de autônomo representa um componente básico no conjunto de elementos que compõem o conteúdo de sua percepção enquanto seringueiro. Neste sentido, não só os seringueiros, mas também os patrões, passam a considerar a meiação como uma forma de trabalho "bastante vantajosa". Em contraposição, a percepção que predominava no momento em que a borracha era valorizada, existindo subsídios para sua produção, em que faziam a absoluta exigência de produzir com freguês, naquele momento era inadmissível a produção de meia:

"Todo mundo tinha que trabalhar como freguês. Ou trabalhava como freguês, ou então passava fome, que não tinha seringal prá cortar. Não davam de meia, nem arrendavam, porque tem dono de seringal que não gosta de dá meia, nem arrenda porque tem medo de fazer estrago no seringal."

(ex-seringueiro)

O argumento utilizado pelo seringalista naquele momento para não realizar a produção de meia era "a falta de cuidado" do trabalhador extrativista com as seringueiras. Mascarava

assim o principal motivo para não querer trabalhar de meia, que era a possibilidade de dividir o lucro com o produtor, criando condições para sua autonomia econômica.

"...hoje em dia, já os patrões não têm condição de comprar. Então eles acham melhor dá de meia prá trabalhar, do que ele comprar o rancho e vender para o freguês dele, porque tanto ele vai ficar devendo pro patrão dele, como o seringueiro vai ficar devendo prá ele."

(ex-seringueiro)

Em síntese, quando a borracha estava em alta cotação e recebia subsídios, os patrões não aceitavam produzir de meia, mas, à medida que a demanda pela borracha produzida na região diminuía, devido à concorrência no mercado, os seringalistas passaram a praticar a meia, pela conveniência desta atender aos seus interesses naquele momento.

Por outro lado, para o trabalhador, a meia como forma de trabalho dava maior autonomia, por reduzir a interferência do patrão na atividade, podendo vender a parte que lhe pertencia a quem bem lhe aprouvesse; contudo, poucos seringueiros tinham condições de produzir desta maneira, tendo em vista que os trabalhadores da seringa não possuíam recursos para manterem-se e a sua família durante os meses que durava o fabrico.

Na meação, o trabalhador extrativista fornecia ao proprietário do seringal metade da produção pela cessão de suas estradas, para que o seringueiro realizasse o processo de produção da borracha e, via de regra, assumia todos os custos sem que o seringalista fizesse qualquer investimento.

Com o rompimento do monopólio do patrão sobre o produto (trabalho de freguês), a possibilidade de comercializar com quem *bem lhe aprouvesse* representava, em certo sentido, a superação da condição de sujeito. Contudo, eles enfatizam que este fato, não constitui uma concretização plena de autonomia. Pois, neste momento histórico, em vista das condições existentes com a dependência do regatão, o "ser liberto" constitui mais uma representação simbólica do que uma condição efetiva. Posto que os regatões passaram, a partir desse

momento a assumir o estatuto de patrão. É bem verdade que essa condição é assumida em moldes distintos aos que o patrão exercia, mas ainda assim caracteriza-se numa relação impositiva.

Essa imposição se expressa de várias maneiras. Uma delas é pela venda dos produtos industrializados a preços exorbitantes em comparação ao que oferece pela borracha. Assim, o seringueiro livra-se do "barracão" e "cai nas garras do regatão."

Recém libertos da relação de freguês, os seringueiros têm dificuldades de se contraporem aos regatões, que agora patrocinam a comercialização e a troca desigual de produtos, tornando-se esta uma extensão da subordinação que sofriam anteriormente.

Para os seringueiros, a percepção das imposições do regatão e do efetivo rompimento de um elo da cadeia de aviamento resultou na superação da sujeição ao seringalista, expressando uma nova condição que traz em si um componente substancial: a autonomia.

A concretização da autonomia, se efetiva em termos objetivos pela possibilidade de optar por essa ou aquela forma de trabalho. Pois, ao contrário de ter que ficar submetido à relação de freguês junto aos seringalistas que permaneceram no extrativismo e posto que estes perderam o pleno poder de impor a sua forma de trabalho ao seringueiro, os próprios seringalistas passaram a afirmar: "*antes o seringueiro tinha que trabalhar de freguês mesmo e só*".

Um fato narrado de maneira recorrente é de que, com a desvalorização da borracha, *os tempos mudaram*. O seringueiro passou a optar pela forma de trabalho que lhe convinha:

"Meu pai ainda compra algum pouco de mercadoria mas não é como antigamente. E muita gente já não espera o regatão e compra dele mesmo. É por isso tem uns que querem trabalhar de freguês e tem gente que acha que ele vende mais barato. Ele quer trabalhar de meia e tem uns que preferem também trabalhar de arrendado..."

(José Augusto, filho de seringalista)

Com base no entendimento expresso pelos ex-seringueiros, a autonomia no percurso de sua existência não significou uma autodeterminação plena, mas observa-se sua subsunção às condições objetivas e subjetivas vigentes no plano da realidade social. E, em seu exercício, encontra-se permeada de pontos e contrapontos.

2.2- O Trabalho de Arrendado

O arrendamento como forma de trabalho tornou-se expressivo neste contexto social, contendo em si um complexo de mediações de natureza política diversificada em que o seringueiro e o seringalista se encontravam e definiam papéis a serem assumidos.

Para o seringalista absenteísta ou proprietário de seringal desativado pela desvalorização da borracha, o arrendamento se apresentava como uma saída oportuna. Assim como para o seringueiro, o arrendamento constituiu-se em estratégia para sair, mesmo que provisoriamente, da condição de freguês e passar à condição de patrão.

Veja-se um exemplo ilustrativo relatado por seu Dorvalino (ex-seringueiro), que trabalhou com arrendamento e atualmente é *dono de comércio* em Novo Aripuanã:

"Trabalhei cinco anos com estrada arrendada. A gente vendia prá quem a gente quisesse. Tinha meus 'freguês'; tinha quatro freguês que cortava; comigo era cinco. Eu achava que eu ganhava mais, porque eu pagava a renda e vendia a borracha prá quem quisesse pelo preço da concorrência. E freguês não. Ai dava o que quisesse; então eu procurava trabalho arrendado."

Assim, torna-se para ele uma saída individual e mantenedora das relações de subordinação. O agente - patrão - deixa de ser o dono do seringal, e ele próprio - o seringueiro - assume esta prerrogativa. Por este prisma o arrendamento complexifica a cadeia do aviamento, não só por criar um elo a mais, ou seja, o seringueiro arrendatário que

reestabelece a relação de freguês com outros seringueiros, mas, principalmente, porque não supera a relação de patrão, passando ele próprio a assumi-la.

2.3- O Trabalho Autônomo

Proprietários de pequenos seringais, moradores *da beirada do rio*, seus tapiris pontuam, esparsos, na extensão dos rios Madeira, Aripuanã e Arauá. Com raras exceções, não são senão seringueiros proprietários de algumas estradas de seringa, conhecidos como seringueiro autônomo. Estes agentes foram definidos por Zito, com a seguinte afirmação:

"São essas formas pelo seguinte: porque tem seringueiro do 'baixo rio', muitos seringueiros aqui, vamos dizer da margem do Madeira, eles são autônomos pelo seguinte; porque é uma seringa deles. Ele plantou, quando não ele mesmo ainda, mas o avô, o pai e a mãe plantaram, e, ele corta e vende prá quem quiser."

A redução do volume de sua produção aliado à desvalorização acentuada da borracha são fatores que concorrem para que o resultado obtido com a comercialização torne-se insuficiente para a manutenção de sua família. Passa assim, a realizar como atividade produtiva principal a pesca, a caça, a roça, o cultivo de frutas e pequenas criações (galinha, porco) para consumo familiar e a venda do excedente. Desta maneira, com a desvalorização da borracha sua produção passa a ser atividade acessória.

É importante ressaltar que as *novas formas* assumidas pelas relações sociais e econômicas, neste contexto, não se efetivaram apenas quando as relações tradicionais já tinham sido superadas, mas que estas aceleraram seu processo de desintegração, usufruindo de suas contradições, tomando o seu enfraquecimento e desgaste e ampliando-o com a redefinição das relações.

Isto não implica afirmar a extinção plena das relações de freguês, que tornava o seringueiro cativo, mas representa um forte abalo em suas bases de sustentação - monopólio do patrão - reduzindo sensivelmente seu predomínio, passando a ser considerado *um ritmo antigo trabalhar de freguês*.

As mudanças ocorridas, que podem aparentemente se mostrar pouco expressivas, possuem um conteúdo significativo para o conjunto dos seringueiros. Na busca de captar este conteúdo, além de seus aspectos formais e objetivos, é também importante perceber que os aspectos subjetivos são resultado da relação intrínseca homem-natureza e dos homens entre si.

Dentro desta perspectiva, procuraremos adotar a recomendação de GEERTZ, que afirma:

"Deve-se atentar para o comportamento, e com exatidão, pois é através do fluxo do comportamento - ou, mais precisamente, da ação social - que as formas culturais encontram articulação. Elas encontram-na também certamente, em várias espécies de artefatos e vários estados de consciência." (1989:27)

A força simbólica contida nas falas, nas ações e relações que exprimem um sentimento intenso, envolvente, resultam na sempre presente mesclagem entre *o ser seringueiro e o seu fazer*, na relação com a natureza que se enraíza profundamente na história e na sua auto-percepção. Reconstituem com sua *prática antiga* o renovado sentimento de identificação, de conjunção.

Na trajetória de suas existências, são as estradas de seringa o caminho aberto a se seguir, levando consigo não apenas o tempo presente, pois carregam o tempo dos que vieram antes deles e lhes deixaram como legado *seus saberes, o saber dos antigos*, ricos de sabedoria, pleno de ensinamentos, carregado de mistérios: *a mata ri, fala, emite chamados, abre caminhos, fecha caminhos*. A árvore de seringa, *boa filha da natureza*, dá seu fruto, sua flor, *mostra o leite*. *E, se esconde o leite: é manha, quer descansar*.

"Agora tem época também que ela sai, já pronta pra proteger as flores e os frutos... Quando as flores cai e as folhas tornam a crescer, aí o leite desce de novo, aí ela dá a mesma quantia que a gente tirava no início do coalho. É importante a seringueira, ela esconde o leite..."

(seu Gabriel)

Na estrada da existência do seringueiro, na estrada de seringa, a seringueira à semelhança da mãe, dá o leite substancioso, que cria e recria a vida, desde muito tempo...

3. Outros Rumos

Nesta conjuntura ocorre um expressivo deslocamento de trabalhadores extrativistas para outras atividades produtivas no interior do Estado.

"Hoje em dia trabalho no comércio, porque favorece mais um pouco, sabe! Melhorou mais um pedacinho mais. Comecei a me equilibrar, mais pra livrar da seringa; hoje em dia trabalho no comércio."

(seu Doca)

"Eu trabalhei, trabalhei. Tinha muitas dificuldades, aí eu lutei, trabalhei, depois eu achei que não dava certo. Aí passei a trabalhar de outras maneiras."

(ex-seringueiro)

Atualmente exercendo diferentes atividades, os ex-seringueiros em sua maioria, relatam a continuação de alguns dos rituais da atividade, *os costumes da seringa*. Isto se deve ao fato de terem permanecido muitos anos exercendo as atividades de produção da borracha.

Nesta perspectiva, se considerarmos a idade dos nossos informantes em que a metade, pelo menos, tem acima de 50 anos (ver gráfico 01 - apêndice), tendo passado *anos a fio*, no mínimo de 10 anos, como produtores de borracha, e alguns permaneceram acima de cinquenta anos nesta atividade (ver gráfico 02 - apêndice),. haja vista estes produtores iniciaram suas atividades produtivas na estrada de seringa, *aprendendo o ofício* muito jovens. Ou seja, metade dos entrevistados começaram a trabalhar nesta atividade contando entre oito e dez anos de idade (ver gráfico 03 - apêndice).

Assim, *o tempo da seringa* continua a marcar os rumos da existência destes agentes sociais. Seu Cesário (86 anos) é um dos ex-seringueiros que atualmente mora na sede do Município, mas permanece preso aos hábitos que teve que abandonar há cinco anos atrás pela desvalorização da borracha. Após 53 anos como seringueiro, ele afirma:

"Até agora, a senhora acredita, que eu ainda tenho aquele horário certo, aí eu rolo na rede até amanhecer o dia."

Seu Cesário, mesmo dissociado da produção de borracha, tem sua existência marcada pelo *tempo da seringa* regulando suas ações pela atividade produtiva da borracha que marcaram definitivamente sua vida.

Os ex-seringueiros, em suas narrativas, queixam-se da vida de "sujeito" que levavam no interior do seringal, assim como da "desvalorização da borracha", que os impede objetivamente de permanecerem na "profissão da seringa" - como nomeiam comumente a atividade que exerciam. Estes agentes sociais deixam transparecer muito claramente em seus depoimentos a revolta pelo abandono da *profissão*, mais do que pelo fato de terem sofrido a sujeição.

"Mesmo que o patrão metia a mão, mas ela [a produção da borracha] deixava resultado. Mas o que eu tinha de AMOR na seringa, por mim era o único produto que deixava resultado. É porque a gente trabalhava com aquela FÉ e trabalhava com aquela CORAGEM e VENCIA MESMO."

(seu Gabriel)

Esta exaltação não implica dizer que eles aceitem como natural o tipo de exploração a que estavam submetidos, mas que a desvalorização impediu-os de exercer a atividade extrativa, que os tornava SERINGUEIRO. O **deixar de ser** seringueiro possui um significado profundo na determinação de seu ser. Dito isto, eles passam a relativizar as demais implicações postas pelas relações sociais que condicionavam a atividade em determinado momento histórico. A atividade extrativa, para estes indivíduos, possui um conteúdo atualizado em si mesmo, de certa forma independente da maneira pela qual se manifesta.

Observamos que os ex-seringueiros além de enfatizarem a importância da *profissão* afirmam sua condição de cidadãos, portadores de direitos sociais e políticos. *O trabalhador antigo da seringa* (autodenominação), ex-seringueiro, parte em busca dos seus direitos: a aposentadoria dentro dos novos rumos que traçam na sua existência.

A reivindicação da aposentadoria traz em si um conjunto de componentes: o acesso a informações mais qualificadas, pois antes apenas o rádio era fonte de contato com os acontecimentos externos e, em geral, veiculava os interesses dos seringalistas que não podiam ser contrariados; a possibilidade maior de se locomover, ir e vir aos centros urbanos e conhecer o sindicato; e, por fim, maior participação na dinâmica política do município.

Contudo, os resquícios da relação de exploração/dominação vivida por décadas são entraves que limitam seriamente sua caminhada em busca de seus direitos. O caso da aposentadoria dos seringueiros é um exemplo típico, pois poucos patrões forneciam **nota** - registro do volume de borracha produzido pelo seringueiro - ou qualquer documento comprobatório da atividade produtiva.

davam prá gente, que todos os patrão da gente aqui "Só uns pegava nota branca, só os papel almaço que não dá. Não dá conta corrente. Eu peguei uma conta corrente no seringal Paraíso, lá em frente Humaitá [outro município]. Cortei um fabrico lá, mas eu pensei que não valesse nada, e um dia tanta papelada que eu tinha toquei fogo."

(ex-seringueiro)

Sem ter como comprovar o tempo de trabalho na seringa, de acordo com os parâmetros tecno-burocráticos da sociedade envolvente, torna-se difícil para o seringueiro obter sua aposentadoria. O depoimento de seu Gouveinha é bastante ilustrativo da situação enfrentada por eles:

"Então prá aposentar, um seringueiro, tem que ter muito documento. Então, no Amazonas não tem quem se aposente porque ninguém tem documento nenhum."

Entre os nossos informantes, existem alguns seringueiros aposentados, mas a obtenção deste direito foi fruto de muita persistência. Fazem transparecer o sentimento de terem sido vítimas de um grande êngodo, pois sempre ouviram a afirmação e acreditaram que o seringueiro é um produtor muito importante.

PARTE II

NO TEMPO DA LIBERDADE...

II PARTE - NO TEMPO DA LIBERDADE

" Só viverá o homem novo, não importa quando, um dia, se os que por ele sofremos formos capazes de ser semente e flor desse homem."

(Thiago de Melo)

Com a preocupação de analisar o processo de constituição sócio-histórica dos seringueiros autônomos no Amazonas - mais especificamente no município de Novo Aripuanã - essa 2ª. parte está centrada na tentativa de apreensão de um processo bastante peculiar que se evidencia na região: a fundação das comunidades ribeirinhas de produtores de borracha como alternativa aos seringais tradicionais e posteriormente a passagem do seringueiro (produtor de látex) a ribeirinho.

Nesta parte tentaremos delinear como estes dois momentos se efetuam - *a constituição da comunidade e a passagem de seringueiro a ribeirinho* -, buscando perceber seus significados objetivos e ideais para estes agentes sociais.

Nesse processo, os seringueiros no interior das comunidades ribeirinhas inauguram relações diferenciadas das tradicionais que se pautavam pela exploração desse produtor; e, apesar da passagem de seringueiro a ribeirinho ter-se concretizado ao nível das condições sociais de produção, o seringueiro continua se percebendo enquanto tal, reatualizando e reafirmando sua identidade social e histórica, com base em seus elos profundos com a floresta na extração da seringa.

A presente análise toma como referência central a pesquisa que efetuamos na comunidade ribeirinha de São Félix, localizada às margens do rio Arauá.

A opção por São Félix não se deu de maneira aleatória. Nesta escolha utilizamos os seguintes critérios: o padrão médio que representa esta comunidade, em comparação as demais, em termos de condições de vida e número de habitantes; por ter sido uma comunidade ribeirinha de produtores de borracha que se formou no período da II Guerra Mundial, como manifestação de resistência dos trabalhadores; por estabelecerem relações de trabalho diferenciadas dos seringais tradicionais e, por fim, vale salientar, que um outro aspecto determinou a escolha deste local para investigação - o interesse demonstrado pela comunidade por este trabalho.

Ao nos defrontarmos com tal realidade, passamos a analisar as estratégias encontradas pela comunidade ribeirinha de São Félix, resgatando sua trajetória sócio- histórica, desde sua fundação até aos dias atuais. Nesta perspectiva, tomamos por base as relações de trabalho desenvolvidas pelos seringueiros entre 1940 (marco de sua fundação) e início dos anos 90.

Além da comunidade considerada, efetuamos a coleta de informações sobre a formação e condições de existência em outras duas comunidades: a de Guarúba e a de Santa Rosa, todas situadas às margens do rio Aruá. Após este levantamento preliminar, optamos por realizar o estudo de caso da comunidade de São Félix, conforme razões expostas anteriormente.

O levantamento realizado nas duas outras comunidades, não será aqui detalhado, mas servirá em diferentes momentos, como contraponto significativo, na percepção e apreensão das relações observadas em São Félix.

Assim, ao iniciarmos nossa investigação no município de Novo Aripuanã, encontramos um segmento de produtores de borracha, que apesar das adversidades - queda vertiginosa no preço desse produto, ausência de uma política que criasse condições favoráveis à produção - mantiveram-se nessa atividade até meados de 1991. Isto significa dizer que esse segmento social, aparentemente escondido na floresta e esquecido pela história oficial, produzia e comercializava a borracha nativa neste período como seringueiro - conquanto os seringais

tradicionais tenham desativado sua produção entre os finais da década de 70 e início da década de 80.

Tal fenômeno é bastante significativo, considerando que, quando tais segmentos sociais alcançam visibilidade, tendem a ser percebidos como expressão do passado, seres em processo de desaparecimento, inclusive do ponto de vista das teorias sociológicas e econômicas - à exceção de poucos estudos (ver Almeida, s.d.).

Nesse contexto, procuraremos configurar o conjunto de significações manifestas na vida do produtor autônomo, tanto do ponto de vista das condições de produção, dando-se ênfase às relações de trabalho, quanto do ponto de vista das representações simbólicas embutidas no processo.

CAPÍTULO IV - DO CATIVEIRO À LIBERDADE

No município de Novo Aripuanã, principalmente no rio Arauá, os trabalhadores extrativistas, aparentemente silentes e isolados sem terem-se organizado coletivamente em busca da superação das relações de sujeição, produziram um quadro genuíno de respostas às suas condições de vida. Pode-se dizer que algumas dessas respostas que se configuram como estratégias de sobrevivência, assumem em contextos específicos o caráter de (re)existência.

As diferentes ações dos agentes sociais, nas diversas esferas da vida social, constituíram atuações relevantes, pois compuseram um processo de alteração das relações sociais. Hierarquizar em termos de importância estas ações é impossível.

No entanto, no interior deste processo, destacaremos algumas manifestações, por entendermos que compõem marcos significativos na existência dos agentes sociais. Tais manifestações propiciam a afirmação de sua identidade social, que se mantém ao longo do tempo ainda que redefinida ou com conteúdos novos. Nesse processo é preciso entender que a práxis passada e presente é (re)constituída a partir de fatores objetivos - relações sociais, necessidades de reprodução física e social - e subjetivos - representações ideais do mundo. E mais que: o *conteúdo novo* e o *velho* compõem-se de maneira articulada e ao mesmo tempo contraditória. Os fragmentos do *velho* não são mais tais quais existiam; é um passado que se (re)põe no presente em conjunção com os elementos postos em cada momento, resgatando o passado sim, porém redefinido.

Desta maneira, a ação dos agentes sociais é (re)dimensionada em sua prática presente, mas informada por um processo passado, vivido por eles e pelos que os antecederam e que, por certo, não de forma determinista, informará a práxis dos que virão.

No processo de alteração das relações de trabalho dos extrativistas nesta área, destacamos dois momentos: o primeiro, no decorrer da II Guerra Mundial, momento em que ocorre a fundação das comunidades de São Félix, Santa Rosa e outras. É um período em que a borracha reassume o papel de destaque na economia amazônica e a evasão dos seringueiros

das empresas extrativistas consiste em ações esporádicas e individuais; o segundo, marca a passagem de seringueiro a ribeirinho ocorrida no interior das comunidades.

Com a contínua e acentuada desvalorização dos preços da borracha, que resultou na desarticulação desta produção nos seringais tradicionais, pouco a pouco os seringueiros foram deixando esta atividade produtiva, substituindo-a pelas atividades de produção ribeirinhas (a caça, a pesca, a roça).

No interior das comunidades ribeirinhas, os seringueiros resistiram em abandonar a extração da borracha, persistindo nela até o início dos anos 90 - enquanto os seringais tradicionais encerraram suas atividades em meados dos anos 80.

Numa tentativa de contextualizar brevemente estes dois momentos, podemos destacar que a falência dos seringais tradicionais não se manifestou apenas recentemente (dec. 70 - 80); mas que o lento e contínuo processo de agonia teve início com a entrada da borracha asiática no mercado (meados de 1910), sendo interrompido temporariamente na década de 1940 com a deflagração da II Guerra Mundial, momento em que a valorização da borracha deveu-se aos pactos realizados entre Brasil e E.U.A. - acordos de Washington.¹

Este advento resultou numa extrema pressão dos seringalistas sobre os extrativistas, o que desencadeou um processo de resistência deste segmento de produtores. Entre outras estratégias de resistência, destaca-se a saída dos seringueiros das empresas extrativas, conforme registros anteriores.

Cabe enfatizar que esta "saída" não se deu de forma massiva, mas em ações isoladas de um ou de outro seringueiro com suas respectivas famílias, pois neste momento histórico, havia inclusive um movimento de recrutamento de mão-de-obra para os seringais - **a batalha da borracha.**²

Assim, os extrativistas que saíram dos seringais estavam indo "contra a corrente" de atração que predominava neste momento. No entanto, eles não "fugiam" do extrativismo da borracha, mas das relações de exploração e dominação ali reinantes - *fugiam do cativoiro.*

Nesta conjuntura, vários seringueiros que saíram das empresas extrativistas persistiam em continuar como produtores de borracha, pelo fato desta produção se constituir no produto mais viável na economia da região e também por propiciar sua reprodução sócio-cultural.

Assim, na tentativa de concretizar sua (re)existência em todos os âmbitos - político, social, econômico e cultural -, eles começam por se estabelecerem às margens dos rios, dando início ao cultivo de seringueiras em pequenas quantidades e, dessa maneira, organizando estradas de seringa ao lado das seringueiras nativas, o que origina as autodenominadas **comunidades ribeirinhas de produtores de borracha.**³

Esta caracterização refere-se ao abandono das empresas extrativistas e a constituição de comunidades organizadas pelos próprios seringueiros, que passam a exercer as atividades produtivas de maneira autônoma nos limites deste espaço sem a exploração/dominação do seringalista.

No interior das comunidades, como poderemos verificar, os produtores estabelecem *novas relações de trabalho* no processo de produção da borracha. Esse processo é caracterizado por seus protagonistas como *a saída do cativo para a liberdade*.

Mas a possibilidade de que essas relações viessem a transcender os limites espaciais da comunidade e se apresentassem como uma alternativa às relações que predominavam nos seringais tradicionais não se efetivou de imediato, tendo em vista que essas novas relações não conseguiram abalar as estruturas de dominação/exploração predominantes na região.

Todavia é possível perceber que para muitos seringueiros a fuga do âmbito das empresas extrativistas e a formação das comunidades foi a forma de fugir à dominação e se constituiu em estratégia de sobrevivência, pela qual as comunidades se transformaram em espaço privilegiado para a criação de novas relações de trabalho e de reprodução sócio-cultural de seus membros.

Se, em termos imediatos, a experiência das comunidades não incidiu sobre as relações vivenciadas pelos trabalhadores enredados nas teias do trabalho de freguês, pode-se evidenciar que, a médio e longo prazo, o exemplo vivo que as comunidades espelham em seu caráter inovador - relações mais simétricas e solidárias - contribuíram para a superação ou

a redefinição das relações de exploração, como formas alternativas aos seringais tradicionais. Este quadro, convém salientar, é carregado de um conjunto de elementos - reais e imaginários-, ao mesmo tempo que é marcado por contradições de várias ordens, tanto ao nível da dinâmica interna quanto ao nível da dinâmica externa da comunidade em questão. Não se trata de visualizar a comunidade como modelo ideal ou de reificar suas atuais formas de organização, como se fossem homogêneas, sem conflitos e tensões. Trata-se de entendê-las a partir das práticas efetivas no presente dos agentes sociais em sua articulação com o passado - *com o tempo da sujeição*.

A evasão dos seringais na década de 40 e o surgimento de comunidades ribeirinhas de produtores de borracha foram fenômenos que passaram despercebidos ou, o que é mais provável, foram obscurecidos pelos interesses dominantes na economia extrativista tradicional. Observa-se, também, que esses fenômenos não aparecem devidamente registrados nem por estudiosos da realidade amazônica e muito menos pela historiografia oficial.

A maioria dos estudos efetuados sobre a produção da borracha na década de 40 deu ênfase a vários aspectos, dentre eles ao recrutamento de mão-de-obra para os seringais tradicionais, sem abordar o movimento de evasão que aconteceu e, muito menos, as ações empreendidas pelo contingente que evadiu-se das estruturas tradicionais. E mesmo aqueles que se referem a este fenômeno, fazem-no de maneira periférica, esvaziando-lhe o sentido sem procurar perceber seu significado sócio-cultural, político e econômico para os segmentos que desencadearam este movimento.

É possível evidenciar a importância deste fenômeno, considerando que este resultou na fundação das comunidades ribeirinhas e na inauguração de relações sociais de trabalho inovadoras, tanto na forma de apropriação dos recursos naturais de maneira mais racional, respeitando o equilíbrio do meio ambiente, quanto no estabelecimento de relações de caráter mais simétrico entre os agentes sociais, em que pese as contradições embutidas no processo.

A fundação das comunidades ganha maior relevância se considerarmos que, em sua expressão mercantil o extrativismo da borracha caracterizou-se pela extração predatória e itinerante, prescindindo da ocupação permanente da terra.⁴ Somente com a ampliação da

demanda pela borracha natural no mercado internacional atenuou-se a predação pela necessidade de permanência em áreas definidas pelos seringais.

Ainda assim, nos momentos de cotação elevada de borracha, a pressão dos seringalistas por produtos forçava os produtores a esgotarem ao máximo as seringueiras e também reduzia o seu tempo para aproveitamento de outros produtos naturais ou outras atividades produtivas.

Mas a fixação das empresas extrativistas em áreas bem delimitadas, resultou na formação de grandes propriedades que se ampliavam tomando como pretexto a dispersão das seringueiras - 1,5 árvores de seringa por hectare, como relata SOBRINHO (1992):

"A dispersão das árvores no interior da floresta, sua localização rarefeita, propiciou a formação de latifúndios, que tinham como limites entre si as léguas medidas de sua frente no curso dos rios, margem esquerda e direita, quase sempre sem definir a extensão interior, ate mesmo pela impossibilidade de assim proceder".(p. 24)

Entretanto esta justificativa ocultava o fato objetivo de que a dimensão de um seringal era determinada por seu proprietário, que demarcava seus limites de acordo com seu poder político na região, ampliando seus domínios territoriais ao máximo, ou seja, a propriedade, nesta área, era delimitada pelo poder dos "coronéis de barranco".

Todavia estes latifúndios não conseguiam açambarcar a totalidade das áreas desabitadas e devolutas, nas quais as seringueiras mantinham-se inexploradas no interior da floresta. Isto nos permite tomar como hipótese que o processo de formação de comunidades ribeirinhas, como estratégia adotada pelos seringueiros *para fugir das garras do patrão*, foi possível porque havia terras com relativa abundância.

Sem dúvida, pode-se afirmar que a existência de terras devolutas foi um fator importante para que a alternativa de formar comunidades ribeirinhas se tornasse viável. Mas,

enquanto para o seringalista a propriedade podia ser ampliada de acordo com os seus interesses, os seringueiros, para se fixarem numa área, tinham que efetuar o devido registro e compra da propriedade.

A luta empreendida pelos seringueiros para obtenção e controle da terra não implica seu uso exclusivo. Sua importância está centrada nos recursos que ela abriga; quer estejam na floresta quer no rio - fontes fornecedoras dos meios de trabalho e dos meios de vida. Isto demarca uma noção espacial bastante peculiar, como se verá mais adiante.

É desta forma que a aquisição de terra tem uma conotação específica em relação à luta pela terra empreendida por outros segmentos de produtores rurais, que desenvolvem outras formas de produção agrária, diversas do extrativismo, buscando a terra, com o objetivo principal de cultivo e/ou a criação de animais. Estas práticas produtivas, embora sejam também realizadas pelos seringueiros e ribeirinhos, são desenvolvidas numa escala comparativamente reduzida, tendo em vista que estes produtores desenvolvem uma variedade de formas de usufruto dos recursos naturais, entre outros, a caça, a pesca e a coleta.

É possível que a tentativa dos seringalistas de açambarcar vastas extensões de terra, além da ambição por estender seus domínios e poder político, tivesse um outro fundamento, qual seja, o de obstruir a possibilidade de criação de núcleos de produtores independentes, como o são as comunidades ribeirinhas. E, nesta mesma perspectiva, os seringalistas eram frontalmente contra a comercialização dos regatões diretamente com os seringueiros, denominando tal prática de **desvio**.⁵

Os regatões criaram com esta prática a concorrência no interior da economia do barracão. Em contraposição aos regulamentos dos seringais que impunham o monopólio do patrão - suporte central para a efetivação da sujeição. Este monopólio era burlado pelo *desvio* de parte da borracha produzida para comercialização com os regatões. Estes, contraditoriamente, tiveram um papel relativamente importante para que a alternativa entabulada pelos seringueiros fosse possível.

Assim, os seringueiros, ao fundarem as comunidades em busca de autonomia, não poderiam permanecer atrelados ao barracão, e certamente nem os seringalistas tolerariam

tal acordo. Desta maneira, os regatões assumiram a prerrogativa de fornecer os gêneros aos seringueiros em troca dos produtos extrativistas.

O próprio fato de os seringalistas proibirem outras atividades, além da extração do látex, está ligado à possibilidade de que as condições criadas pela utilização dos recursos naturais atenuasse a dependência do seringueiro do barracão, mais pelo receio que pudessem vir a se constituir produtores autônomos, como efetivamente aconteceu.

No entanto as comunidades não se constituíram em fator imediato de desarticulação das relações predominantes na cadeia do aviamento por uma série de fatores interligados. Dentre tais fatores, podemos destacar: a formação de uma comunidade requeria recursos materiais e humanos, sendo que a condição da grande maioria dos seringueiros que trabalhavam na condição de freguês era de extrema pauperização, não possuindo recursos mínimos para se estabelecerem e implementarem as atividades extrativistas sem o suporte da cadeia de aviamento; e, principalmente, porque as comunidades abrangiam um número restrito de extrativistas, por não terem áreas tão extensas quanto os seringais tradicionais.

Em contraposição aos seringalistas, que ampliavam desmedidamente seus domínios sobre o território da floresta, os seringueiros continham-se nos limites das comunidades, mantendo-se em áreas restritas e demarcadas sob seus domínios, não adentrando em terras de terceiros, mesmo que estas estivessem sem utilização.

Numa prática diferente da que foi desenvolvida pelos seringalistas - que apenas exploravam as árvores nativas -, os seringueiros fundadores de algumas comunidades ribeirinhas promoveram *o cultivo de seringueiras consorciadas com as demais árvores nativas*, consolidando as estradas de seringa, racionalizando o processo de trabalho pela proximidade entre as árvores e aumentando assim a produtividade.

Nesta área, a permanência paralela das comunidades ribeirinhas e dos seringais tradicionais como fontes supridoras de borracha natural seguiu por três décadas.

Os núcleos formados pelos seringueiros produziam a borracha sem nenhuma base de sustentação externa (via crédito), enquanto as empresas extrativistas, além de promoverem extensa e intensa exploração dos extrativistas a elas vinculados, ainda buscavam recursos no

Banco de Crédito da Amazônia S.A.(BCA) e, posteriormente, junto ao seu substituto, o Banco da Amazônia S.A.(BASA).

A política econômica do governo, entre as décadas de 50 e 70, pouco a pouco foi cortando as prerrogativas dos segmentos ligados ao extrativismo da borracha na Amazônia.

Na década de 60, a pressão externa sobre os seringais tradicionais pela política de diversificação da produção (Política de Integração Nacional), assim como a pressão interna dos extrativistas pela mudança nas relações de exploração/dominação existentes, consolidaram um cenário de desativação das estruturas arcaicas até meados da década de 80. Apesar da conjuntura desfavorável, as comunidades ribeirinhas permaneceram produzindo até o início da década de 90.

Contudo a máxima desvalorização da borracha vai minar sua produção no interior destas comunidades, passando a ocorrer um contínuo abandono da atividade de extração do látex, consolidando assim as atividades do produtor ribeirinho que passam a assumir o estatuto de atividade produtiva principal.

No entanto, mesmo considerando as similitudes nas atividades produtivas desenvolvidas pelos seringueiros e pelos ribeirinhos e apesar do fato de os seringueiros durante cinco meses do ano - no período em que não é possível realizar a extração do látex - desenvolverem as diligências laborais sem diferenças visíveis e objetivas das praticadas pelos ribeirinhos, sob o ponto de vista dos produtores, existe uma diferença qualitativa entre atuar como seringueiro ou como ribeirinho.

Assim, a passagem de seringueiro a ribeirinho não se constitui numa mudança meramente formal e/ou mecânica, mas carregada de mediações e de elementos materiais e simbólicos.

Em busca de captar o processo de constituição das comunidades ribeirinhas de produtores de borracha, e, em seu interior, como ocorre a passagem de seringueiro a ribeirinho - elegemos a comunidade de São Félix.

Assim com o objetivo de perceber a extensão e densidade desse processo abordamos no quarto capítulo os aspectos relacionados à origem e à constituição da comunidade. No quinto capítulo, abordaremos as relações de trabalho, a configuração que assume o espaço da

comunidade e as representações sócio-culturais que os seringueiros/ribeirinhos constroem nas relações com os homens e com a natureza. .

E, por fim, no sexto capítulo, buscaremos perceber as dimensões sócio-política e cultural, ou seja, os sentidos que a comunidade assume para seus protagonistas em sua organização política e a identidade social construída neste contexto.

1. A Comunidade de São Félix: relatos sobre sua origem e formação.

A comunidade de São Félix está localizada as margens do rio Arauá. Limita-se com a comunidade de Santa Rosa, por um lado, sendo esta a comunidade mais próxima. À margem oposta do rio está localizado o seringal conhecido como Limãozinho, de propriedade dos moradores de São Félix, utilizado apenas para atividade extrativa - não há moradias nesta área. O tempo de travessia, entre São Félix e o Limãozinho, é de vinte minutos de canoa.

A comunidade de São Félix possui aproximadamente 50 anos de existência. Não se sabe precisamente a data (ano) de fundação da comunidade. Isto se deve ao fato de seus fundadores não marcarem o tempo delimitado pelos anos, mas por acontecimentos significativos de suas vidas: o nascimento de um filho, casamento, a morte de um ente querido.

Não só fatos vinculados aos acontecimentos sociais e familiares são utilizados para demarcar o tempo, mas também a demanda maior ou menor de seu produto. A variação na demanda da borracha, não raro, é usada como referencial de tempo, por marcar momentos em que ocorreram mudanças em suas vidas. A própria fundação da comunidade de São Félix se deu num período de valorização da borracha.

Mas, se por um lado, com a valorização da borracha os seringalistas fechavam o cerco em torno dos seringueiros, por outro, a procura pela borracha foi favorável à estruturação da comunidade, pois o rendimento do seringal era relativamente alto.

Este fato permitiu a seu Félix manter sua família e dar trabalho a outros trabalhadores na comunidade. Seu Arnaldo afirma: "*aqui eu tirava uma base de 08 a 09 litros de látex por dia.*" Esta era a média de rendimento das seringueiras nas estradas de seringa em São Félix.

Nesta conjuntura, a valorização da borracha abriga aspectos contraditórios: a superexploração do trabalhador no interior do seringal tradicional e a possibilidade de tornar-se autônomo. A superexploração do trabalhador ocorria quando este era forçado a abandonar as demais atividades acessórias, o roçado, por exemplo, para dedicar-se exclusivamente à extração do látex, ampliando a produção e, em consequência, os ganhos do patrão.

Com relação à possibilidade de tornar-se autônomo, o seringueiro encontrou as condições favoráveis para a produção e comercialização por conta própria, obtendo recursos para manutenção de seu grupo familiar - como o fez seu Félix na formação da comunidade que leva seu nome.

Para abordarmos a formação da comunidade de São Félix, tomaremos como base as narrações de seu Félix Valente, proprietário fundador.

Partimos do pressuposto que a narração de um fato, por mais objetivo que o indivíduo busque ser, ainda assim, contém em si elementos de interpretação inerentes à percepção imaginária do narrador. Assim, o narrador seleciona os fatos que conferem sentido à sua existência, que por sua vez constituem representações próprias ao contexto cultural e social em que este vive, em sua expressão simultânea objetiva e subjetiva.

Neste sentido, pois, é que tomamos o relato de seu Félix, para referenciar a origem da comunidade em questão, num intercruzamento entre sua história biográfica e a história social local.

Seu Félix, ao narrar sua trajetória de vida, revive seus dramas, percepções e os diferentes sentimentos presentes em suas lembranças, em seus laços com os personagens que compõem a sua história, bem como sobre o contexto social em que se insere, fornecendo elementos significativos a respeito da fundação de São Félix, ainda que dotados de conteúdos imaginários.

Com base nessas considerações partilhamos da proposição posta por Ecléa BOSI quando enfatiza que:

" A veracidade do narrador não me preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas

consequências que as omissões da História oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida". (apud. CUNHA, 1987:50)

Nascido na cabeceira do rio Arauá, filho do dono de um pequeno seringal, ele era muito criança quando seu pai faleceu. Em sua memória, seu Félix agrega diferentes elementos simbólicos. Um destes elementos se atualiza no momento em que afirma que seu pai foi "soldado da borracha" - denominação dada aos seringueiros que vieram para a Amazônia durante a II Guerra Mundial - sendo que nesta época seu pai já havia falecido.

Portanto, percebe-se que ele em suas recordações não só associa momento separados cronologicamente, mas atribui esta denominação a seu pai para expressar que aquele era natural de outro Estado. E mais que isto, patenteia a um ente muito querido, assim como a si próprio, uma significação extremamente representativa aos extrativistas, neste contexto, que é ser um "soldado da borracha" ou seu descendente.

O reconhecimento que se atribui deve-se ao fato de o "soldado da borracha" ser um produtor de borracha reconhecido oficialmente, tendo em vista que esta denominação foi atribuída pelas agências do governo, facultando-lhes os mesmos direitos dos soldados que participaram da II Guerra Mundial, como, p. ex., a garantia de aposentadoria especial. Isto lhes conferia prestígio diante dos demais, ainda que estas prerrogativas só fossem conferidas aos seringueiros recrutados em outras regiões para participarem da "Batalha da Borracha".

Com a morte de seu pai, que era o dirigente do processo de produção no pequeno seringal de propriedade da família, esta função foi assumida por um empregado que passa a exercer a direção, pois a mãe de seu Félix, por sua condição feminina, não possuía os requisitos exigidos pela sociedade local para assumir tal função.

Segundo seu Félix, o novo administrador *era muito irresponsável*; resultando de sua ineficiência a falência do seringal. Com a perda de seu patrimônio, seu Félix passa a trabalhar como os demais extrativistas com a idade de 08 anos, faixa etária em que a maioria dos trabalhadores extrativistas se inicia na extração da seringa. (ver gráfico 03 - em apêndice)

Seu Félix trabalhou durante muitos anos como freguês em um seringal do alto, o Castanho. A mãe de seu Félix, inconformada com a situação em que ele se encontrava como trabalhador extrativista, recorreu ao seu padrinho "*pedindo uma ajuda*". Em atendimento a sua solicitação recebeu uma pequena área, próxima a uma aldeia indígena: o Flexal.

Ao mudar-se para essa área, seu Félix casou-se. Sua esposa, de origem indígena, morreu em 1990 com idade bastante avançada, segundo seu Félix ela já estava com 106 anos. O casal teve 07 filhos, dos quais um se deslocou para a cidade de Manaus, dois morreram e quatro vivem atualmente na comunidade de São Félix onde constituíram família.

Mas o Flexal não tinha estradas de seringa suficiente para atender as necessidades da família Valente. Assim, seu Félix e seus filhos José e João - os *mais velhos* - tinham de trabalhar de freguês nos seringais nas proximidades. A família Valente viveu poucos anos no Flexal. Seu Félix promoveu a venda do Flexal e comprou São Félix e o Limãozinho. Mudando-se para o local da atual comunidade de São Félix. A vinda para esta área criou a condição primeira para que seu Félix abandonasse o seringal em que era freguês.

Segundo seu Félix, ao chegar nesta área, já havia algumas árvores de seringa nativa, mas não o suficiente para dar trabalho a outros seringueiros, o que levou-o a iniciar o cultivo de seringueiras, aumentando o número de estradas.

As árvores foram plantadas no interior da mata, num cultivo bastante peculiar, pois em geral, ao se planejar o plantio de determinadas espécies vegetais, o primeiro passo é a retirada da mata, mas em São Félix a plantação de seringueiras efetivou-se sem desmatamento e as mudas em composição com as seringueiras nativas resultaram em várias estradas de seringa.

Cabe enfatizar que a modalidade de plantio utilizada por seu Félix apresenta um *caráter inovador* na região amazônica, em que, historicamente, as plantações de seringueiras têm resultados negativos por serem acometidas pela ação devastadora de fungos, sendo que a doença mais comum a "vassoura de bruxa" incide sobre as plantações em decorrência do desmatamento que é promovido para a realização do plantio. ⁶

Até que as seringueiras plantadas atingissem o ponto de corte, entre 07 e 08 anos, o seringal Limãozinho era o único local utilizado pelos comunitários para extração da borracha, embora também neste seu Félix tenha promovido o plantio de seringueiras, criando condições para que com o aumento dos membros da comunidade, houvesse estradas suficientes para fornecer trabalho a todos.

As estradas de seringa foram todas organizadas por seu Félix e eram trabalhadas por seus parentes e por pessoas de áreas circunvizinhas, absorvendo um total de treze (13) extrativistas. Cada trabalhador garantia a manutenção de um grupo doméstico, cuja média de membros estava em torno de oito (08) pessoas.⁷

A partir do momento em que as estradas entraram em produção, nos primeiros anos de existência da comunidade de São Félix, o plantio de seringueiras e o número de estradas organizadas excediam a capacidade de trabalho da família de seu Félix, o que permitiu, portanto, a vinda de outros extrativistas de fora da família e de outras localidades para extração de látex.

Seu Félix afirma que ao criar condições para produção extrativista da borracha em nenhum momento quis se tornar um patrão tradicional - um seringalista. Seu Félix ao manifestar essa preocupação mostra um certo receio em ser confundido com a representação autoritária e repressora que a figura do patrão evoca e que habita na mente da grande maioria dos seringueiros. Neste sentido, veiculam comumente afirmações sobre a relação com os patrões nos seguintes termos :

*" agente sofria lá demais [no seringal tradicional].
Demais mesmo, porque a gente criava uma galinha
prá gente se manter. As vezes sobrava que dava prá
gente vender prá pegar um dinheirinho; não consentia
a gente vender prá fora. E afinal tudo. Criação, nada!
Produção tudo era pro patrão: tudo era pro patrão!
da borracha a castanha, sova, a balata, afinal tudo,
tudo era pro patrão!*

(seu Raimundo)

responsabilidade desta ou daquela estrada, mas a organização do trabalho, a comercialização e apropriação do produto eram feitas pelos trabalhadores.

Nestes termos, ele implantou na comunidade outro tipo de relação entre o trabalhador e o dono do seringal, não assumindo o papel de patrão no sentido tradicional na organização da produção da borracha.

Importa destacar que, muito embora seu Félix mantivesse o domínio da propriedade da terra, esta condição não determinava diferenciações no interior do grupo. Tendo por base esse pressuposto, é possível identificar uma configuração inovadora na produção da borracha na área de São Félix e do Limãozinho em meio à predominância dos seringais tradicionais no rio Madeira, Aripuanã e Arauá, redefinindo o tipo de relações de trabalho vigentes até então.

Observa-se que, efetivamente, seu Félix se diferencia da descrição que os seringueiros fazem dos patrões, assumindo ao mesmo tempo um papel singular neste contexto pela conjunção de diversas condições objetivas e subjetivas. Entre elas destacam-se a de ser o mais idoso e o fundador da comunidade. Tais condições o tornam distinto dos demais trabalhadores e o investem na condição de autoridade única.

Configura-se na relação entre os membros e seu Félix uma mútua determinação. Ao mesmo tempo em que ele é procurado para aconselhar e para tomar as decisões, também, por sua vez, busca aconselhar-se e decidir em conjunto com os outros membros da comunidade. Porém, é possível perceber níveis diferenciados de reciprocidade, sob certos aspectos, entre seu Félix e os comunitários, em que seu filho mais velho - seu José Valente - merece sua preferência em relação aos outros servindo-lhe como uma espécie de conselheiro. Sobre este fato, seu José Valente conta que:

"Tudo que disser prá ele, ele vem comigo."

Entre seu Félix e os demais comunitários nota-se, também, uma situação marcada por ambivalências. Embora aparentemente ele não assuma nenhuma atitude impositiva, autoritária, percebe-se, em alguns relatos, certa tensão, e o conflito se manifesta de forma velada em

afirmações sobre sua personalidade - apontada como muito forte e determinada, não aceitando, em determinados momentos, as posições contrárias à sua.

De certa forma, isto se explica por seu Félix, mesmo sem atuar de maneira dominadora, cobrar certas prerrogativas por ser proprietário, fundador e ainda chefe da família, tais como: a de ser o porta voz da comunidade; a de ser respeitado em suas opiniões e conselhos; e ainda outros comportamentos cotidianos, corriqueiros, apoiando-se no domínio que possui da memória mais antiga e de deter o conhecimento sobre a origem do grupo. Assim, em vista de sua atuação fundamental na consolidação das relações que se estabelecem na comunidade, seu Félix exerce papel de **patriarca** da comunidade.

Com o passar dos anos, seu Félix aos poucos foi repassando as atividades que requerem destreza e força física a outros membros da comunidade, enquanto as funções de conselheiro e rezador exercidas por ele se ampliam ganhando maior crédito e legitimidade, tanto por força do papel que exerce na comunidade quanto pela idade que lhe confere o estatuto da experiência e saber.

Nota-se uma certa hierarquia no interior do grupo comunitário entre os que são membros da família Valente e os membros originários de outras coletividades que vieram para trabalhar na produção da borracha, haja vista que certas funções exercidas por seu Félix são repassadas para os seus parentes, como a fortalecer as relações de parentesco, resguardando seus direitos hereditários.

De acordo com esta perspectiva, um aspecto se destaca no interior da comunidade. Observa-se uma certa diferenciação entre determinadas normas, que são orientadas, mais precisamente para aqueles que são membros da família Valente, ficando desobrigados aqueles que vieram de fora, tais como: a responsabilidade de manutenção com os parentes que estão impossibilitados, os que vão perdendo a capacidade física para exercer atividades produtivas e outras.

No entanto, estas normas são seguidas sem pressão, ao contrário, fluem, expressando uma espécie de naturalidade em sua prática.

A diferença entre os membros da família Valente e *os de fora* se complexifica à medida que o reconhecimento, a identificação da diversidade possui ainda outros fundamentos, além das relações de parentesco, sobretudo as diferenças oriundas da constituição dos agentes sociais em diferentes planos, relativos à trajetória sócio-histórica.

A participação no meio comunitário de agentes externos tem que estar vinculada à habilitação que possuem. A relação com a natureza, por exemplo, a forma de exploração dos recursos naturais e outras práticas são levadas em consideração, sendo tomados como ponto de referência seus próprios padrões de prática.

Contudo, as diferenciações interna e externa à organização social não implicam a dominação de uns sobre outros.

A hierarquia está vinculada à condição de propriedade que a família Valente possui. Na proteção de seu patrimônio e de acordo com essa situação, elege aqueles que podem ou não fazer parte do seu convívio e do usufruto dos recursos existentes na comunidade.

As demais comunidades em que se fez levantamento de dados, Santa Rosa e Guarúba, possuem cada uma um membro que assume as atribuições de patriarca.

Mas cada comunidade, assim como São Félix, organiza sua coletividade local de acordo com padrões particulares, daí por que se definir como uma comunidade específica em relação às demais, mesmo havendo elementos comuns a todas elas.

Posteriormente, pretende-se abordar alguns dos significados que a vida comunitária imprime aos seus membros, a partir de seu próprio olhar e representação. A importância disso se deve ao fato de que essa percepção revela-nos um complexo sistema em meio ao qual se desenvolvem as tramas cotidianas, políticas, econômicas, culturais e outras.

O sentido de ser e/ou estar em um espaço social caracterizado como comunidade extrapola a mera definição formal e informa sobre a natureza da organização social, cultural e econômica, atualizando elementos importantes para o conjunto dos agentes sociais.

Neste sentido, a comunidade conforma uma **ordenação sócio-espacial** que a particulariza enquanto *lugar* em que os agentes sociais consolidam **relações de trabalho** a

partir de seus *saberes* e experiências. Tais aspectos servirão de fio condutor em nossa abordagem no item seguinte.

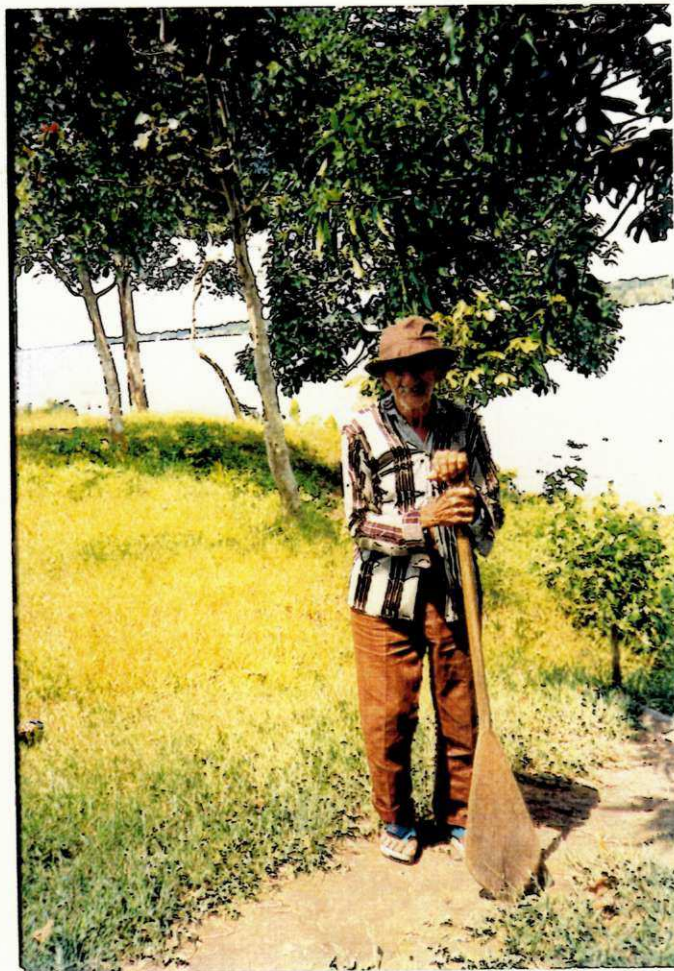


FOTO 01- Seu Félix (88 anos), patriarca da comunidade ribeirinha de São Félix.

NOTAS DO CAPÍTULO IV

1. Sobre os convênios internacionais mantidos entre Brasil e E.U.A. no decorrer da II Guerra Mundial ver: Nelson A. Pinto. Política da Borracha no Brasil. Hucitec, 1984; Luiz Miranda Corrêa. A Borracha da Amazônia e a II Guerra Mundial, 1987.
2. Ver Samuel Benchimol. Amazônia: Um pouco-antes e além-depois. Calderaro, 1977.
3. Em sua pesquisa no Rio Juma no município de Humaitá no Amazonas, Carlos Corrêa Teixeira (1980) refere-se ao surgimento dos *povoados*, que acreditamos serem referências à formação da comunidade ribeirinha, que ele define como: "*Uma espécie de desaguadouro natural do profundo conflito existente entre o domínio exclusivista dos donos dos seringais e a manifestação de formas de vida mais livres (...) resultava sem dúvida alguma do modo livre de viver do caboclo em oposição a outras formas de vida nas quais imperava a vontade de um único indivíduo (...) acabava se constituindo numa espécie de refúgio - o único naquelas condições - para aqueles que recusavam a sujeição do seringal.*" (p. 163)
4. Entre autores que travam debates sobre a ocupação permanente da terra no extrativismo estão: Waldemar Salles. O Amazonas: O Meio Físico e Suas Riquezas Naturais. Manaus, s.d.; Pedro Vicente Sobrinho. Capital e Trabalho na Amazônia Ocidental: Contribuição à História Social e das Lutas Sindicais no Acre. S.P., Cortez, 1992.
5. Ver Carlos Corrêa Teixeira. O Aviamento e o Barracão na Sociedade do Seringal. 1980 (Mimeo).
6. Ver Warren Dean. A Luta Pela Borracha no Brasil. Nobel, 1979.
7. Com base em levantamento, efetuado em março de 1993, a comunidade de São Félix possui cinquenta e cinco (55) habitantes: nove (09) mulheres; doze (12) homens; vinte e cinco (25) crianças com idade inferior a 10 anos; e nove (09) crianças com mais de 10 anos e menos de 15 anos.

CAPÍTULO V - ENTRE A FLORESTA E O RIO: o trabalho e os espaços na comunidade.

"Esse é o meu sentido de trabalhar...":

Na trajetória histórica da comunidade de São Félix dois momentos se apresentam: o primeiro se inicia com a fundação da comunidade, em que a produção da borracha era predominante, constituindo a base econômica; e o segundo momento, se configura pela predominância das atividades ribeirinhas a partir do abandono da produção do látex.

Desde a fundação da comunidade na década de 1940 até o início da década de 80, a produção da borracha era a base exclusiva da produção econômica em São Félix. Durante a década de 80, pouco a pouco os comunitários vão substituindo esta produção pelas atividades antes consideradas acessórias e reconhecidas como atividades do produtor ribeirinho seu encerramento nas comunidades - ou paralisação como preferem denominar os produtores - efetiva-se no início dos anos 90.

Mas a natureza da produção da borracha na comunidade, desde sua origem, diferenciava-se qualitativamente da produção nas empresas extrativistas tradicionais, em diversos aspectos, dos quais destacam-se: **as relações sociais de trabalho e a organização social e espacial.**

Apesar da abordagem das relações de trabalho na comunidade de São Félix estarem centralizadas neste capítulo ela perpassa o interior da segunda parte deste trabalho, como um todo tendo em vista seu caráter de eixo central de análise.

1. As relações de trabalho na comunidade.

Em que pese as alterações significativas, ocorridas nos dois momentos considerados, a atividade produtiva da borracha natural não se distinguia, quer na empresa extrativista ou quer na comunidade em sua configuração material, operacional, objetiva.

O processo técnico de trabalho, a operação técnica, assim como os instrumentos de trabalho configuram-se igualmente: a **faca** que servia para cortar a seringueira; o **tigelamento** (conjunto de tigelas) para *aparar o leite*; o **balde** para carregar o leite e a **lamparina** que iluminava o caminho a ser percorrido. Assim nos relatam os seringueiros: *“Lá no alto, se usava espingarda em caso de ser atacado por alguma onça ou outro bicho do mato, mas aqui no baixo é manso, não carece.”*

Contudo a natureza econômica e política das relações sociais na produção da borracha eram substantivamente diversas nos dois espaços: empresas e comunidade. A diferença fundamental que se expressou na comunidade foi a superação das relações de dominação e exploração exercidas pelo patrão no seringal tradicional.

Na comunidade o seringueiro além do domínio que exerce sobre o processo de trabalho tem a prerrogativa de comercializar seu produto com quem bem lhe aprouver e os resultados de seu trabalho lhe pertencem.

Assim, as diferenças objetivas de um contexto para outro se expressam não tanto no processo técnico de produção da borracha, mas basicamente no âmbito das relações sociais, muito embora também no processo de trabalho estão estruturadas formas diferenciadas de atuação.

O processo de trabalho, desde a fundação da comunidade, tinha por base a atuação individual do seringueiro na estrada de seringa, na coleta do látex e na produção da borracha nos moldes do seringal tradicional. Enquanto as atividades de limpeza, plantação de roça e árvores frutíferas desenvolvidas na comunidade eram assumidas coletivamente.

Nas comunidades inauguram-se formas coletivas de desenvolvimento das atividades de conservação, roçado, plantação e muitas outras, ou seja, estas formas passam a ser executadas

através do que localmente chama-se de *puxiruns* - trabalho coletivo no desenvolvimento de algumas atividades. Nestes moldes tais atividades diferenciam-se da forma como eram praticadas no seringal tradicional, em que havia outros trabalhadores que dando suporte às atividades dos seringueiros. E, naqueles seringais que não havia trabalhadores para dar suporte aos extrativistas, o conjunto das atividades de conservação, extração e produção da borracha eram assumidas pelo seringueiro e sua família; posto que se encontravam de certa forma isolados dos demais em colocações distintas.

As atividades na comunidade, assim como nos seringais tradicionais, resguardando todavia certas diferenciações entre um contexto e outro, são distribuídas entre os membros, de maneira diferenciada, de acordo com alguns parâmetros. Neste sentido o caso das crianças e das mulheres é ilustrativo desse processo.

No período em que a borracha era a atividade principal, havia tanto no interior dos seringais quanto nas comunidades um regulamento implícito com relação às crianças do sexo masculino que, para obterem o reconhecimento social, deviam obrigatoriamente dominar as técnicas de produção da borracha.

Os meninos ou *curumins*, como comumente são chamados, assim que atingiam a faixa etária em torno dos 8 anos de idade, eram levados pelo pai ou parente próximo para a estrada de seringa, até que se tornassem aptos e atingissem a maturidade. Este era marcado pelo domínio das técnicas de trabalho que possibilitava assumir uma estrada sozinho (ver gráfico 01 apêndice).

Ao se tornar um aprendiz da atividade extrativa, o curumim assumia diante do grupo um novo papel, pois o período em que inicia-se no trabalho é bem demarcado e todo o grupo passa a vê-lo como um futuro seringueiro.

Os relatos a seguir traduzem a percepção dos seringueiros sobre este momento:

"Como eu apanhei prá ser seringueiro."

"Então eu comecei a cortar com 10 anos, eu com meu primo, aí quando foi com 12 anos, eu disse: _ Eu dou

conta de uma estrada, aí eu fui, trabalhei já sabia como era e dei conta de uma estrada, disso tudo nunca falhei um ano."

Todos estes momentos que vão sendo criados na vida desse produtor marcam definitiva e profundamente sua existência, potencializando um feixe de significados, criando e recriando padrões de prática sócio-culturais na construção de sua identidade social.

A situação das crianças do sexo feminino é bem diferenciada. Estas começam suas diligências no cotidiano da vida doméstica, desenvolvendo inúmeras ações esparsas e eventuais muito precocemente. As atividades rotineiras de cuidar da casa e dos irmãos, atribuídas às meninas, não possuíam o mesmo significado que a produção para a subsistência - seja para consumo do grupo doméstico, seja para a comercialização - e são mesmo descaracterizadas como "trabalho".

A condição feminina no seringal tradicional e na comunidade em foco não possuía diferenciações significativas: em ambos, a mulher além de ter que assumir a criação dos filhos e as responsabilidades da realização dos trabalhos domésticos não raro fazia roçado, preparava farinha e ainda ajudava em diferentes momentos o marido nas estradas de seringa.

A atuação da mulher nas atividades produtivas se intensificava principalmente se havia a necessidade de ampliação da produção para atender alguma carência do grupo, ou mesmo por anseio de adquirir algum objeto de uso pessoal ou doméstico. Assim, o trabalho feminino podia ser exercido tanto na retirada de recursos da floresta, para confecção de um objeto útil ao grupo doméstico, ou para ser vendido e obter recursos monetários que possibilitasse a realização da compra de algum produto industrializado objetivando o atendimento de necessidades pessoais ou do grupo.

No interior dos seringais tradicionais, apenas em situações extraordinárias, a mulher assumia as funções de produtora principal na extração da borracha, como no caso da perda do companheiro; pela necessidade de manutenção de seus filhos.

Entretanto, nas comunidades ribeirinhas, a mulher ao sofrer a perda de seu companheiro, tanto por afastamento temporário ou definitivo - caso de falecimento - os demais

comunitários passam a contribuir para a sua manutenção e de seus filhos. A não ser por opção própria ela irá desenvolver os trabalhos antes realizados por seu cônjuge. Em São Félix podemos citar o exemplo de dona Fátima, neta de seu Félix, que foi abandonada pelo companheiro e nunca recebeu nenhuma assistência material da parte dele. Ela e seus cinco filhos pequenos são ajudados pelos membros da comunidade que têm prestado todo o tipo de assistência necessária.

Na comunidade de São Félix, uma grande parcela das atividades agrícolas - plantação, roçado - é desenvolvida pelas mulheres de maneira indispensável à complementação do trabalho para a manutenção da família e da comunidade como um todo.

Neste sítio, não só a força de trabalho da mulher é requisitada como também a mão-de-obra dos demais membros da família, incluindo as crianças - como foi relatado anteriormente. Isso ocorre considerando que na comunidade não existe trabalho assalariado e as próprias características internas da organização do trabalho estão assentadas no grupo doméstico.

Assim, no interior do grupo doméstico, a mulher atua não apenas como reprodutora dos homens, mas também como produtora das condições de subsistência, sendo que o conjunto destas ações caracterizam sua atuação como reprodutora das relações sociais.

No entanto, as relações de trabalho no interior da comunidade não se diferenciam somente no processo de produção da borracha, mas efetiva-se mesmo a substituição desta produção pelas atividades do produtor ribeirinho.

O abandono da produção da borracha se deu pela conjunção de uma série de fatores, entre eles a ampliação da produção da borracha em outros contextos, a contínua substituição da borracha natural pela sintética, o processo de produção - resultando no alto custo da produção, sem que houvesse o mínimo de investimento em infraestrutura e tecnologia apropriadas - e a persistência da pesada cadeia de aviamento.

Os seringais tradicionais foram desativados, na sua grande maioria, nos meados da década de 80, enquanto as comunidades resistiram ao impacto da conjuntura econômica nacional e internacional até o início da década de 90.

A combinação dos diversos fatores, antes citados, desaguaram no abandono das estradas de seringa pelos extrativistas das comunidades ribeirinhas que foram os últimos a deixar de produzir borracha na extensão do rio Arauá.

Para essa população, os preços reduzidos da borracha, a cada vez que o regatão "baixava" - descia o rio -, traziam preocupações; que se multiplicavam no interior da comunidade os extrativistas que desistiam de produzir borracha. E diante do agravamento da crise sócio-econômicas inumeráveis estratégias foram tentadas.

Os produtores passavam a dispender maior esforço para ampliar a produção, para, com um volume superior, compensar os preços baixos, mas em pouco tempo esta alternativa mostrou-se inócua, pela redução crescente do montante de compra por parte dos regatões.

Os produtores atribuíam os preços baixos à ganância dos regatões, e na tentativa de superar tal entrave, entabularam outra estratégia, restrita a poucos, tendo em vista que nem todos os extrativistas podiam empreender. A estratégia consistia em conseguir transporte para levar as pélas de borracha para vender diretamente aos comerciantes da sede do Município, a que em pouco tempo mostrou-se inviável. Em 1991, alguns seringueiros abandonavam sua produção em Novo Aripuanã, sem compradores.

"É uma situação difícil mesmo, né? Eu acho que todos os que eu conheço aqui nessa região, todos é um só jeito. Situação cada vez mais difícil prá nós, é um problema que tá havendo deles pararem de trabalhar, né? "

" Eu parei porque a borracha num valeu mais nada e não valeu mais nada e não tinha condição de cortar, prá que cortar, prá que sem preço e sem nada, né? Aí, todo mundo parou, não tem condição !"

Nos meados dos anos 80, no momento em que a maioria dos seringais tradicionais já se encontravam desativados, as comunidades ribeirinhas que ainda persistiam em produzir

borracha, começavam a enfraquecer. Observa-se a contínua, embora lenta, substituição da atividade extrativista da borracha por atividades que caracterizam a produção do ribeirão - a pesca, a caça, o roçado. Todas estas atividades eram desenvolvidas pelos seringueiros como suplementares à produção da borracha, ou no inverno, após o término de um fabrico e início do outro - período em que não era possível extrair o látex. Entretanto as atividades de caça, pesca e roçado deixaram de ser atividades secundárias para serem principais.

Em 1991, na comunidade de São Félix, os últimos seringueiros deixam as atividades, que os caracterizavam enquanto tal para exercerem atividades características do produtor ribeirão. Efetiva-se o abandono completo da atividade extrativista da borracha.

Em certo sentido, esta mudança não promove impacto na organização e na estrutura da comunidade, pois a alteração foi se dando gradativamente, permitindo as adaptações necessárias para adequação à realidade emergente, sem que se efetivasse uma ruptura brusca. Com o abandono da atividade não se verificou a saída dos produtores para outros locais e nenhuma ação similar ao deslocamento que aconteceu nas empresas extrativistas. (cap. III)

A redefinição da situação local - ainda que pese o fato da alteração ter-se processado sem promover "rupturas bruscas", com a substituição total de um processo de trabalho, tornando atividades produtivas até então secundárias em atividades principais, alterando a base econômica da comunidade - introduz e requer uma organização comunitária diferenciada.

No mesmo ritmo em que a borracha sofreu a desvalorização de preço, os trabalhadores extrativistas que pertenciam a outras comunidades, que vinham para São Félix apenas para trabalhar, foram-se afastando, voltando para suas áreas e se tornando ribeirinhos, pois os recursos necessários à produção ribeirinha são abundantes em toda a extensão do rio Arauá e Aripuanã, como a terra, o rio piscoso e os animais da floresta.

As saídas não provocaram impacto, pelo fato da família Valente ter-se ampliado consideravelmente. O grupo aos poucos foi fazendo pressão sobre os membros da comunidade que não eram da família. E como este não foi um processo abrupto na comunidade como o foi nas empresas, a readaptação não promoveu impacto desagregador nas relações existenciadas.

Na atualidade, com o abandono da produção da borracha, a caça, a pesca e a roça são desenvolvidas como atividades produtivas principais; mas, se um ou outro membro não se sentir habilitado a realizar uma destas atividades produtivas, poderá fazer o tipo de cultivo ou de criação que lhe aprouver - a partir da discussão com o grupo doméstico e a comunidade -, observando os ritmos postos pelos ciclos da natureza.

Convém salientar que há na definição das atividades produtivas as imposições das necessidades objetivas sentidas pelo grupo doméstico e aquelas definidas pela comunidade, mas sempre é possível uma margem considerável de autonomia do produtor individual sobre o tipo de produção que ele tem mais habilidade para exercer.

O caso a seguir pode ser ilustrativo desta situação: o marido de Jerônima (agente de saúde comunitária) filha de dona Tereza e seu Waldemar, não gosta de pescar, portanto exerce outras atividades produtivas. Para obter peixe, ele troca parte de seus produtos com aqueles que pescam, ou recebe como *agrado* de outros grupos domésticos da comunidade. Desta maneira, ele recebe o peixe necessário para manutenção de sua mulher e filha sem que tenha que efetuar essa atividade.

À medida que diversos membros, continuamente, vão-se fixando nas atividades de ribeirinho, anteriormente acessórias, e estas permitem a coletivização do processo de trabalho, diferenciadamente da produção da borracha, o trabalho coletivo se institui quase que naturalmente.

Após o abandono da atividade extrativista, na comunidade de São Félix se iniciou o cultivo do fumo para fabricação do tabaco. Esta atividade envolve todo o grupo doméstico, na coleta das folhas de fumo, na arrumação na cobertura da casa na parte interna presa às hastes da palha e a posterior retirada dos talos feita no interior da habitação. O processo de preparação das folhas - retirada dos talos - se realiza com todos sentados ao chão. Em seguida é feita a embalagem que recobre o produto, confeccionada com tiras feitas de látex, colhido por uma criança da casa, com idade entre 10 e 12 anos, postas para secar ao sol sobre uma tábua. Após a realização desta operação o produto fica estocado aguardando a vinda do regatão para ser comercializado.

O fumo, dentre os demais produtos comercializados pelos comunitários, tem sido o mais rentável: *"É um trabalho manso e tem valor"*.

Um aspecto que não pode passar despercebido entre as mudanças que ocorreram na vida dos seringueiros, agora ex-seringueiros, diz respeito ao desgaste físico do produtor no processo de trabalho. Sabe-se que a produção agrícola, caça e pesca exigem um dispêndio de esforço muscular muito acentuado, mas, durante o ciclo produtivo, alternam-se momentos em que são exigidos mais trabalho e há aqueles em que diminui esse fluxo, e a força de trabalho tem emprego relativo.

Na produção da borracha (ver cap. I), em termos comparativos, o esforço físico era bem mais extenuante. O horário em que se realizava o processo de extração (à noite), com a continuidade, reduzia acentuadamente a resistência do trabalhador pela diminuição do tempo de descanso.

Na atividade produtiva, o cotidiano dos ribeirinhos não é sequenciado rigidamente, diferentemente do período do fabrico (produção da borracha). Cada dia diferencia-se do anterior e do próximo, conforme o encadeamento das atividades que em cada momento configura-se de maneira diversa. Isto é, no modo como cada atividade laboral vai requerer tempo e dispêndio de força de trabalho, assim como vai cadenciar seu próprio ritmo de execução, consubstancia-se pela dinâmica própria, articulada à natureza intrínseca a cada modalidade de atividade produtiva. Um comunitário relata como se dá o seu cotidiano, após a passagem de seringueiro a ribeirinho:

" Agora eu trabalho assim conforme o serviço. Eu trabalho assim; as vezes eu saio de manhã, chego em casa meio-dia,...eu sou muito forte né! as vezes eu viro o dia todinho, venho chegar já 4 horas da tarde em casa, eu como de manhã, as vezes tomo um café mais reforçado quando não, eu vou embora pro meu trabalho, quero acabar aquele serviço e trabalho mesmo ali até de tarde, cinco horas aí venho m'embora prá casa. Agora de noite não tardo tô com cara de velho. Aí eu vou descansar a noite, mas tenho aquele

costume que eu a boca da noite até 10 horas eu tô acordado, quando é 11 horas, meia-noite, quando é 1 hora eu me acordo e não durmo mais é como o costume de estrada."

Assim, a partir de uma outra organização do trabalho, o tempo de convivência comunitária e o de lazer se ampliam. Aumentam as horas, as frequências e número de participantes para as reuniões no início da noite para conversar sobre assuntos diversos, trocas de experiências e planejamento de atividades. Juntam-se de um lado os homens e de outro as mulheres, enquanto as crianças brincam juntas. Antes do surgimento da Associação de Moradores, estes encontros proporcionavam a discussão sobre a divisão do trabalho.

Em São Félix, com frequência, eles discutem a divisão do trabalho, mas dificilmente programam o montante da produção que precisam obter. Em alguns momentos chega a faltar produto para consumo e comercialização, porque não se colheu ou plantou, mesmo havendo condições favoráveis no tocante à força de trabalho e recursos materiais. É muito comum atribuir os problemas dessa ordem às dificuldades de organização por falta de direção cuja responsabilidade recai sobre o Presidente da Associação de Moradores da Comunidade - abordada no capítulo VI -, ou então ao desinteresse em produzir, tendo em vista os baixos preços dos produtos.

Apesar da discussão entre eles na Associação, alguns comunitários queixam-se que a divisão do trabalho é feita de maneira aleatória, sem uma determinação clara e articulada. Há insatisfação por parte de alguns, por entenderem que existe a subutilização dos recursos, com afirmações que se estes fossem bem aproveitados, partindo de um planejamento mais adequado, o montante da produção seria no mínimo o dobro, tendo em vista que com frequência muitas áreas ficam ociosas.

No primeiro trimestre de 1993, apenas as famílias de dona Tereza, seu José e seu Raimundo fizeram roçado, produziram farinha e comercializaram na feira, evitando vender

ao seu Zé "Boi", o regatão. E ainda, forneceram farinha para o consumo dos demais grupos domésticos de São Félix que não haviam produzido.

Acontece a alguns grupos domésticos iniciarem os trabalhos no roçado e em seguida desistirem de continuar, sendo então substituídos de forma não planejada por outros grupos. Há grupos que durante meses iniciam, mas não completam as atividades agrícolas. E outros que durante meses seguidos não desenvolvem nenhuma atividade agrícola, limitando-se à pesca, à caça e à coleta de frutas.

Desta maneira, a sistemática e o planejamento do trabalho têm pontos conflitantes, contraditórios, em que se realiza a burla da divisão do trabalho determinado por eles mesmos.

Todavia, pela maneira como encaminham o planejamento e a realização das atividades produtivas, é nítida a manifestação da tensão que têm com o mercado; ou seja, os princípios que regem a comercialização são entendidos, mas não são aceitos passivamente, o que de certa forma incide sobre o contexto interno da comunidade e da organização das atividades.

Observa-se que esta tensão faz-se perceptível nos momentos em que encaminham suas vendas, ancorados em valores diferenciados dos postos pelo mercado. Revoltam-se por um produto *de tanto valor*, que foi plantado, que levou tanto tempo para *ficar no ponto*, *não pegar preço* para comprar um *produto fabricado*, em alguns casos *não vale a pena colher*, *não vale a pena plantar!*

O planejamento das atividades feito pelos comunitários, no sentido de orientar a produção, possui critérios extremamente complexos para um observador que não pertence ao grupo.

No entanto percebe-se que a produção obedece a uma lógica implícita, na qual uma parte da produção da comunidade - aproximadamente um terço da produção - atende às suas necessidades de consumo; outro terço é comercializado com o regatão, e o terço restante destina-se para a comercialização na feira da sede do Município em Novo Aripuanã.

Neste sentido, o montante de produtos que o grupo doméstico produz além de suas necessidades de consumo são conduzidos à feira, para comercializar com o regatão ou trocar

com outro grupo doméstico da própria comunidade, ou ainda, com outras comunidades vizinhas.

Este intercâmbio entre produtos e/ou serviços torna-se possível exatamente por haver uma relativa variedade de produtos, apesar da quantidade ser limitada.

Nas trocas entre grupos domésticos ou comunidades, percebe-se a observância dos regulamentos baseados na tradição do aviamento, que implicitamente orientam a permuta entre produtos e serviços, com ausência de valores monetários. Com relação ao pagamento em produto ou serviço, verifica-se que este pode ser efetuado de imediato ou em prazo acordado entre as partes.

O regatão, freguês dos comunitários, o seu Zé "Boi", passa com frequência para comprar a produção, principalmente de farinha, e de acordo com o período do ano os comunitários põem a venda frutas, fumo e outros produtos obtidos na coleta.

Este regatão comercializa também com as comunidades de Santa Rosa e Guarúba. Tivemos oportunidade de presenciar a comercialização nas três áreas.

A vinda do regatão é bastante esperada e constantemente são feitos cálculos para se saber a data da chegada, tomando por base o regime das águas (vazante ou enchente), calculando-se o tempo de subida e descida da embarcação, conforme o tipo de produção do período.

De acordo com a aproximação da data de passagem do regatão, uns produtos vão sendo embalados, sendo que outros só podem ser colhidos no tempo certo, imediatamente próximo à chegada. Sabe-se, no entanto, que o comerciante só pára no porto se houver produtos que lhe interessem.

A passagem de seringueiro a ribeirão marcou a ida dos comunitários à feira da sede do município para realizar a venda dos produtos. Esta atividade tornou-se um misto de comércio e lazer. A aproximação do sábado, dia de feira, percebe-se uma movimentação geral no interior da comunidade. Pode-se dizer que uma expressão de expectativa começa a se espelhar nas fisionomias. Uns coletam, outros saem para pescar, outros ainda confeccionam as embalagens para os produtos.

Os fenômenos da natureza são interpretados como favorecedores ou não da empreitada de ir à feira pelas condições objetivas que esta determina; ou seja, se chove nos dias anteriores ao da feira, há uma vibração geral, pois a pesca fica farta, mas o dia da feira tem que ser ensolarado para permitir a viagem segura e o afluxo de compradores, o que assegura bons preços e venda rápida.

Os comunitários que são associados da Associação de Moradores do Interior (ASCOMI) destinam parte de seus produtos para serem comercializados por esta entidade. Para participar da feira eles vão na sexta-feira, no final da tarde, e dormem no local ou vão no sábado pela manhã, bem cedo, para conseguirem uma boa localização para comercializar.

O trajeto entre a comunidade e a feira, e vice-versa, é feito numa canoa com motor de popa. A viagem tem a duração aproximada de três horas. Saem de São Félix duas canoas carregadas de produtos e, na grande maioria das vezes, vão juntos, crianças e mulheres (ver foto 02).



FOTO 02 - Os comunitários chegando da feira.

No momento do retorno a São Félix, os que ficaram aproximam-se sem conseguir esconder sua curiosidade sobre as novidades e compras trazidas, constituindo-se num momento, de certa forma, especial.

O que contribui para que a ida à feira se torne um ritual é o fato de servir como alternativa de comercialização, ou seja, pela estratégia encontrada de não depender única e exclusivamente do regatão, e ainda por ser uma prática recém inaugurada aproximadamente em meados de 1992, e ter cunho de novidade.

A venda dos produtos abrange, além de seu conteúdo objetivo, que expressa a superação da comercialização exclusiva com o regatão, um conteúdo subjetivo: *a cristalização do esforço laboral*. A combinação dos aspectos objetivos e subjetivos resultam na legitimação da condição de produtor. E ainda, ir à cidade *espiar as novidades* e estabelecer contatos com um contexto diverso do habitual proporciona a quebra da rotina e imprime o caráter de lazer.

Apesar de todo entusiasmo que demonstram pela cidade fazem questão de enfatizar que:

"No campo é melhor."

"Para o trabalhador rural ¹ o campo é melhor."

"Prá mim, eu acho que a pessoa que se criou aqui no interior, o trabalhador rural, a vida do campo seria melhor de que a da cidade se tivesse assistência."

Para estes agentes, ser seringueiro, ser ribeirinho são profissões diferenciadas que os trabalhadores rurais exercem.

A ida à cidade foi tentada como alternativa ao regatão no período da produção da borracha. Naquela empreitada, no entanto, não possuía a mesma significação. A viagem era feita pelos produtores sem seus familiares e sem todo o ritual que atualmente o acompanha.

Mas, em vista da limitação de seus meios de transporte, não lhes é possível levar à feira todo montante de seus produtos. Assim, os ribeirinhos/seringueiros, por não possuírem meios para escoar toda sua produção, têm que se submeter às imposições do regatão que compra seus produtos agrícolas a preços inferiores ao tabelamento vigente; ao mesmo tempo em que vende os produtos industrializados ou advindos de outras localidades por preços exorbitantes, muito acima dos preços vigentes na economia da região.

Mas, a ida à feira somando-se à atuação da ASCOMI atenuaram significativamente a exploração promovida pelos regatões.

Os seringueiros empreenderam diversas estratégias para livrarem-se de um novo "patrão". Uma delas consistia em tentar comercializar com diferentes regatões, buscando melhores preços para seus produtos e comprar os produtos industrializados por preços menos espoliantes. Esta alternativa tornou-se inviável pelos códigos próprios de proteção praticados por estes comerciantes para demarcarem seus limites e os preços estipulados.

Os atributos incorporados pelo regatão ante o seringueiro são distintos do patrão - que atuava como dirigente nos seringais tradicionais - porém este comerciante impõe certas condições para a manutenção do intercâmbio, que se apresentam como forma de explicitar seu papel na relação. Faz exigências sobre os predicados que o produto deve ter e imprime o tom e o ritmo para o intercâmbio.

Em consequência desse conjunto de mediações os regatões passam a ser tratados pelos produtores como sinônimo de "patrão".

Mas as imposições postas pelos regatões não são absorvidas de maneira passiva. Há resistência por parte dos ribeirinhos. Institui-se uma correlação de forças em todos os sentidos, unida principalmente, na, e a partir da conjuntura econômica e política.

No momento em que a cotação do produto está elevada no mercado e a procura se acentua, os produtores ganham maior confiança para barganhar preços satisfatórios para seus produtos e conseguem abolir algumas das imposições dos regatões no momento de negociar os produtos:

"Ele [o comerciante] tava interessado nessa castanha e já prá comprar nossa borracha. O menino acertou aqui com ele. Ele comprou por causa da castanha, mas que interesse ele não tinha."

(seu Luis Gonzaga)

A consolidação de um poder exacerbado do regatão em alguns casos é quimérica, ou seja, nem sempre o regatão é um grande comerciante que se impõe pelo poder econômico. Muitos deles são pequenos comerciantes que tentam se estabelecer neste ramo de atividade. A percepção deste fato é importante, mas não há diferenças em termos da posição que o regatão funda perante o pequeno produtor ao incorporar o seu papel de dominante na relação. A correlação de forças, entre estes agentes, é mais profunda e mais extensa do que se apresenta no exemplo citado.

Após a configuração das relações de trabalho que predominam na comunidade, em seus distintos momentos, procurar-se-á focalizar as mudanças produzidas no espaço físico-social, enfim **a ordenação sócio-espacial da comunidade.**

2. A ordenação sócio-espacial da comunidade

Os ambientes que compõem a comunidade são parte da natureza e a um só tempo estão sob o domínio de um grupo social que coordena entre seus membros o acesso aos recursos aí existentes. De sorte que a utilização destes recursos atende, além das necessidades fundamentais à reprodução física do grupo social, às exigências de ordem sócio-culturais específicas a cada realidade. O grupo social se organiza para apropriação da natureza, tomando simultaneamente como fundamento da ação a carência material e a representação ideal sobre o contexto em que se insere, cujo aporte essencial são as relações sociais.

Na estruturação espacial a atualização destas e das demais relações vivenciadas pelos agentes sociais se traduzem em percepções de ordem simbólicas, comportamentos e práticas produtivas complexas de utilização do meio. Explicitam, pois, que o agente social na

intervenção e usufruto do espaço social constrói representações que passam a orientar sua atividade prática nesta espacialidade, numa contínua e infinda interdependência entre o ideário construído e a ação interventiva (do trabalho e do não trabalho). Desse modo, a representação do espaço, enquanto interpretação sócio-cultural, torna-se expressão fundamental da organização social por criar referências para atuação sobre o real.²

Nesta direção, nos processos de apropriação do espaço faz-se necessário a regulamentação do acesso que se expressa por meio de princípios que são canalizados através de elementos simbólicos e concretos, cuja concepção tem origem no construto cultural e na organização social, constituindo formas próprias de relações entre os homens e a natureza.

A ordenação da comunidade estabelecida pelo grupo social tem por fundamento, portanto, um conjunto de significados que articulam paradoxalmente a tradição e a criação cultural.

A comunidade de São Félix constitui-se num espaço social em que os diferentes atores sociais desenvolvem um processo contínuo de criação, recriação e ao mesmo tempo conservação cultural.

O substrato da criação cultural que se evidencia nas relações sociais em São Félix, como se viu, pauta-se pela instituição de uma forma própria de organização social e do trabalho, livre das amarras da exploração/dominação que tradicionalmente predominava no sistema de aviação. De tudo isto resulta que o relacionamento entre os diferentes agentes sociais passa a orientar-se por vínculos mais solidários, ainda que inscritos em relações hierárquicas.

Por outro lado, com relação a preservação cultural, esta se expressa em todos as esferas da vida e das atividades dos seringueiros, como, por exemplo, no processo técnico de trabalho e de intercâmbio com a natureza no interior da comunidade.

Pode-se dizer que na comunidade se conjuga o lugar físico, com suas peculiaridades naturais e as constituídas social e historicamente - e as representações sócio-culturais - compostas pela articulação entre o passado e o presente; essa conjunção promove a ordenação real e simbólica do espaço social.

A comunidade é um território revestido de conteúdo social, histórico e cultural. Abriga em seu interior diferentes ambientes ecológicos (áreas de manejo) cuja dinâmica de apropriação tem caracterizado o sentido do equilíbrio, da preservação pela definição de normas e princípios de ocupação e posse do espaço necessário.

No interior da comunidade, os princípios de preservação e equilíbrio da natureza são de domínio do conjunto dos agentes e expressam-se através do reconhecimento das diferenças e finalidades de cada ambiente e, principalmente, da realização das atividades produtivas e as demais, de acordo com o ritmo e com a temporalidade própria da natureza. É com base na interpretação dos movimentos do rio, da mata, dos animais, assim como de suas próprias necessidades, que se orienta o grupo social.

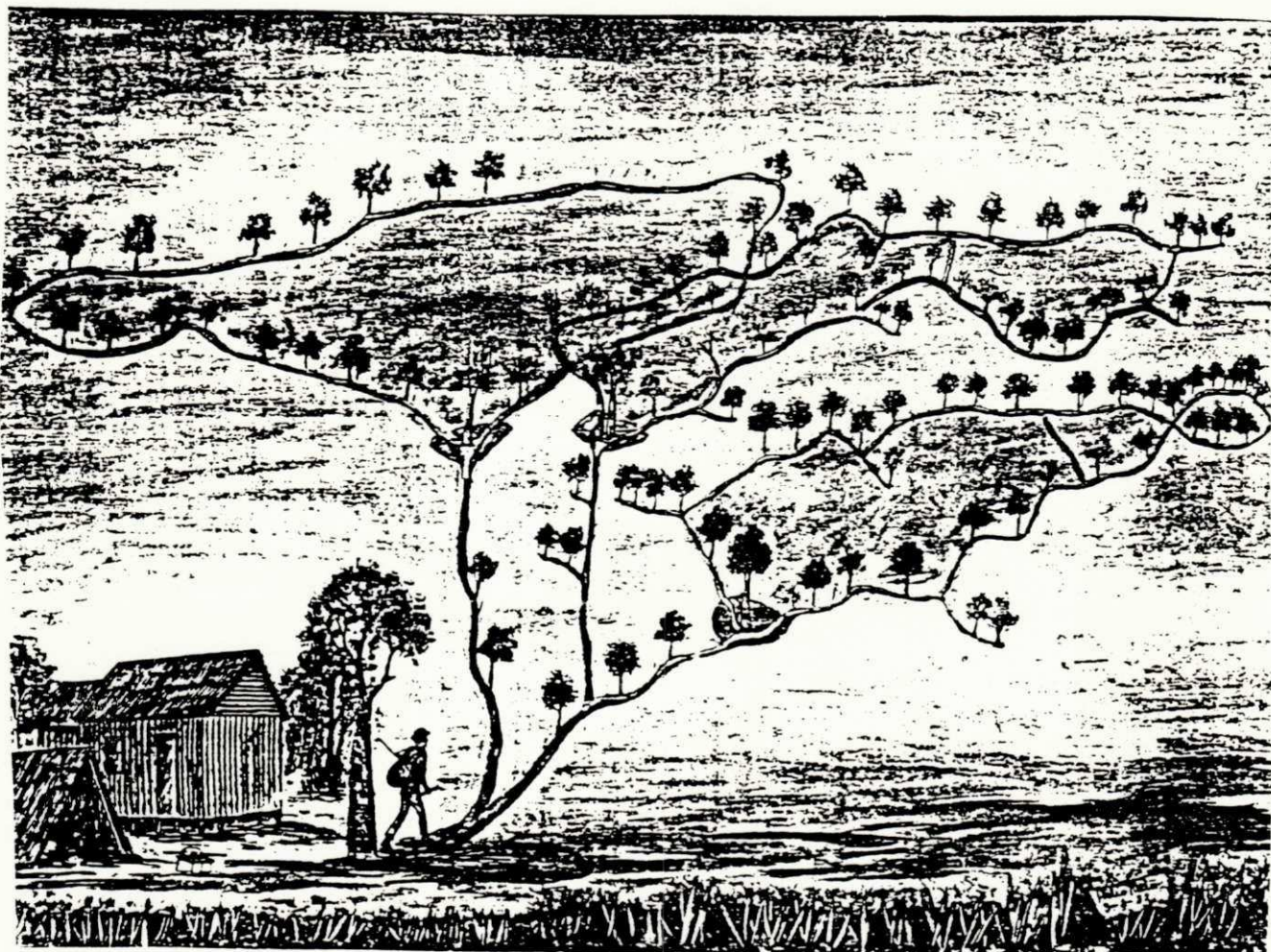
Importa, pois, realçar, que não só o espaço, mas também o tempo e o ritmo da natureza são noções fundamentais que orientam a realização das práticas produtivas neste contexto, como a caça, a pesca, a coleta e outras. O tempo e o espaço estão intimamente entrelaçados e dimensionados pela relação homem-natureza, fundados no cerne das relações sociais em que o tempo humano se articula com a temporalidade natural (sobre a noção social de tempo ver Cunha).

A constituição particular do espaço da comunidade compõe-se tendo por base um conjunto significativo de alterações que se processam no interior da comunidade, em relação aos seringais tradicionais. Dentre elas destaca-se a **ordenação sócio-espacial**.

A ordenação sócio-espacial da comunidade resultou numa estrutura diferenciada da existente no seringal tradicional, no qual havia uma demarcação rígida entre os dirigentes do processo, seus representantes e os trabalhadores extrativistas. Essa divisão se expressava pela delimitação espacial entre **CENTRO** e **MARGEM**. Na **margem** ficava localizado o proprietário (patrão) e/ou seus representantes (gerente, guarda-livros), assim como seu aparato administrativo (barracão); no **centro** ficavam as chamadas **colocações** (ver desenho 01) que são as unidades produtivas que abrangiam a moradia dos trabalhadores com suas famílias, e estradas de seringa.

Em São Félix, desde sua fundação, a organização espacial superou completamente a forma do seringal tradicional. As casas dos trabalhadores, todas sem exceção, passam a se localizar às margens do rio, e a demarcação entre **centro** e **margem** deixa de existir. As habitações ficam próximas umas das outras, com distâncias aproximadas de trinta metros: as mais afastadas não chegam a distar cem metros das demais (ver mapa 02 em apêndice).

Diferentemente nos seringais tradicionais, as distâncias entre uma colocação e outra era muito grande, em torno de dois quilômetros, no mínimo, fazendo com que os seringueiros vivessem muito longe uns dos outros, dispersos e de certa maneira, isolados no meio da floresta.



Hélio Melo/ IEA

DESENHO 01 - As estradas de seringa nas colocações dos seringais tradicionais.

As estradas de seringa trabalhadas pelos moradores, tanto as de São Félix, quanto as do seringal Limãozinho, no rio Arauá, estão localizadas na mesma margem em que habitam os comunitários, logo após a área de plantação "*aqui a estrada chega na beirinha do terreiro*". Se comparado, à empresa seringalista, essa nova estrutura equivaleria a localizar o conjunto dos seringueiros na **margem** e as estradas de seringa interligando **margem e centro**.

No entanto esse novo ordenamento sócio-espacial não implica o que poderia ser uma diferenciação entre os agentes sociais, decorrente de mecanismos de hierarquia de poder entre proprietário e não-proprietário, entre dominados e dominantes.

Todos os espaços existentes em São Félix são de livre acesso aos comunitários, permitindo a todos desempenharem suas atividades e/ou utilizá-los de acordo com a finalidade determinada para cada área. Enfim, a vida comunitária se realiza em espaços e ambientes internos à comunidade, enquanto território de existência, o que envolve o mundo do trabalho, das práticas individuais e coletivas (mutirões, puxiruns), assim como o mundo do não-trabalho, da socialização (da vizinhança, do lazer, das conversas); dimensões diversas, mas interfaceadas, sem que haja um distanciamento, uma clivagem a exemplo do mundo urbano-industrial.

Não há cercas demarcatórias na área comunitária seccionando os diferentes espaços e ambientes. De maneira combinada, diferentes ambientes se integram, cada um com sua especificidade. Dispostos harmonicamente no sentido rio-floresta, temos num primeiro plano o rio, em seguida o "barranco" margeando-o, as moradias e o terreiro (ver foto 03), o campo e a floresta, que abriga em si, entre outros ambientes, as plantações e os roçados.

No rio se pratica a pesca através da qual obtém-se o alimento básico *por estas bandas: o peixe* (a jatuarana, o tambaqui e muitos outros).

O processo de trabalho na atividade pesqueira é eminentemente artesanal, constituindo uma atividade basicamente masculina, praticada pelas mulheres apenas em casos excepcionais - estudos sobre esta atividade em outros contextos relatam este aspecto.³



FOTO 03 - As moradias e o terreiro.

Os principais instrumentos de pesca utilizados nesta comunidade são a tarrafa, a zagaia e o anzol. Os próprios comunitários produzem seus instrumentos de trabalho para a prática da pesca: Tecem as tarrafas (redes de pesca), preparam a zagaia (arpão), constroem as canoas e os remos.

Não havendo um planejamento rígido, a pesca é realizada segundo critérios variados, dentre eles as necessidades da família e a *fartura no rio*, em observância ao regime das águas.

No momento em que retornam das pescarias, os pescadores entregam às suas companheiras o resultado da pesca. Estas, por sua vez, efetuam a divisão dos peixes atendendo

aos seguintes critérios: parte para suprir as necessidades de consumo dos membros do grupo doméstico, parte para parentes e vizinhos, o excedente vai para a comercialização na feira.

O peixe é frequentemente distribuído entre os comunitários como **agrado**, que se faz a outros grupos domésticos - vizinhos, parentes. Pesca-se **um especial** para receber uma visita, para comemorar uma data festiva, ou seja, o peixe é utilizado em diversas ocasiões como objeto de cortesia.

A pesca na comunidade é um misto de trabalho e lazer como se o tempo do não trabalho fosse um prolongamento do tempo do trabalho.(Cunha)

Às **margens do rio** estão as *balsas* (armações com toras de madeira flutuantes) que servem de ancoradouros para as embarcações, sendo também utilizadas quando da lavagem de roupas e de louças. Também são escolhidas como local em que as pessoas vão se banhar, *pular n'água*, enleando higiene e prazer (ver foto 04).



FOTO 04 - Balsas às margens do rio.

Na área das moradias, as casas com a frente voltada para o rio encontram-se distribuídas pelo terreno, que ao mesmo tempo serve como **terreiro**, enquanto local em que ficam os animais de criação, todos de pequeno porte - cabra, pato, galinha e mutum, aqui também estão localizadas as casas de farinha - três no total.

A grande maioria dos trabalhos na comunidade são realizadas em clima descontraído. A torrefação de farinha destaca-se por uma peculiaridade, qual seja, a de promover maior proximidade de todos, numa abrangência que vai das crianças menores aos adultos, estendendo-se até aos animais domésticos.

O campo, espécie de estádio, diferentemente dos demais espaços, é destinado somente para o lazer. Aí não se desenvolve nenhuma atividade laboral. É o local privilegiado das brincadeiras das crianças e dos adultos. No domingo são realizados jogos de futebol, disputas com times de outras comunidades, também festejos e outras formas de socialização.

Na orla da mata são feitas as plantações de milho, melancia e fumo. Estas plantações, por serem temporárias, diferenciam-se das que são praticadas no interior da mata.

Na mata, são desenvolvidas inúmeras atividades, tais como: a plantação de fruteiras, o roçado, a caçada e o extrativismo (coleta) com a retirada de madeira, de palha e cipós. No interior da mata diferentes áreas se combinam :

- **a área de plantação**, em que a mata nativa é preservada, pois não se promove a derrubada, e as árvores frutíferas (banana, abacate e outras) são cultivadas numa forma de consórcio. É grande a variedade de fruteiras ali plantadas, sendo reduzido o número de árvore por espécie;

- **os roçados de mandioca**, aqui é necessário o desmatamento, destinam-se à produção de farinha, principal complemento alimentar dos nativos. Estes são desenvolvidos nos trechos em que a mata virgem não tenha palmeiras (açai, burití, tucumã, abacaba e outras). As palmeiras são árvores em que se pratica **a coleta**.

- **as áreas de extrativismo** ou **coleta** abrigam: as palmeiras cujos frutos são usados na alimentação, principalmente na forma de *vinho* (suco) e uma grande variedade de árvores para a coleta de amêndoas, óleos, madeira, palhas, cipós, lenha, cascas para chás, infusões e os mais variados remédios.

A grande maioria destes recursos são utilizados para consumo dos comunitários, mas podem ser comercializados de acordo com a quantidade obtida na coleta.

À exceção da árvore de seringa, que possui estradas demarcadas, as demais árvores se encontram esparsas por toda a floresta (o pau-rosa, a copaíba, a castanheira e outras).

Nesta área são bem diversificados os recursos naturais, como **as madeiras**, que são retiradas somente quando há necessidade de se construir uma casa, fazer uma canoa ou algum móvel. Não se promove a comercialização regular de madeira; **as palhas**, que são usadas para cobertura das moradias e algumas vezes como paredes; **os cipós**, que servem para a confecção de paneiros (cesto para acondicionar farinha de mandioca), peneiras e outros tipos de embalagens; a **lenha** para cozinhar, para o forno de farinha; a **caça** (anta, paca, cutia e outras), que se constitui como importante fonte de proteínas na dieta alimentar da comunidade. Embora seja uma atividade de trabalho complementar, em alguns momentos a caça assume o caráter de lazer. Raramente são comercializadas as carnes, as peles e os couros dos animais caçados, pois quase sempre as carnes se destinam ao consumo e as peles servem como objetos de adornos ou decoração.

Como se pode perceber, o seringueiro, assim como o ribeirinho, exercem uma multiplicidade de atividades laborais.

Com relação à estrutura espacial da comunidade, pode-se afirmar que este conjunto de ambientes - o rio, o campo, o terreiro, a mata - que a integram, constituem uma unidade de manejos encadeados, interdependentes entre si, formando "uma cadeia de equilíbrio delicado".⁴

Os comunitários praticam uma espécie de manejo florestal com base nas suas experiências de vida, seus saberes tradicionais que os capacitam a exercerem com competência e sabedoria suas práticas produtivas.

Os conhecimentos de que são portadores estes produtores a partir da relação com a natureza, de forma real e simbólica, parecem ter criado uma espécie de "ciência da natureza"⁵, em que exercitam todo um processo de aprendizagem e aperfeiçoamento contínuo das técnicas de trabalho.

Os instrumentos de trabalho do seringueiro são considerados arcaicos por alguns estudiosos, tendo em vista que os instrumentos destes produtores são visualizados em comparação aos elaborados no bojo do desenvolvimento tecnológico da sociedade industrial. É possível afirmar que, em sua maioria, tais considerações partem de uma concepção reducionista e etnocêntrica deixando de perceber as reais condições em que os agentes sociais encontram e transformam os elementos que estão na natureza em estágio potencial, em instrumentos e meios para atender suas necessidades a partir de seus conhecimentos sócio-culturais.

Os conhecimentos destes agentes, ao contrário de serem exortados à superação, como preconiza a posição citada, devem ser resgatados e devidamente reconhecidos pelo seu valor cultural e patrimonial podendo contribuir para a construção de novos paradigmas sobre a relação homem-natureza em sua contemporaneidade.

Faz-se necessário, entretanto, ter a devida precaução de não cair na apologia vazia de maximizar as iniciativas desses agentes, sendo, todavia, fundamental, reconhecer que suas criações têm-se apresentado como respostas práticas e necessárias aos desafios encontrados no espaço social e natural em que estão inseridos.

Historicamente, suas intervenções apresentam-se como adequadas e racionais no aproveitamento dos recursos naturais e na manutenção de um relativo equilíbrio à preservação do meio ambiente e, por conseguinte, deles próprios.

A forma peculiar dos agentes sociais se encaminharem em seu ambiente parece conduzi-los a exercer uma forma singular de delimitação das propriedades, muito embora respeitem os domínios dos outros segmentos, tomam como referência um rio, um igarapé, outra comunidade, sem que a mensuração em termos quantitativos seja mencionada ou utilizada como parâmetro.

Neste contexto, a forma de demarcação territorial que adotam os agentes sociais traduz sua percepção cultural na orientação da distinção dos limites, dimensionando os espaços, que, por sua vez, parecem obedecer aos movimentos da natureza, desta ou daquela variação no terreno, na vegetação, na curva do rio...

Os seringueiros/ribeirinhos dotados desta percepção, apontam um conjunto de elementos da natureza como definidores dos limites de propriedade, como, por exemplo: "a boca do igarapé.." "rumo dessa encosta pra cá.." "nessa pontinha de barranco". Tais expressões traduzem, neste sentido a relação do seringueiro com a natureza, particularmente na definição de seus mais variados aspectos. Tal relação repleta de representações ideais explicitam esse pressuposto e se evidenciam também na criação de leis e regras que normatizam o intercâmbio do seringueiro com seus ambientes naturais. Observa-se o cumprimento rígido dos princípios estabelecidos, pelo entendimento de que a violação destes corresponde à imputação de sanções, como se verá a seguir. Assim, com base nas **representações da natureza** que possuem estes agentes, reverenciam, em suas práticas produtivas, **os avisos da mata** e interpretam **os significados do rio**.

3. Representações da Natureza: os avisos da mata e os significados do rio

"A natureza não é tudo nem uma!"

A singularidade e a intensidade da relação seringueiro-natureza se exprime, a partir de diferentes mediações, via relações de trabalho. Estas se potencializam e se estruturam, apesar das sobredeterminações existentes, tomando por suporte a relação destes agentes sociais com a natureza.

Neste sentido, a relação dos seringueiros com a natureza pressupõe alguns aspectos básicos que se expressam a partir do conteúdo e da forma de suas práticas sociais. Institui-se, conforme vimos observando, tendo por suporte dois substratos: um **material** e outro **ideal**.

A combinação histórica concreta desses diversos aspectos, com pesos relativos diferenciados, resulta por estabelecer, neste contexto espaço-temporal, uma instituição singular entre os agentes sociais e a natureza. Portanto, sendo portadora de conteúdos próprios, constituídos conforme a dinâmica da práxis dos atores sociais no contexto histórico, essa relação não possui a mesma forma, posição ou circunstância no decorrer de seu processo de constituição sócio-histórico e cultural.

Na relação com a natureza, o seringueiro e o ribeirinho não se diferenciam: Em certo sentido eles adotam os mesmos padrões ou referenciais para o desenvolvimento de suas práticas produtivas e sociais, as quais atuam enquanto mediadores de sua relação com o mundo natural.

A explicitação desse pressuposto está em cada campo de ação da existência desses produtores. Veja-se, por exemplo, o fato dos seringueiros e ribeirinhos viverem às margens do rio. Pode-se considerar que esta é uma condição imposta a estes agentes sociais por uma conjunção de fatores objetivos vinculados à obtenção de recursos, por ser o rio que oferece o suporte para o alimento básico dos amazônidas, como o **peixe**, o abastecimento de água para diferentes utilidades domésticas e, ainda, a via de acesso, pois o rio é a estrada, o caminho dos moradores da interlândia amazônica.

Mas para além destes fatores objetivos, e ao mesmo tempo em seu cerne, manifesta-se uma racionalidade sócio-cultural dos seringueiros e ribeirinhos em que, exatamente por tais atributos, o rio extrapola o estatuto de curso d'água para torna-se, em seu universo, um fator de vida e fundamentalmente um ser ativo consciente.

O conjunto das determinações postas resultam em práticas efetivas por parte dos seringueiros. O respeito ao regime das águas - vazante, enchente -, o respeito ao período de reprodução dos peixes - a piracema - são mais que uma mera preservação ecológica - são a defesa do rio, da vida que nele habita.

Todos os barcos que trafegam no rio Arauá são identificados pelo som do motor. A qualquer ruído diferente os moradores aproximam-se da margem para observar. Se houver qualquer movimento no sentido de realizar a pesca na área, eles fazem acenos da margem para

que o barco se afaste. Em caso de persistência, por partes dos barqueiros - em geral, armadores, geleiros -, eles, em suas canoas, remam em direção ao barco, e fazem o apelo para que se retirem.

Estes encontros têm ocorrido com pouca frequência nesta área, e nem sempre são amistosos, pois na tentativa de mostrar sua força, a comunidade se reúne para fazer manifestações, cujo objetivo é a expulsão dos barcos pesqueiros que vêm de fora e, na maioria das vezes, praticam a pesca predatória.⁶ Isto é bastante ilustrativo do senso de defesa que a comunidade tem em relação a seu território de trabalho e vida.

Os ribeirinhos demarcam com muita clareza *quem pode e quem não pode* ter acesso aos proventos que o rio oferece. Esta defesa tão ferrenha se explica, em parte, pelo fato dos moradores enfrentarem, em alguns períodos do ano, a escassez do pescado.

Tal escassez é apontada como resultante da pesca comercial - destinada tanto para o mercado dos centros urbanos da região quanto para a exportação - por se realizar de maneira indiscriminada com instrumentos inadequados e, principalmente, quando é praticada nos períodos em que os peixes estão em época de reprodução, na piracema.

Os armadores ocasionam a morte desnecessária de várias espécies, sem valor comercial, mas de grande importância para o equilíbrio ecológico do meio ambiente.

Os fatos acima relatados não implicam o impedimento radical da pesca por parte dos moradores. A concessão da pesca existe, porém em espaços predeterminados, tanto para grandes quanto para pequenos pesqueiros comerciais, para que se garanta a todos, homens e rio, a sobrevivência.

No entanto os pescadores comerciais são vistos de maneira diferenciada pelos comunitários, que os classificam entre pequenos e grandes (armadores) pescadores comerciais. Os pequenos comerciantes do peixe são considerados pelos moradores da comunidade como *iguais*. Esta identificação deve-se ao fato de ser a pesca a principal fonte de recursos para manutenção destes pescadores e de suas famílias.

O homem neste espaço parece ter sido desafiado pela natureza, sendo continuamente posto a prova na busca de criar condições para transformar as forças da natureza. Para utilizá-

las em seu benefício, ele põe em prática perícia, criatividade e sua capacidade de perceber a si e a natureza.

Ao realizar suas atividades laborais em condições tão complexas, ele exercita todos os seus sentidos para a interpretação dos códigos, seja do rio, seja da floresta: identifica o cantar dos passarinhos, o esturro de uma onça ou de um gato maracajá, conhece os diferentes sinais da mata. Seus sentidos apurados e cuidadosos percebem a proximidade de algum animal ou ave pelo ruído, pelo cheiro ou pela pegada; move-se na mata com tamanha destreza, denotando identidade com o ambiente.

Depreende-se daí que para o seringueiro a natureza é a um só tempo o sujeito-objeto do seu trabalho.

A relação entre os comunitários e a natureza que os cerca é explicitamente uma relação entre " seres ", entidades que se interrelacionam. A natureza é visualizada como um ser que tem vontade, consciência que se manifesta. Em alguns momentos a protegem e em outros esperam por ela serem protegidos, afirmando, não raro, respeito e integração. Percebe-se mesmo, em alguns momentos, um certo sentimento de pertencer, de fazer parte, onde não há distinção entre natureza e ser social.

Todavia é importante considerar que a natureza em si possui uma organização externa e interna que se constitui diversa da natureza dos agentes sociais.

Para adentrar na mata, para *andar de canoa*, é necessário todo um ritual, no qual o seringueiro, assim como o ribeirinho, interpreta cada manifestação da natureza como *presságio*, favorável ou não à realização das atividades. Um canto de pássaro pode ser *um mau agouro ou uma boa nova*. É como se a natureza se regesse, apenas e somente, pela relação com estes agentes. Em outros momentos, o sentido se inverte, como se os homens se regessem unicamente pela relação com a natureza.

Isto não significa dizer que a natureza em si determina o ritmo social, pois é necessário considerar a dinâmica da relação homem-natureza no tempo e no espaço.

A acumulação e preservação dos *saberes dos antigos* na luta pela subsistência e na própria criação cultural os habilita, capacitando-os para que atuem junto à natureza a partir

dos meios próprios para trabalhar com ela. A mata não informa sobre si. Não basta apenas o conhecimento técnico, a ação mecânica da transformação da natureza em produto útil ao homem, é preciso conhecê-la, pois é complexa em seu âmago. É diversa. No saber dos antigos, os homens da floresta vão buscar os ensinamentos para afirmarem que: "a natureza não é tudo nem uma". As condições imaginárias de produção e reprodução da realidade social são explícitas nessa relação.

No discurso veiculado afirma de forma explícita que a natureza *não é tudo nem uma* em si pois ganha significação na relação com os agentes sociais e neste intercâmbio *não é uma*, imutável, mas dinâmica e diversa, complexa em sua gênese.

Na relação homem-natureza não são somente os aspectos objetivos, o processo técnico de trabalho tendo a natureza como sujeito-objeto, mas, também, as elaborações subjetivas, as representações ideais, simbólicas que em conjunto definem tal relação.

Assim, observa Godelier (1987):

"...um processo de trabalho comporta muitas vezes atos simbólicos pelos quais se age não sobre a natureza visível, como o fazemos com os utensílios, mas sobre poderes invisíveis que controlam a reprodução da natureza e são tidos, como podendo conceder ou negar ao homem o que ele espera (...) Esta parte simbólica do processo de trabalho constitui uma realidade social tão real como as ações materiais sobre a natureza, mas sua finalidade, suas razões de ser e sua organização interna constituem igualmente realidades ideais, cuja a origem e o pensamento que interpreta a ordem escondida do mundo e organiza a ação sobre as potências que o controlam". (185-6)

Neste intercâmbio, os agentes sociais, ao atuarem, reproduzem continuamente rituais que orientaram os produtores que os precederam na história. Dentre estes rituais destaca-se o horário de extração do látex, que nesta região sempre ocorreu durante a madrugada, além do fato objetivo da ampliação da produtividade pela *"ocorrência do processo de quimiosíntese*

que determinam uma maior dilatação dos vasos", tornando a árvore mais fértil. A definição do horário é marcada por significações simbólicas: a realização do processo de trabalho antes da meia-noite não era favorável porque incomodava os entes da floresta - a curupira, o juma, o índio Alvarenga, a caipora entre outros. Como foi o caso relatado por seu Gouveia:

"É, só num fabrico, depois de eu construir família, eu cortei as bocas de noite, aliás de noite, desde a boca da noite, 25 dias para fazer o meu roçado de roça, eu fazia meu roçado para plantar roça, fazia meu milharal, fazia meu melancial, (...), sei que só num fabrico cortei 25 bocas de noite até que me engasgaram no toco da seringueira."

A reprodução destas ações, à *semelhança dos antigos*, não se constitui num mero gesto de repetição, mas são executados a partir das representações das idealidades elaboradas sobre o espaço social e histórico em que vivem.

Parte dessas elaborações ideais guardam traços do tempo e do espaço em que viviam na sujeição, alguns reelaborados, mas passíveis de reconhecimento.

Um exemplo significativo ocorre no seringal tradicional, onde *era desonesto* negociar com outro agente que não fosse o patrão. O compromisso moral que o seringueiro assumia com o patrão marcou profundamente as representações que orientavam suas ações na atualidade:

"Isso até agora acontece com qualquer negócio, é que a pessoa quer trazer aquele nome de homem, de gente direita. Então ele sofre. Eu sofro em casa com o produto, mas eu não vendo pra me destruir como uma pessoa sem nome, tá entendendo?"

(seu Luis Gonzaga)

Neste entendimento partilhamos da perspectiva posta por GODELIER, de que, desde seu surgimento, toda força produtiva contém em seu interior um conteúdo ideal complexo, que:

"não é uma representação passiva e a posteriori no pensamento desta força produtiva, mas é desde o começo um componente ativo, uma condição interna de seu aparecimento". (1981:183)

A relação homem-natureza perpassa todo o desenvolvimento histórico-social, caracterizando uma complexidade que extrapola o âmbito das formas de produção - embora em conexão com estas - , redefinindo-se contínua e indefinidamente em sua articulação no plano sócio-histórico.

Na produção dos comunitários, o estatuto das condições materiais são relativizados, pois, no interior das relações materiais e objetivas que estabelecem, está inserida uma rede de representações, idealidades e saberes. Pode-se dizer que compõem uma racionalidade necessária enquanto conhecimento, que permite que a ação material se objetive. Pois esses agentes sociais se capacitam para a percepção/compreensão das leis da natureza por meio das formas historicamente determinadas de seus processos de trabalho.

O tempo da produção da borracha - aliás, como as demais formas de produção neste meio, se orientam pelo ciclo natural das estações do ano (inverno e verão) e pelas mudanças climáticas. Pelo regime das águas, pelas cheias e vazantes dos rios; pelo período de reprodução dos peixes (piracema), dos animais da floresta e pela floração das árvores.

O tempo do fabrico era o melhor demarcador de tempo durante o ano. Pautando-se pelos ritmos da natureza, o fabrico, como atividade produtiva principal, regia as demais; o tempo da caça, da roça, da juta... A *bem dizer* do seringueiro era o fabrico a atividade produtiva que regia a natureza e não o contrário.

Nesta perspectiva, o imaginário se imbrica, inscreve-se no próprio ato produtivo - nas relações do homem com a natureza. Num meio fortemente marcado pelas forças naturais, a

natureza atua diretamente e, com intensidade, no processo produtivo, vindo a conformar um tempo natural, completamente distinto dos ritmos urbano-industriais, marcados por uma medida externa e abstrata - o relógio - que foge ao controle do homem (CUNHA:1987).

A chegada do inverno marcava o *fim do fabrico* pela precipitação das chuvas que fazem as cheias do rio, que transbordam e aumentam as áreas alagadas, *afogam as terras da várzea*, expulsam, encurralam as caças nas *terras firmes - é bom tempo pra caçar*. O fim do fabrico propicia a realização das grandes festas: as celebrações. Segundo TEIXEIRA (1980), com esta prática eles pareciam demonstrar o desejo de que as festas fossem realizadas em concomitância com os resultados do trabalho.

Assim, a prática produtiva, seu tempo de acontecer, parece ser condicionado pelos ritmos e movimentos próprios da natureza e pela forma cultural que os agentes sociais adotam para dela se apropriarem.

Pode-se dizer que a própria organização desta economia se ritmava pelo "tempo natural", tempo este que abarca tanto as relações homem-natureza como as relações sociais aí presentes.

A particularidade da relação com a natureza pode ser percebida em diferentes momentos. No caso específico das relações de trabalho, observa-se a presença de elementos míticos e religiosos - além de outros de origens diversas - que mesclam-se e consolidam os princípios norteadores da prática produtiva.

"É, hoje nós não trabalhamos, seringueiro nenhum! Se abusar, ele sai de lá castigado, é um grande dia para o seringueiro, dia de hoje. Eu cortei 33 anos, mas nunca abusei nenhuma segunda-feira de agosto. Foi um dia que nunca abusei porque é de fama mesmo, que tem dia 10 de outubro eu facilitei e... é o dia de S. Francisco das Chagas...peguei 2 acidentes que eu caí e outro que me perdi, conhecendo a mata todinha, me perdi e não sabia de nada."

(seu Lobo)

"Andava no meu trabalho [estrada de seringa] como se eu estivesse andando dentro de casa, sem preocupação. Agora bater pau, de gritar, isso acontece e não se sabe quem é, não se vê. E é isso que o pessoal tem essa superstição de dizer que existe a fulana Curupira."

(seu Raimundo Sá)

"Onça isso aí tem muito, aí tem Juma [gigante com bastão de cobre], tem Curupira."

(seu Gabriel)

"Aqui é uma terra mansa!"

(dona Francisca)

A singularidade desta relação homem-natureza também se expressa quando o produtor se prepara para iniciar suas atividades laborais:

"Ei vizinho! É hora, tá na hora de sair, a lua já tá tal hora. Ainda tem os que se baseia pelas posição das estrelas."

(seu Raimundo Sá)

"Relógio de seringueiro é as estrelas. É!"

(seu Doca)

"...se baseia pelas estrelas, certos cantar de passarinho."

(seu Luis Gonzaga)

"...é horário? Se baseia assim pela lua..."

(Zito)

Outra forma que especifica a relação destes agentes com a natureza está na própria maneira de se comunicar e de se expressar, resgatadas do interior de sua tradição cultural. Veja-se, por exemplo, quando se comunicam na mata, pedem ajuda, *cumprimentam um cumpadre* através da utilização de uma raiz que faz som, a sapopema:

"...tem camarada que sabe que acorda mais tarde. Bate uma sapupema, a gente diz _ Olhe fulano já está! Já é tal hora!"

(seu Gouveia)

"Dava sinal prá mim, é só na buzina [sapopema]."

(seu Raimundo)

Desta forma, as práticas adotadas pelos seringueiros, parecem constituir uma estratégia peculiar desvelando seu profundo saber sobre a natureza que extrapola a dimensão laboral, para mostrar o significado que ela assume de sujeito-objeto na relação.

De geração em geração eles vêm marcando regras e normas de vida a partir da relação com o ambiente em que vivem, criando códigos próprios, elementos simbólicos. Estes códigos são internalizados e se expressam no conjunto de suas atividades, nas atribuições de **sentido à comunidade** e na sua **organização sócio-política**.

NOTAS DO CAPÍTULO V

1- Os comunitários definem como trabalhador rural todo o agente social que exerce atividades no meio rural e não promovem a exploração de outros produtores, como o fazem os patrões e os políticos.

2- Simone Maldonado. *Mestres e Mares: Espaço e Indivisão na Pesca Marítima*. 1993.

3- Este aspecto é relatado por CUNHA (1987) e MALDONADO (1993) no contexto da pesca marinha.

4- Mário Almeida. *As Colocações como Forma Social, Sistema Tecnológico e Unidade de Recursos Naturais*. s.d.

5- Teixeira, op. cit. 1980.

6- No início dos anos 80, algumas comunidades da Prelazia de Tefé se reuniram e resolveram iniciar um trabalho de preservação selecionando lagos que foram chamados de "procriação ou santuários" e lagos de "manutenção ou consumo". Essas comunidades passaram a se organizar para assumir a fiscalização exclusivamente nesses dois tipos de reserva, deixando as demais áreas para o desenvolvimento da pesca comercial. Essa experiência deu resultado positivo, recuperando em pouco tempo a quantidade de peixes neles existentes, melhorando assim a situação de alimento dessas comunidades. (CPT/AM)

CAPÍTULO VI - OS SENTIDOS DA COMUNIDADE: dimensões sócio-política e cultural.

1. Os sentidos da comunidade

Adentrar nos sentidos que a comunidade assume para os agentes sociais que nela habitam, tomando por suporte seus relatos e as observações que efetuamos, é dizer do espaço natural que se transmuta em social. Espaço esse que se humaniza, ganha contornos, marcações resultantes da ação efetiva de homens que na *construção do lugar de viver e trabalhar* atualizam as relações entre si e com a natureza.

O adensamento que envolve a definição de comunidade para os moradores de S. Félix, ou seja, para os personagens que a vivem concretamente, se expressa por meio de concepções que vão desde aquelas que apregoam o ideal de comunhão, até as que exprimem uma concepção instrumental da comunidade, e, no interior destas acepções, uma série de nuances estão interpostas diferenciando o entendimento de um em relação ao de outro.

Considerar essas diferentes perspectivas em sua significação real e imaginária consiste o propósito deste item.

Tomamos como pressuposto que a demarcação física e social que a comunidade determina não implica em homogeneidade, indiferenciação sem conflito ou contradições. A comunidade consubstancia diferentes aspectos indissociáveis entre si: a configuração espacial particular, *o lugar* em que se urde a teia das relações sociais, o núcleo onde se potencializam ações e efetivam práticas produtivas ou de outra natureza, substrato das tramas cotidianas.

Uma significativa parcela dos moradores definiu sua percepção sobre o contexto comunitário como aquele em que se efetiva a coexistência e associação em defesa de interesses e objetivos comuns e dificuldades partilhadas, reconhecendo, ao mesmo tempo, os entraves de concretizar tais pressupostos ao nível da realidade. Em sua fala, dona Tereza

menciona a união pela ajuda mútua como elemento fundante da comunidade, propondo a superação dos conflitos existentes, por serem contrários ao ideal de comunidade que ela busca.

*" Comunidade é prá ajudar uns aos outros, viver unido
prá ajudar uns aos outros, não prá brigar."*

Para seu Arnaldo como presidente da Associação de Moradores da comunidade, neste espaço se:

*"... conversa muito, sempre a gente tem reunião com
eles aí prá ver como é que tá a comunidade, ver a
dificuldade, a facilidade prá onde a gente pode... **onde
a gente pode encontrar um caminho melhor.**"*

Segundo sua afirmação, a partir da identificação das *dificuldades e facilidades* todos são responsáveis pela estruturação de estratégias para superar as precárias condições de existência:

*"...por aqui a situação é tão difícil que as vezes a gente
tem muita vontade de ajudar um vizinho e não pode.
Mas do que a gente pode a gente ajuda, a gente ajuda
mesmo. Se reune e ajuda..."*

Outros depoimentos informam que a ajuda mútua, mesmo sendo uma prática comum entre eles, torna-se muitas vezes inviável do ponto de vista das condições existentes:

*"Eu trabalho prá comprar alimento prá minha casa,
pros meus filhinhos - que ainda estão em casa -, e não
dura mesmo. Os que tão por aí, as vezes, eu dou prá
eles."*

(seu José Valente)

Ainda no interior desta mesma perspectiva, alguns identificam a comunidade como um espaço *onde estão reunidas para viver e trabalhar várias famílias*, cuja convivência em uma área comum passa a significar a definição de interesses coletivos - sendo esta a visão predominante entre os moradores das três comunidades pesquisadas. De certa forma esta proposição implica em relações que aprofundam e extrapolam as relações de parentesco presentes nestes espaços, ou seja, a vivência num espaço comum consolida laços de união muito fortes que absorvem as relações de parentesco.

Conquanto tais visões possam ser dotadas de um conteúdo marcadamente ideológico - afinal a *igualdade e a solidariedade* têm como parâmetro o tempo de sujeição - é preciso levar em conta que em seu horizonte os sentidos da comunidade refletem não só uma representação ideal como a própria prática real. Portanto os sentidos imprimidos à vida comunitária, como um espaço coletivo *igual e solidário*, derivam tanto de aspectos subjetivos quanto da realidade vivida, onde objetivamente a comunidade se realiza.

É, pois, na comunidade, enquanto espaço socialmente construído, que se realiza a produção e reprodução material e social dos segmentos sociais em questão. Isto pode se evidenciar pelos seguintes aspectos: os encargos de manutenção são assumidos por todos; a possibilidade de realização de empreitada coletiva na construção de estratégias de sobrevivência; o domínio sobre os diferentes espaços existentes na comunidade, assim como também na realização de outras atividades cotidianas e rotineiras. Em conjunto, estes elementos desaguam num sentido de solidariedade que perpassa o interior do grupo.

Assim, muitas atividades coletivas são estruturadas enquanto tal, em vista de serem atividades comuns ao conjunto dos comunitários, dependendo de cada uma para sua reprodução social: todos plantam, caçam e pescam, sendo, portanto, atividades comuns ao grupo, mas estas atividades ganham conotação coletiva quando eles se reúnem e planejam seu desenvolvimento em grupo, estabelecendo uma certa divisão do trabalho.

Num grupo minoritário, alguns comunitários atribuem um sentido mais objetivo à comunidade, vinculado às necessidades materiais de existência.

Os que definem a comunidade, a partir desta última perspectiva, enfatizam que a comunidade é formada por um conjunto de pessoas que se unem para se fortalecer, em que *"os pequenos têm que se juntar para enfrentar os maiores"*.

Esta assertiva, assim como inúmeros comportamentos adotados, estão marcados profundamente pela experiência que estes agentes têm vivido nestes últimos anos: a luta acirrada para obtenção de equipamentos comunitários e serviços sociais, junto às instituições públicas em todas as instâncias e o embate com diferentes interesses de outros segmentos, como as demais comunidades e outros agentes sociais.

Afirmam, desta forma, a união pela necessidade de se por diante das oposições, competições e interesses que acreditam serem antagônicos aos seus.

Na consolidação de postura para o enfrentamento, findam por definir este espaço social de maneira instrumental, em que o discurso atém-se à conjuntura política.

A ênfase à unidade do grupo comunitário, posta nas primeiras posições, assim como a visualização de interesses comuns em oposição aos agentes externos, manifestados na segunda posição, expressam uma identidade de interesses muito profunda.

No entanto a dinâmica interna da comunidade foge aos esquemas simplistas em que os conflitos inerentes às relações sociais são obscurecidos em nome da vida comunitária, da subsunção do diverso pelo uno. A convivência dos agentes sociais se efetiva em meio a um turbilhão, um complexo sistema de relações sociais marcadas, simultaneamente, pela harmonia e pela tensão.

Um aspecto que tem feito aflorar posições e perspectivas distintas no interior do grupo comunitário, vincula-se à divisão espacial. Tal conflito tem se manifestado entre aqueles que querem manter a divisão espacial atual e os que querem realizar uma outra organização no espaço da comunidade, pautada em outros padrões de espacialidade. Sobre essa questão um comunitário afirma:

" bom, eu ia trabalhar o meu pensar, e o meu pensar é de trabalhar por minha vontade é de criar sabe? É que aqui nós somos muita gente não dá prá gente criar no

meio de todo mundo que a gente tem as plantas, era fazer uma cerca, comprar material prá fazer uma cerca grande prá plantar numa parte e criar na outra."

Este anseio manifesta um questionamento sobre a estrutura, a divisão dos ambientes, os espaços abertos sem delimitação (cercas), sem marcações individuais ou dos grupos domésticos. Os partidários desta posição afirmam a defesa da igualdade e de acesso a todos, porém reivindicam a (re)definição espacial. Eles citam como exemplo outros sítios em que há divisão de áreas, nos quais as atividades desenvolvidas por cada grupo doméstico fica bem evidenciada. Propondo, portanto, que, com a segmentação das atividades produtivas, delimitando-as a cada grupo doméstico, as condições de vida do grupo se adequariam ao seu dispêndio laboral. Os que produzem mais, teriam mais.

Essa proposição é posta e articulada pela percepção da existência de dispêndio diferenciado de trabalho entre os comunitários. Estas questões fazem surgir sérias polêmicas no interior da comunidade, sendo defendidas por um grupo minoritário.

A Associação de Moradores tem-se constituído num espaço privilegiado para o debate sobre a divisão da área.

Percebe-se, portanto, que a oposição de interesses não ocorre apenas entre os diferentes segmentos ou em relação a outras comunidades. Surgem e se manifestam campos de oposição no seio da própria comunidade, mas a natureza dos diversos conflitos - no seio da comunidade e desta com outros segmentos - serem qualitativamente diferenciados. Tendo em vista que, em alguns momentos, eles definem a comunidade como reduto auto-suficiente, isolada do contexto global, onde há a predominância da homogeneidade. Em certos aspectos essa percepção expressa uma percepção limitada que se opõe ao reconhecimento de seus fundamentos sócio-históricos, que determinam relações complexas, em que se expressam articulações dinâmicas e oposições.

Sem tentar estabelecer qualquer hierarquia, entendemos que a determinação de interesses diversificados no interior da comunidade se pauta pela visualização de uma mesma experiência

de modo diferente; existência de conflito entre interesses da coletividade e individuais; diferenciadas percepções sobre a organização política e do trabalho.

Em seu percurso sócio-histórico e cultural, o grupo social, através de gerações, foi criando, paulatinamente, regras, normas, noções, representações do real, que, ao mesmo tempo que orientam, se originam no cerne de suas relações. As regras e normas são incorporadas de maneira que se tornam componentes básicos dos comportamentos sociais, na vivência em comunidade.

A vivência comunitária condiciona certas concepções de tal forma que se apresentam como se fossem homogêneas como é o caso em que com diferentes termos, mas expressando o mesmo conteúdo, todos nos afirmaram com relação às condições em que vivem :

"Todos são tão iguais, sabe!"

"Só tá um jeito só, não tem uns melhor nem outros bem de vida, nem nada!"

"A nossa vida é só uma em cada local"

A interdependência entre os indivíduos pertencentes ao grupo comunitário, tendo em vista suas condições de vida marcadas basicamente pelos mesmos condicionantes em que se manifestam carências comuns, resultam na sedimentação da percepção de igualdade e solidariedade.

Todavia a igualdade não se funda somente no fato objetivo das necessidades comuns, sendo este apenas um dos elementos que a constitui, pois em sua complexa construção, diferentes elementos são resgatados do interior das representações e das práticas sócio-culturais na trajetória social e histórica destes agentes.

Portanto afloram as oposições e conflitos em meio à ajuda mútua e à cooperação. Em alguns momentos os conflitos e as oposições manifestam-se de forma explícita, mas na maior

parte das vezes eles se cruzam de forma velada, perpassando as ações dos homens, assim, como suas formulações discursivas: "*a comunidade é prá viver unida não prá brigar*".

A tentativa dos comunitários de ocultarem certas tensões existentes no seio da comunidade reflete uma forma de proteção de seus interesses diante dos agentes externos, procurando minimizar seus conflitos internos com receio de se fragilizar perante os diferentes interesses postos em oposição aos seus.

Mas, apesar da existência de conflitos, efetivamente, o que predomina nas relações entre eles é a ajuda mútua, a cooperação no trabalho com a realização de mutirões e puxiruns. Neste espaço social consolidam uma vivência solidária, determinando a definição de uma condição comum de existência. As condições adversas que os moradores de S. Félix enfrentam, de certa forma, contribui para que busquem soluções coletivas.

Um outro sentido que a comunidade comporta e que promove a convergência entre as diversas posições, que amalgama interesses, é a necessidade de conservação de seu território, de vida e de trabalho, enquanto fator primordial para se reproduzirem física, social e culturalmente.

Deste modo, uma questão central se evidencia na definição entre aqueles que podem ser aceitos para viver e trabalhar na comunidade: **a preservação da propriedade da terra.**

Os comunitários dão preferência àqueles que vêm para a comunidade através das relações de amizade, de compadrio e de matrimônio, pois acreditam que a existência destes laços entre os homens cria vínculos muito fortes no interior deste contexto cultural e, portanto, difíceis de transpor.

Nesta perspectiva, a vinda de agentes externos para a comunidade é precedida de uma extensa discussão entre todos, muito embora os critérios de aceitação deste ou daquele agente externo não seja um critério estanque e apriorístico, mas que se (re)define na dinâmica das relações entre os comunitários e os agentes que pleiteiam o usufruto dos recursos da comunidade.

Veja-se o caso de Cléo. Originária do Centro-Oeste, trouxe para a comunidade muitos dos seus traços culturais - comportamentos e costumes. Mas, em vista do casamento com

seu Arnaldo, neto de seu Félix, tornou-se membro da família, não representando, portanto, ameaça à propriedade.

Já em se tratando dos colonos sulistas do Projeto de Colonização Esperança, que foram assentados pelo Governo Estadual em área próxima (Alvorada), a situação é bem diversa, pois os comunitários acreditam que os colonos representam séria ameaça à propriedade deles.

Dessa forma, sustentam uma forte hostilidade, por serem os colonos de outra região: *"...prá mim como eu sou filho daqui mesmo, é preferível que eles fiquem na terra deles mesmo",* embora reconhecendo que o colono *"é um coitado também"*. Mas que nesta região *" nós somos gente da terra, a bem dizer, os direitos da gente devem ser respeitados como mais importantes que os dos colonos"*.

Sustentam fortes críticas ao governo por ter promovido a destinação de recursos aos colonos em detrimento ao atendimento de suas reivindicações:

"O pessoal daqui... ficaram abandonados. O governo só olhava prá os colonos dele, né! Como aí nesse Alvorada aí prá cima, os pobres [os da terra] tinham as roças deles, e eles [os agentes do governo] chegavam, tiravam aqueles lotes - a roça do cara tava dentro. Chegavam e iam arrancando com tudo, os colonos deixando. Esse rapaz aí, tinha uma roça que eles entraram lá arrancaram a mandioca, arrancaram tudo e jogaram - limpeza mesmo prá fazer a casa dentro da roça do pobre. E não foi só desse como de outros aí".

(seu José Valente)

Na maneira como se expressam, não é somente a preocupação com a propriedade que se evidencia, mas também a discriminação que sentem, pois eles acreditam que o Governo trouxe os colonos porque *"acha que eles são superiores, melhores agricultores que a gente"*, daí a prioridade de recursos para eles e não para os produtores da

região: *"as pessoas acham o colono mais trabalhador e o "caboco" preguiçoso"*, chegando a ocorrer neste contexto o enfrentamento - agressões mútuas:

"...entre nós é difícil brigar e quando vem um de fora e começa brigando, então prefiro que fique lá".

(seu José Valente)

Portanto, para se habilitar a ser membro da comunidade, pertencer a um dos grupos domésticos aí existentes, a origem e os costumes que definem a herança cultural dos agentes sociais são extremamente importantes.

A presença dos agentes externos na comunidade, trabalhando e morando, não obscurece o papel que as relações de parentesco têm neste contexto. Ao contrário, em determinado sentido, são reafirmadas: na sucessão das atribuições exercidas pelo patriarca que são repassadas para os membros da família - p. ex., a presidência da Associação.

Mas é importante salientar que não se observa uma polarização entre os que são da família e os que não são. Apenas em alguns momentos este aspecto aflora.

A comunidade, pressuposto do mundo dos valores de uso, expressa a condição básica da apropriação, define as matrizes do processo de trabalho e a articulação do indivíduo com as condições objetivas e subjetivas do real.

A forma comunitária reveste-se, portanto, de dupla qualidade: enquanto modo coletivo de apropriação e relação social e, ao mesmo tempo, a primeira grande força produtiva.

A vivência destes agentes sociais, como a de outros habitantes da floresta, isolados no universo da comunidade, livres das determinações gerais da sociedade, orientados apenas pelas relações de parentesco, é um quadro ilusório, haja vista a articulação desta ao contexto geral da sociedade capitalista.

Presente e interferindo na dinâmica da comunidade e, portanto, compondo um cenário de sobredeterminação externa a essa realidade, deve-se levar em conta a pressão do mercado internacional e a política econômica do governo em relação à borracha nativa, haja vista que o

ciclo de reprodução econômica do produto extrativista se vincula ao circuito do capital comercial e industrial.

Assim, muito embora seja um produtor autônomo que possui o domínio do processo imediato de produção, este processo não pode ser considerado de maneira insular em relação à produção dominante, o modo de produção capitalista. Sua presença é impositiva no contexto, gerando uma certa inflexão, ordenação segundo seus princípios, que se faz por meio da atribuição das características do produto - que podem implicar em alterações no processo de produção - e de sua demanda em contínua flutuação, reguladas pelas leis do mercado capitalista.

O circuito complexo do produto extrativista foge à espacialidade de seu universo, ou seja, o espaço que foi produzido, tendo em vista que momentos fundamentais de sua realização vão se dar sob o domínio dos condicionantes capitalistas.

Para Marx, "*... sobre a base do regime capitalista de produção como regime dominante,*

toda mercadoria em mãos do vendedor tem que ser, necessariamente, capital-mercadoria. E o segue sendo em mãos do comerciante, ou se converte em tal, se antes não era." (apud SOARES, 1981:181)

Numa posição contrária àquela que pressupõe a existência de *leis fatalísticas das estruturas*, partimos do pressuposto que a expansão e dominação capitalista não podem ser determinadas a priori, mas em decorrência da ação dos agentes sociais no interior de um contexto histórico particular, tanto em função das combinações históricas concretas - embate e articulação entre modalidades diferenciadas de produção - quanto pela manifestação de fatores diversos - políticos, econômico, sociais - com pesos relativos diferenciados em cada contexto.

Assim, consideramos a produção extrativista uma "*modalidade não-capitalista de organização da produção*", que relativiza o movimento do capital.

De acordo com os pressupostos anteriores, consideramos que a subordinação ao movimento global da sociedade a que estão sujeitos estes agentes, se relativiza pelo caráter

singular de suas existências, por obterem em seu próprio meio ambiente a maior parte dos bens necessários à sobrevivência do seu grupo familiar.

Além do suporte dos recursos naturais, o embate, a correlação de forças que se estabelece proporciona o estabelecimento de uma **organização sócio-política**.

2. A Organização Sócio-política.

Na tentativa de identificar a prática político-organizativa na comunidade da São Félix, enquanto dimensão fundamental para o entendimento da trajetória sócio-histórica desses agentes - embora não seja a noção central de nosso estudo - partimos do pressuposto que a dimensão política perpassa o interior da comunidade em toda a sua extensão, expressando-se: nas práticas (produtivas ou de outra natureza) dos diferentes agentes; nas relações entre eles; e, no intercâmbio homem-natureza.

A esfera política não esta dissociada das demais - da econômica, da social e da cultural - de forma coetânea se confundem, entrelaçam-se e, em sua contextura, encerram as construções pretéritas e presentes.

Em sua extensão, a trajetória de vida dos seringueiros tem sido marcada por uma incessante luta política - pela superação da exploração e dominação - em alguns momentos mais visíveis e em outros veladas.

Cabe realçar, todavia, que esse percurso deve ser visto como encompassado pela correlação de forças sociais, num processo dialético, em que sujeição e protagonismo se alternam.

A luta política desencadeada por este segmento de produtores extrativistas se faz no sentido de superar as relações tradicionais na cadeia do aviamento - monopólio e troca desigual entre produtos - e as relações capitalistas de produção - sobredeterminação e apropriação de parte do valor do produto - historicamente articulados na promoção da dominação e exploração neste contexto.

Nesta empreitada, a organização política dos moradores de São Félix tem sido um desafio que eles enfrentam em dois planos: em seu próprio interior - organização interna; e no plano externo, junto a outros segmentos, perante o poder público, nas intermediações com seus representantes e na esfera da comercialização de seus produtos.

No âmbito interno à comunidade, a dimensão política está impregnada nas diferentes ações. Porém, para percebermos o conjunto das manifestações de ordem política, tomaremos como suporte a estruturação e a participação dos moradores na entidade organizativa da comunidade - **a Associação de Moradores de São Félix**.

A Associação tem-se apresentado como campo privilegiado de convergência e articulação política em todos os sentidos. São definidos em seu interior, desde a organização e divisão do trabalho até a definição da inserção dos comunitários na dinâmica do processo político do município.

Muito embora o processo de estruturação da Associação tenha sido impulsionado por pressões externas, sua natureza política se enraíza na autodeterminação dos agentes sociais que a estruturaram, haja vista que suas demandas por bens e serviços sociais - luz, escola, posto de saúde - eram continuamente rechaçadas, por não terem uma entidade formal reconhecida no âmbito político-burocrático do município pelas instituições do Poder Executivo e Legislativo. Este fato condicionou a formação da Associação. Contudo cabe realçar que o fundamento primeiro foi o anseio dos moradores para atendimento às suas reivindicações.

O caráter formal e até certo ponto impositivo - sobredeterminação externa - que revestiu a fundação da Associação, não suprimiu sua legitimidade e representatividade no interior de São Félix, considerando que os comunitários organizaram sua entidade de acordo com seus referenciais sócio- culturais. Ou seja, na configuração da entidade, os seringueiros/ribeirinhos adotaram como referência básica a organização social interna ao grupo comunitário.

Neste sentido, os cargos assumidos pelos membros da comunidade na Associação correspondem aos papéis existenciados pelos agentes junto ao grupo comunitário; cada cargo

está associado ao papel desempenhado no interior da organização social. A seguir delinaremos como se efetiva essa forma de organização.

Com relação à posição da liderança principal, o presidente da Associação, seu Félix, aos 88 anos de idade (1993), renunciou às prerrogativas que antes requisitava, de ser portavoz e principal liderança do grupo. E, tendo em vista que o cargo de presidente da Associação de Moradores é destinado ao líder do grupo e que a liderança do grupo foi assumida por ele desde a fundação da comunidade, observou-se a passagem da liderança da comunidade de seu Félix para seu neto, seu Arnaldo, eleito para a presidência da Associação pelo conjunto dos moradores, obedecendo - de certo modo - as regras de parentesco em que determinados papéis sociais são repassados de geração para geração. Não eram poucas as pessoas habilitadas na comunidade para assumirem este cargo, entre elas os quatro filhos de seu Félix, dos quais, o filho mais velho, respeitado como seu conselheiro.

Observamos, portanto, que a sucessão da liderança se deu no interior da família. O membro mais apto para a função e pela designação do líder do grupo, não por primogenitura. Não foi escolhido o filho mais velho ou um outro filho de seu Félix, e sim aquele mais qualificado, segundo a percepção do patriarca e dos demais membros.

A regra de sucessão adotada nessa escolha do líder da comunidade gerou conflitos e competições entre os membros, tornando o processo marcado por tensões.

Observa-se, portanto, que as determinações de seu Félix em alguns momentos são questionadas, chegando a gerar sentimentos e níveis de desigualdade em relação à distribuição e comando do poder local.

Ainda que a indicação de seu Arnaldo tenha sido respaldada pelo conjunto dos moradores, a confiança e uma certa admiração nutridas por seu Félix foram fundamentais para que ele recebesse o reconhecimento dos demais.

A partir dessas manifestações pode-se deduzir que, mesmo que todos tenham participado da eleição, em certa medida houve uma preocupação, pode-se dizer uma obrigatoriedade em eleger o presidente da Associação de acordo com a indicação do patriarca. Mesmo que este não tenha imposto tal orientação, o papel que assume - inclusive

em termos de um poder simbólico - diante do conjunto dos comunitários é fundamental na determinação dos rumos a serem seguidos.

Afora os critérios de parentesco e confiança, outros se sobrepõem. Seu Arnaldo é a pessoa que possui mais recursos na comunidade, tem um motor rabeta e uma moto serra; é ele que retira paxiúba para a construção das casas. Este e outros atos conferem-lhe um certo respeito no interior do grupo comunitário, além do fato de ser uma pessoa que tem facilidade para se expressar não só junto aos segmentos externos mas no interior da própria comunidade, característica considerada importante para um porta-voz e principal liderança, principalmente como articulador e organizador das atividades de trabalho.

Em continuação à descrição dos cargos na Associação, temos seu José Valente, filho de seu Félix, que foi presidente da capela. Esse cargo foi repassado para seu filho, Pedro, que esteve na sede do município participando de um cursinho de catequese e, ao retornar à comunidade, passou a exercer o cargo. Aos domingos pela manhã seu Pedro realiza as celebrações religiosas com a participação dos comunitários.

Nesta mesma ordem, seguem os demais cargos da Associação, ao mesmo tempo em que envolve a totalidade dos membros da comunidade, respeita as habilidades e saberes de cada um, tendo por base o reconhecimento de seu papel junto ao grupo, ou seja, em correspondência à identidade determinada pelo reconhecimento do grupo social e do próprio ator social.

A Associação, embora se oriente pelas determinações do projeto político do grupo comunitário, contraditoriamente com sua consolidação passou a absorver e a redimensionar algumas práticas do grupo. Percebe-se que, de certo modo, a Associação termina por concentrar parte das decisões e, paulatinamente, estas vão saindo da gerência e gestão dos grupos domésticos, muito embora estes mantenham um significativo domínio sobre suas atividades.

Com efeito evidencia-se certa centralização na prática daquela entidade, tendo em vista que em certos aspectos são definidas em assembléias, desde a designação da área a ser trabalhada até as atividades produtivas a serem realizadas.

É importante enfatizar que antes da formalização da Associação, os agentes sociais praticavam os debates coletivos para discutirem as atividades produtivas. Assim as decisões tomadas pelo grupo comunitário fluíam de maneira mais natural, enquanto com a estruturação da Associação, as ações assumiram um caráter até certo ponto formal, pautando-se por modelos externos.

Um exemplo ilustrativo dessa situação foi a localização das moradias que foi mudada, orientando-se pelo padrão urbano. Dona Tereza afirma que: " *A casa foi mudada de local porque acham que ela fica feia. A casa tem que ficar na linha.* "

Assim, o surgimento da Associação cria certos ritos formais para ações que antes se realizavam, de certo modo, espontaneamente, e passaram a depender das decisões da Associação para deliberação. Se, por alguma razão, as orientações da Associação não forem repassadas, os grupos domésticos passam a definir as ações a partir das prioridades particulares de cada um, ou mesmo ficam aguardando indefinidamente, ocorrendo acusações de que a não realização de determinadas atividades se deve ao fato de não ter sido definida nas reuniões da Associação.

Ora, é possível se considerar que, apesar da Associação ser composta apenas por comunitários, ela passa a consolidar uma força que altera a dinâmica organizativa interna da comunidade, refletindo as mudanças por que passam estes agentes diante das proposições externas.

A definição dos papéis de maneira formal na Associação criou entraves à rede de apoio recíproco e, de certa forma, contribuiu para a individualização de certas ações. A questão é que, se antes todos se sentiam responsáveis por propor a discussão, a partir do surgimento da Associação passaram a esperar pela convocação. Esta situação tem gerado certos desencontros e tensões internas ao grupo.

A forma de organização adotada para a estruturação dessa Entidade obedece ao padrão das Associações de Moradores formados nos bairros dos centros urbanos e, neste sentido, termina por promover, em alguns aspectos, o choque com a organização sócio-cultural da comunidade de São Félix - mesmo que feitas as necessárias adaptações e os papéis obedeçam à

dinâmica interna da comunidade, surgem, continuamente, obstáculos na gestão e participação dos membros.

Mesmo assim, inúmeras dificuldades e entraves são superados pela própria dinâmica interna às relações que os comunitários desenvolveram ao longo do cruzamento e interconexão de suas práticas produtivas e, para além destas, enquanto grupo social que ordenou uma trama complexa de (re)existência e rede de apoio. A ajuda mútua se constitui em uma prática comum entre os comunitários, consolidando fortes laços.

São inúmeras as práticas que referendam a afirmação anterior, veja-se o caso de seu João Valente que ao sofrer uma queda da árvore de seringa ficou impossibilitado de fazer trabalhos que exigissem força física. Hoje ele realiza apenas serviços leves e é mantido pelos irmãos. Do mesmo modo, seu Félix é mantido pela comunidade : *"Ainda pesco um pouco mas de teimoso, eles não querem mais que eu trabalhe."*

Importa perceber sobretudo que o processo que se desenvolve no seio da comunidade longe de ser desprovido de significação, explicita o intercâmbio com o contexto externo que a rodeia e o envolvimento dos comunitários na dinâmica política do município, plena de contradições e conflitos.

A infraestrutura existente na comunidade consta de uma escola, a sede destinada às atividades da Associação, uma capela para as celebrações religiosas aos domingos que durante a semana abriga um televisor com antena parabólica tornando-se a "sala de tv" da comunidade e um gerador de energia elétrica movido por motor diesel. Todos estes equipamentos comunitários - inclusive o televisor - foram adquiridos pela mobilização dos moradores através da Associação junto aos poderes públicos do município.

Com efeito, apesar dos moradores admitirem que o montante de recursos e a infraestrutura que conseguiram montar seja incipiente e precário, em face às necessidades existentes, ao mesmo tempo comparam-se com a maioria das comunidades na extensão do rio Arauá e dos rios próximos, que estão completamente desprovidas de qualquer destes equipamentos comunitários e, assim, reforçam a percepção de que obtiveram um saldo positivo em suas mobilizações.

Precisamente por esses resultados terem sido considerados positivos, contribuíram para consolidar a autoconfiança do grupo e os impulsionou a realizarem outras mobilizações. Eles reconhecem, todavia, que a busca de recursos e serviços sociais não se constitui numa empreitada fácil, ao contrário, é um processo conflituoso e a correlação de forças nem sempre é favorável, uma vez que a prática de favorecimento em troca de votos por parte dos políticos é muito comum.

Entretanto a recorrência de conflitos entre as comunidades em busca de recursos apresenta a face mais contraditória dessa organização e mobilização.

Um dos exemplos mais ilustrativos dos conflitos deu-se entre as comunidades vizinhas de São Félix e Santa Rosa, que em conjunto empreenderam uma luta junto à prefeitura para que fossem construídos poços artesianos nas duas comunidades, para utilização nos períodos de vazante do rio. Em época de vazante ocorre uma redução do volume de água nos rios tornando-os distantes das habitações que estão situadas em *terra firme*, dificultando o acesso à água. Eles solicitavam também um gerador de energia elétrica.

A prefeitura efetuou as devidas demarcações nas duas comunidades, mas em vista dos recursos limitados só foi perfurado um poço em Santa Rosa, o que trouxe desagrado aos moradores de São Félix, que alegaram que o poço deveria, em vista dos recursos limitados, ter sido construído na divisa entre as duas comunidades para que pudesse servir a ambas.

Diante disso, os comunitários de São Félix redobram suas demandas junto à prefeitura e conseguiram a instalação do gerador de energia elétrica, enquanto Santa Rosa ficou apenas com o poço.

Do episódio narrado, surgiu uma séria desavença, resultando no rompimento de relações entre as comunidades envolvidas. Sendo tão próximas e tendo ao longo de suas trajetórias praticado ajuda mútua, certamente esta experiência trouxe consequências negativas para ambas.

A Associação de Moradores não é a única entidade organizativa em que atuam os moradores de São Félix, embora nesta ocorra a participação do conjunto dos comunitários, haja vista que sua abrangência é restrita aos domínios de São Félix. Eles participam de outras

entidades, como a Associação Comunitária dos Moradores do Interior (ASCOMI) e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Novo Aripuanã (STRNA). Todavia, apenas uma parte dos moradores participa destas entidades.

Com respeito à participação de poucos membros de São Félix no STRNA e na ASCOMI todos foram unânimes na demonstração de que a não participação é momentânea por estarem com o tempo reduzido em face às necessidades produtivas e pela dificuldade de deslocamento para participação nas reuniões, quando essas são realizadas durante os dias da semana.

A ASCOMI é uma entidade que trabalha em conjunto com o STRNA na organização política dos pequenos produtores rurais, mas sua área específica de atuação é na comercialização dos produtos de seus associados e no fornecimento de gêneros industrializados. A realização de tal atividade é feita através de um barco que *desce e sobe* os rios e, posteriormente, promove a comercialização dos produtos agrícolas e extrativistas em cidades onde possam obter melhores preços.

Entretanto, as dificuldades existentes para que os moradores de São Félix sejam atendidos por essas Entidades residem no fato de existirem muitas comunidades associadas espalhadas por todo o rio Aripuanã e os rios adjacentes. Em vista disto, a ASCOMI leva em rodízio de atendimento às comunidades várias semanas, tornando demorado e limitado o atendimento a todas. Para superar esta dificuldade, a alternativa encontrada pelos moradores de São Félix foi transportar seus produtos até a sede do município onde está localizada a ASCOMI.

Embora todos admitam o caráter inovador e validem a iniciativa promovida pela ASCOMI, lamentam a limitação que apresenta no universo de precariedade em que se encontram os diferentes produtores desta área. Como podemos observar pelo depoimento de seu Arnaldo, presidente da Associação de Moradores de São Félix:

"Eu tô assumindo o cargo de presidente da comunidade, mas eu tô achando a coisa difícil, até com os próprios governos municipal."

A organização em busca de infraestrutura comunitária e assistência à saúde e à educação, deixa transparecer a interpretação que têm da natureza política dos recursos públicos municipais seletiva e excludente, que para terem acesso torna-se necessário desvendar os mecanismos institucionais vigentes e criar estratégias para superar os entraves criados.

Dentre as estratégias estruturadas pelos comunitários, observam-se as experiências de formação de alianças políticas com outros agentes ou segmentos que possam atuar na defesa de seus interesses. Neste sentido, durante os pleitos eleitorais, a definição dos candidatos não é uma responsabilidade individual, mas coletiva. O candidato é analisado, consultado e escolhido, segundo critérios do grupo comunitário, sendo o primeiro e o mais importante desses critérios o compromisso em relação aos interesses da comunidade. A demonstração desse compromisso está vinculada ao atendimento dos interesses imediatos das demandas específicas dos comunitários. Mas ao mesmo tempo demonstram em relação a estes candidatos um ceticismo acentuado, principalmente, pelo fato dos políticos só se mostrarem atuantes nos períodos próximos a eleição:

"Isso aqui só é aberto a boca desse rio quando é tempo de política, ganhou o político, vedou a boca não tem mais nada, só tem gavião."

São comuns as afirmações de que *nenhum governo poderá resolver a crise*.

Esta afirmação parece explicitar um entendimento de que, para a superação da crise, será necessário o envolvimento de todos os segmentos. E, ao mesmo tempo, ao fazerem questão de se apresentarem como eleitores, que participam em todos os processos eleitorais contribuindo com seus votos, tanto para a eleição dos vereadores do município, quanto para a eleição do presidente da República, explicitam sua participação efetiva como uma tentativa de *mudar alguma coisa*.

As relações que estabelecem com o Estado através de seus representantes e instituições têm sido marcadas por uma duplicidade de ação em que se alternam **presença e ausência** de maneira contraditória.

É comum a alegação de *ausência do governo* - englobando o âmbito Estadual e Federal - principalmente quando se faz referência à prestação da Assistência Previdenciária (aposentadoria) e a Assistência Técnica, haja vista que em busca destes direitos os seringueiros/ribeirinhos tenham atendimento não só precário quanto ao repasse se faz como um "**benefício**", mediado por uma prática assistencialista "a prestação de um favor".

Para se eximirem das cobranças, os mediadoras da ação - os representantes do governo não assumem diante dos agente sociais a responsabilidade pela prática seletiva e a exclusão. Atribuem suas ações às determinações superiores, efetivamente conduzindo os usuários a sentirem a "ausência de governo" por representar uma abstração para eles.

Por outro lado, "a presença do governo" possui o mesmo caráter abstrato, mas viabiliza com presteza as ações a que se propõe. Todavia estas ações são encaminhadas no sentido contrário aos interesses dos comunitários, como foi o caso do Projeto de Colonização Esperança em que os agentes do governo destruíram seus roçados para repassar a área para os colonos.

Com base em suas experiências quanto às instituições públicas, a configuração do Estado - pela presença e/ou ausência do governo - se faz como um poder superior cuja ausência significa o obscurecimento e a negação dos seus direitos, enquanto a presença resulta por promover a expropriação oficial.

A participação dos seringueiros/ribeirinhos na vida política do município, apesar de todas as limitações, é inovadora em relação à condição de sujeição a que estiveram submetidos antes de estruturarem uma organização própria e autônoma em seus limites, as comunidades ribeirinhas.

Naquela conjuntura os seringueiros se encontravam marginalizados do processo sendo sua participação meramente figurativa nos momentos de eleição. Ausentes dos debates políticos, obedeciam aos ditames dos seringalistas, tendo em vista que estes não só exerciam influência decisiva sobre o poder político regional, e mais esta condição "*lhes outorgava o direito de escolher funcionários para os mais importantes cargos públicos. Em seus redutos*

no interior se constituíam em verdadeiros 'coronéis', responsáveis diretos pela política do município. (TEIXEIRA, 1980 p.218)

A trajetória sócio-histórica traçada pelos seringueiros, enquanto processo, em sua extensão nos permite perceber como de "cativo" ele se torna "liberto", de seringueiro se torna ribeirinho. Reconhecendo que este percurso é, com efeito, permeado de pontos e contrapontos, visto que:

"A situação é difícil porque uns entendem e outros não entendem. [Mas] na união tudo irá prá frente."

(Caetano)

Como se percebe pelo relato anterior e o de outros agentes, o processo de luta é entendido diferenciadamente entre eles e que este aspecto resulta em certa dissensão. Mas é perceptível o esforço de alguns em buscar a unidade em meio à diversidade, tentando assegurar um avanço efetivo na *construção de um caminho melhor*:

Na realidade hoje tá melhor, num dos pontos tá sim, porque o conhecimento do povo, este conhecimento o povo tá tendo.

Desta afirmação, deriva o entendimento de que se a melhoria das condições de vida não atende as expectativas: por outro lado, em termos de participação política e de percepção das condições vivenciadas, efetivamente ocorreu uma significativa diferenciação. Decerto que este matiz perpassa o conjunto dos relatos. Se por um lado afirmam que a crise da borracha acentuou-se, por outro enfatizam que a organização política foi impulsionada.

Assim, os seringueiros/ribeirinhos reafirmam sua **identidade social** e o reconhecimento de sua **autonomia**, que embora relativa, configura a construção de **imagens da liberdade**.

3. A Identidade do Seringueiro e as Imagens da Liberdade

"O reino da liberdade se coloca mais além da simples esfera da produção material."

(KARL MARX)

A identidade dos agentes sociais se apresenta como um conjunto de representações, que agregam em si, não só os resultados das relações dos homens entre si e com a natureza, como as fundamenta.

A constituição da identidade social dos agentes decorre de uma maneira própria de elaboração, que resulta da forma singular de perceber e de atuar sobre a realidade, enquanto forma particularizada de interpretação das relações entre os homens e destes com a natureza, de se apropriar de elementos reais e imaginários que surgem ao longo dos distintos momentos históricos que se superpõem e se combinam na sua trajetória social e histórica.

Neste processo efetuam-se recortes, operam-se combinações, configurações e cruzamentos que resultam em valores e práticas. A identidade social no interior deste processo, depende, imprescindivelmente, do reconhecimento do grupo social, enquanto dimensão fundamental de sua existência.

A identidade social origina-se a partir da práxis e do sistema de referências, que abriga uma constelação de valores, que se combinam numa mútua determinação via mediações reais e simbólicas que se instituem no campo social e na contextura da história.

A autopercepção de sua identidade social efetivamente contém uma questão da máxima importância, qual seja, a possibilidade de realização da humanização da natureza e a naturalização do homem através da superação da alienação, enquanto dicotomia entre natureza e ser social, mas sem suprimir as diferenças formais existentes - insuperáveis e necessárias - entre os homens e a natureza.

A relação entre indivíduo e natureza não se restringe ao âmbito imediato, ou seja, a conexão direta entre o seringueiro e seu objeto de trabalho, mas engloba as relações sociais em que estão enredados.

No seringal tradicional, o seringueiro possuía o domínio sobre a produção da borracha, mas encontrava-se sujeito às determinações do patrão que monopolizava a comercialização, atribuía o preço ao produto e aviava os produtos industrializados.

Nas comunidades ribeirinhas, o seringueiro passou a efetuar todo o gerenciamento sobre seu próprio produto, desde sua coleta até a comercialização, assumindo uma autonomia até então inédita.

Ora, logo a comunidade ganha relevância para o seringueiro, por dar concretude à sua autonomia - ainda que relativa - e ampliar seu domínio nas relações de trabalho, em comparação ao cativo, cujo domínio restringe-se ao processo técnico de trabalho e à possibilidade de regular seu tempo. Valores e práticas são (re)atualizados, contudo a percepção das relações presentes transcendem o fluxo imediato de sua atualidade, estabelecem ligações, vínculos e raízes com o passado.

Os significados de sua identidade de produtor extrativista são postos pela visualização de sua inserção numa realidade que o transcende.

A própria relação com a terra redefine-se com base na experiência histórica. A propriedade privada torna-se fundamental, tendo em vista que esta era a condição que o seringalista tinha e que o colocava num patamar de dominador em relação aos que não tinham a propriedade do seringal. Efetivamente, a relação destes agentes sociais com a terra vai além deste aspecto, mas a propriedade jurídica ganhou sentido, posto que era o impedimento básico para que fossem autônomos.

Assim, muito embora a propriedade da área esteja em nome de seu Félix, efetivamente este fato se constitui apenas em uma estratégia para assegurar a reprodução do grupo, pois as relações que se desenvolvem no interior da comunidade não se diferenciam. Na apropriação dos produtos e desenvolvimento das atividades, proprietários e não proprietários atuam em condições mais igualitárias, conferindo-lhe o estatuto de coletiva. Se no plano jurídico a

propriedade da terra é privada na apropriação e na prática efetiva dos agentes sociais ela apresenta-se como usufruto coletivo.

A ligação intrínseca que estes agentes têm com a terra vincula-se não ao seu valor comercial, mas à significação cultural e ao acesso que possibilita as condições de subsistência.

Neste caso, a autonomia definida de modo objetivo por seus protagonistas deriva-se da condição efetiva de sua realização no processo imediato de produção que organizam e comandam a partir de seus próprios projetos.

A expressão do ser *liberto*, autônomo faz-se para estes homens no sentido próprio de se encaminhar com domínio sobre os diversos ambientes que compõem o espaço comunitário, coordenando suas ações e tendo o controle das atividades produtivas.

No entanto essa autonomia não se constrói apenas com base no domínio do seringueiro sobre o processo de trabalho e pelo rompimento do monopólio na comercialização que havia no seringal tradicional, mas tanto nestas ações quanto no conjunto das relações que estabelece em sua existência.

Referindo-se à autonomia camponesa, SOARES (1981) afirma que é fundamental perceber que a autonomia possui limites e deve ser visualizada no bojo do processo mais global da sociedade e do universo de relações que ocorrem neste processo. No caso em questão a virtualidade ou os limites da autonomia dos seringueiros/ribeirinhos configuram-se na dependência ao mercado para venda e obtenção de produtos que conduz a inúmeras privações. Por outro lado, a autonomia não se restringe e nem se limita à esfera econômica, mas potencializa-se nas diversas esferas da vida social.

A construção da autodeterminação, emancipação da dominação/exploração existenciadas não revela um conteúdo obtido apenas a partir da realidade imediata, e muito menos como verdade absoluta. Segundo CASTORIADIS, "*a verdade própria do sujeito é sempre a participação a uma verdade que o ultrapassa que se enraíza finalmente na sociedade e na história, mesmo quando o sujeito realiza sua autonomia.*" (1976:129)

A autonomia do seringueiro/ribeirinho se define no âmbito da realização coletiva, como "empreitada coletiva" em que sua constituição sócio-histórica não é um simples entrelaçamento

de diversos tempos históricos e práticas sociais, mas seu coletivo. É o resultado novo da conexão entre estes elementos, sendo que o significado novo emerge do papel que os homens assumem no marco de suas existências.

Com a desarticulação da estrutura do seringal tradicional, o conjunto das atividades dos seringais são assumidas única e exclusivamente pelo seringueiro e sua família. Desta forma, ocorre a superação da divisão de trabalho com os membros exteriores à família no interior do seringal, embora nessa região tenhamos encontrado um reduzido número de trabalhadores que subsidiavam a atividade laboral do seringueiro, pois predominavam os seringais em que eles trabalhavam sozinhos.

As relações que se redefinem compreendem um elemento relativamente importante nessa contextura, que é a percepção que têm os agentes do momento em que se identificam como autônomos. É fato que a atividade extrativa da borracha nativa historicamente é determinada pelo domínio do trabalhador sobre o processo de trabalho.

"Da seringa nativa é ele o seringueiro que sai da mata...claro que o patrão não sabia, ele [seringueiro] ia achando e ia picando, a picada. Então ele era o dono? Não é o dono; o dono é patrão. Dono é o patrão que não sabe nem..."

(ex-seringueiro)

Mesmo no interior dos seringais tradicionais os seringueiros tinham domínio sobre o processo de trabalho. Estabelecendo eles próprios o seu ritmo de tempo: "... como freguês *imprensado nas unhas do gavião, mas o horário do seringueiro é feito por ele*". Isto significa dizer que mesmo no tempo da sujeição, o controle relativo sobre o ritmo de trabalho se evidenciava. Entretanto, o controle do tempo se realiza de forma plena na condição de autônomo.

A regularidade do tempo para o seringueiro forjado na relação homem-natureza. foge aos padrões demarcatórios das sociedades urbano-industriais regulado por um tempo

quantitativo e aritmetizado. Nesse espaço social constitui-se uma outra ordenação do tempo marcado pelo *tempo natural* (Thompson). Assim, considerando que o tempo é uma noção construída social e culturalmente, os agentes sociais vivem-no simbolicamente inserindo-o em seu contexto cultural, conferindo-lhe um sentido singular. Nesta perspectiva é importante considerar que

"...o tempo social não só difere entre as diversas sociedades históricas, mas no interior de cada uma delas - em suas estruturas internas -, não fluindo de modo homogêneo na consciência e nas representações dos diversos segmentos, grupos ou classes sociais."

(GOUREVITCH apud CUNHA, 1987:09)

Os seringueiros/ribeirinhos imersos num tempo singular vislumbravam imagens de liberdade presentes em suas atividades tradicionais que expressa a dimensão dada ao trabalho e encompassados na intensidade da ação, eles afirmam: "*meu maior prazer era cortar seringa*". Essa imagem do atividade produtiva passada, no presente de certa maneira determina sua identidade, pois continuam a afirmar sua profissão de extrator de seringa, como se verá adiante.

Sob todos os aspectos, as conexões internas e externas ao contexto, em conjunto, propiciam a estruturação e o estabelecimento de um campo intersocietário no qual os agentes sociais atuam. De modo indubitável, a identidade social destes agentes em sua expressão é plena processualidade, vai-se construindo, afirmando-se.

Assim, uma totalidade de fatores conduzem o conjunto dos seringueiros das comunidades ribeirinhas a afirmarem sua autonomia, em comparação aos demais produtores "cativos", que vivem "*acajibados*", "*sujigados*": "*Agora posso parar e fazer outras coisas.*"

(seu Raimundo Silva)

Neste relato seu Raimundo refere-se ao tempo que pode dispor, além da extração da seringa, para realizar a roça, a caça e a pesca, proibida pelos patrões em período de valorização da borracha. Mesmo quando não havia proibição, a pressão por maior produção reduzia-lhe o tempo para outras atividades.

O tempo torna-se um componente fundamental na percepção que os seringueiros formulam de sua autonomia.

A ênfase na autonomia aparece no horizonte local centrada na ausência do dirigente do processo, o patrão, que coordenava e se apropriava da produção embargando-lhes o domínio sobre seu produto e a apropriação de seus resultados. Os seringueiros explicitam a concretude de sua autonomia, apontando estes aspectos como a expressão máxima da nova condição. Assim dizem da vivência em comunidade estabelecendo uma comparação com o tempo da sujeição:

"...realmente a gente não adquiriu nada, mas que prá viver, dava prá viver. Para meu trabalho agora? Agora [na comunidade] tem, tem moto-serra, motor rabeta."

(seu Arnaldo)

"Nós produzia muito e não tirava saldo, acho que quem comia era o patrão."

(seu José)

Em consequência da superação do papel do patrão, a cadeia do aviamento foi abalada pelo esfacelamento de um dos seus elos importantes na subjugação do trabalhador: o patrão. Mas nem por isso se descaracteriza por completo, tendo em vista que a natureza da dominação perpassa sua totalidade e subjaz nos demais elos da cadeia - o patrão, assim como o regatão, representam apenas um destes elos.

A percepção do extrativista, apenas em termos locais, sem visualizar as determinações mais globais, que concorrem para a estruturação desse processo de exploração /dominação ,

contribui para o entendimento centrado no agente social que a concretiza - *era o patrão agora é o regatão*. Todavia essa percepção revela a natureza das relações a que historicamente estiveram submetidos.

Mas é importante salientar que o processo instaurado nas comunidades, trouxe elementos importantes no sentido de enfraquecer a preponderância da cadeia de aviamento, enquanto "modalidade não capitalista de organização da produção"*, mas, ao mesmo tempo subordinada ao circuito do capital.

Sendo a comunidade o espaço em que se exercita uma certa autonomia, ela se torna nas representações imaginárias do seringueiro, o locus ideal, potencializador desta. Um dos elementos determinantes para a adoção de tal pressuposto vincula-se ao fato de o produtor poder dispor dos resultados de seu trabalho, ou seja, assumir a efetiva propriedade do produto por ele produzido.

Na comunidade, ao final do fabrico, ao contrário das estruturas tradicionais, o extrativista tinha plena autonomia para comercializar o seu produto. Com relação a esta questão veja-se o depoimento de seu Arnaldo, neto de seu Félix :

"Eu tinha muita vantagem no trabalho com ele... me mandava eu vender pra quem eu quizesse a borracha..."

Todavia os comunitários reconhecem as limitações impostas ao exercício pleno da autonomia, pois a virtualidade de sua autodeterminação é denunciada continuamente em seus discursos e práticas.

Além disso, as condições objetivas para que eles possam exercer a autonomia conquistada é restrita ao âmbito da comunidade, pois as sobredeterminações que se efetivam na interação entre o produtor e o regatão são por demais marcadas em sua existência, por assumirem caráter desigual e desfavorável ao primeiro.

Apesar de todos os condicionantes que havia na comercialização da borracha, no momento em que essa produção se tornou inviável economicamente pela perda de mercado, os

comunitários passaram a efetuar as atividades produtivas que exerciam no período do inverno, quando não era possível colher o látex. Isto significa dizer que não ocorreram mudanças significativas em relação ao momento em que predominava a produção de borracha, uma vez que tais atividades produtivas eram conhecidas, e, inclusive, historicamente praticadas bem antes da borracha se tornar um produto requisitado pela indústria.

Para os comunitários não se efetivaram, concretamente, alterações no padrão de vida e posse de bens materiais, entre o momento em que predominava a economia extrativista e a economia ribeirinha. Sua precariedade sempre foi notória e acentuada em todos os sentidos, apesar da abundância dos recursos naturais.

É fundamental enfatizar que o entendimento de que bastam os recursos naturais para se superar a carência material se constitui numa percepção limitada e reducionista. Deve-se se atentar para o fato de que esta mudança de atividade produtiva não pode ser considerada somente em seu aspecto objetivo, visualizada apenas enquanto atividade produtiva material. Conforme demonstramos a prática produtiva compreende em si, além dos aspectos objetivos, uma complexa rede de representações ideais.

Com efeito, a alteração/substituição da produção da borracha pelas atividades produtivas de ribeirinho contém para além do conteúdo de ordem objetiva, das relações sociais e condições materiais, elementos significativos sob o ponto de vista das representações sócio-culturais, das idealidades dos sujeitos sociais, suas racionalidades sócio-históricas.

Pode-se afirmar que *ser seringueiro* possui uma significação simbólica particular neste contexto. Assim, a passagem de seringueiro a ribeirinho traz outras implicações além da mudança da ação laboral.

Com relação ao significado simbólico atribuído ao produtor da borracha nesta área, é importante realçar que o seringueiro considerava-se *o produtor mais importante do Brasil*, mesmo nos períodos de crise da borracha. Esta percepção sobre sua importância como produtor tem sido identificada em outros estudos (Allegretti: 1983), o que revela uma forte identidade social marcada pelo extrativismo da borracha, dotada de conteúdos reais e ilusórios.

Considerando que ao nortear sua prática pela premissa de que o seringueiro é o produtor mais importante, que a atividade de extração da borracha supera em termos de “prestígio social” as demais, embora não tenha fundamento do ponto de vista da realidade objetiva. Portanto, para aqueles homens que sempre estiveram atuando como seringueiros, a desvalorização da borracha teve um impacto extremamente significativo:

"É um produto que eu deixei e tenho saudade até hoje."

(seu Luis Gonzaga).

O trabalho nas sociedades tradicionais pode ser visto sob duplo caráter: comportando em si, além do aspecto objetivo, um aspecto mágico e ritual, conforme sugere GODELIER (1981), articulando-se na definição da produção, repartição e usufruto dos bens materiais.

Produzir borracha, *ser seringueiro* tem uma significação extensa, densa, tanto para aqueles que deixaram a atividade recentemente quanto para os que já se desvincularam há mais tempo. Tanto é assim que referem-se a esta prática produtiva atribuindo-lhe uma singularidade e importância inédita em relação às demais.

Os ex-seringueiros que estão na sede do Município em sua maioria, à exceção dos que não tem saúde nem idade para tal, apontam no sentido de que se a borracha for revalorizada, em termos econômicos, retornam a produzi-la. Este entendimento é também partilhado pelos moradores das comunidades ribeirinhas cujas afirmações traduzem esta expectativa de modo muito forte:

"Eu pretendo sim, eu gosto de cortar seringa, porque pega muito dinheiro macio, e cortando não carece vender feito o trabalho mesmo, mas, é um trabalho mais não é um trabalho forçado".

"...eu gostei de trabalhar na seringa, quero começar de novo, tornar a cortar."

(ex-seringueiro)

"Se a borracha conseguir aumentar o preço vai melhorar, né?"

(José Valente)

"...Se a borracha melhorar de preço, muda a situação, se não melhorar não muda, porque do jeito que a mercadoria acompanha aqui não tem quem possa viver."

(Raimundo S. Valente)

Para os membros das comunidades é como se tivesse havido apenas um intervalo, uma interrupção. A desvalorização da borracha é um fenômeno eventual, passageiro.

"Quero voltar a trabalhar como seringueiro porque tem mais valor que outra profissão."

(seu Waldemar Ruiz)

Nesse sentido, trabalhar de ribeirinho e buscar uma forma de sobrevivência neste momento difícil pois ser seringueiro.

"esse é o meu sentido de trabalhar..."

AINDA É TEMPO (Considerações Finais)

No presente estudo procurou-se percorrer trajetória sócio-histórica dos seringueiros no Município de Novo Aripuanã (Amazonas), ou seja, buscou-se perceber a *vivência* destes a partir das *imagens* que eles guardam do *tempo da sujeição*, das relações de exploração/dominação a que estavam submetidos nas empresas extrativistas da borracha

No interior dos seringais tradicionais, as relações de trabalho articuladas à cadeia do aviamento determinavam a dominação do patrão através do monopólio que mantinha sobre a produção e a apropriação dos resultados do trabalho do seringueiro, via troca desigual de produtos; que mantinha o produtor “cativo” ao seringal por meio da dívida.

Os seringueiros em busca de superar as condições de sujeição adotaram como estratégia a evasão dos seringais. Na década de 40, momento em que se amplia a demanda pela borracha nativa, promovendo sua valorização econômica, a escassez de mão-deobra conduz os segmentos dominantes no extrativismo, através de acordos internacionais, a promoverem um recrutamento de trabalhadores para o seringal. Todavia, paralelamente a este fenômeno, um outro se estrutura: a saída de seringueiros das empresas extrativistas e a constituição de comunidades ribeirinhas de produtores de borracha.

A formação e organização das comunidade ribeirinhas apresentam-se como uma alternativa construída pelos seringueiros em contraposição aos seringais tradicionais. Na formação destes núcleos de produtores, os seringueiros promovem um cultivo peculiar: a plantação de seringueiras no interior da floresta sem promover o desmatamento de outras espécies. Este fato tem conteúdo extremamente significativo sob diversos aspectos, tais como: a construção de alternativa de produção de borracha com a superação da exploração dos seringais tradicionais; a busca da autonomia econômica e social dos agentes sociais.

No presente estudo destacamos essa alternativa enquanto manifestação dos *saberes* destes agentes pelo fato inédito que representa esta prática, posto que não se tinha registro da

realização do manejo florestal de seringueiras na região, pelo menos no que se refere aos seringueiros. Todavia este aspecto extrapola o âmbito deste estudo, assim o remetemos a outras áreas do conhecimento.

Mas, além do aspecto ressaltado, outros aspectos expressam-se no interior das comunidades. Neste contexto os agentes sociais edificam relações diferenciadas das que predominavam nos seringais; na criação de laços de igualdade e solidariedade pela estruturação de uma teia de ajuda mútua; na organização das atividades produtivas pela instituição de formas coletivas de trabalho; no estabelecimento de uma relação singular com a natureza; e na formulação de *sentidos* diversos sobre a vivência comunitária. No processo de organização sócio-política na constituição contínua de sua identidade social formulam seus projetos políticos na identificação de aliados e opressores.

A partir dos desdobramentos das relações de trabalho dos seringais tradicionais e nas comunidades, a concepção de natureza expressa pelos seringueiros/ribeirinhos se pauta pelo reconhecimento de uma natureza plural. Portanto desvendando uma perspectiva de natureza que *não é tudo nem uma* que ganha sentido na relação com o homem e com a qual estabelecem uma relação de complementaridade.

Os seringueiros/ribeirinhos em sua intervenção na realidade, no usufruto do espaço social e na utilização dos recursos naturais, estabelecem uma apropriação coordenada, compatibilizando a demanda sócio-cultural aos princípios de preservação ambiental - em diversos aspectos caracterizando a indissociabilidade entre ambos - estruturando uma relação mútua, complementar. Todavia na relação homem-natureza manifestam-se contrapontos, tensões, tendo em vista a natureza dialética desta interconexão.

Neste processo interativo, a conexão homem-natureza reatualiza-se na expressão plena de sua contínua transformação, tanto sob o prisma material quanto sob o simbólico.

Os seringueiros/ribeirinhos em sua práxis, na construção de sua identidade sócio-cultural e na delimitação de seu projeto político, refutam o caráter abstrato atribuído à natureza, como intertrocável e mero entreposto de matéria-prima.

Para estes agentes a natureza não é estacionária nem imutável e muito menos homogênea, ao contrário, possui racionalidade em nível diferenciado da racionalidade do homem.

Em seu trajeto de "cativo" a "liberto", de seringueiro a ribeirinho, inter cruzam-se diversos momentos e relações entre os homens e com a natureza, em que se conjugam, que se opõem e/ou se harmonizam, em que de maneira efetiva a relação com a natureza conforma-se, pode-se dizer sobrepõe-se como elemento fundante da constituição destes agentes na sociedade e na história. Portanto natureza e homem não se opõem como termos exteriores, pois constituem dimensões em contínua e recíproca constituição, em que o caráter de exterioridade de um diante do outro se dissipa.

Encompassados por um ritmo de tempo em que se conjuga passado e presente, na construção de sua identidade social que transcende o âmbito do local imediato, que se conjugam dois aspectos de ordem material e ideal, os seringueiros/ribeirinhos apresentam-nos, pois, uma forma própria de relação com a natureza.

As fronteiras entre passado e atualidade, entre "velho" e "novo" são desfeitas pelos traços da memória e das práticas sociais, pela própria concepção que formulam de tempo pretérito e presente. Em certa medida, exprimem ambiguidades na construção do tempo em que a tensão entre instituído e o "novo" se manifestam, tendo em vista, que o novo não permanece sendo indefinidamente.

Um outro aspecto parece-nos relevante de ser abordado neste universo de pesquisa a partir dos dados coletados. Trata-se do fato destes agentes sociais enfatizarem que a floresta em sua vastidão e os rios em seus longos e sinuosos cursos não promovem o seu encobrimento, ao contrário, são suportes que lhes permitem apresentarem-se como *produtores importantes*. E assim este contexto lhes confere as condições essenciais para a sua constituição social e histórica; posto que não foram as peculiaridades da natureza que os relegaram aos *cem anos de solidão* - citado na introdução deste estudo - mas sim os interesses dos segmentos que centralizavam o poder político e econômico na região n *no tempo do cativo*.

De acordo com esta percepção, a posição que assumem não é de "soberanos indeterminados", pois a versão que constroem de sua autonomia nas comunidades ribeirinhas, em contraposição às condições vividas nos seringais tradicionais, relata a virtualidade de *ser liberto* diante das imposições históricas - pretéritas e presentes -, mas ao mesmo tempo, explicita a possibilidade do "fazer histórico". E este fazer pode ter a força necessária para promover a ruptura das amarras, a força para a construção de novos movimentos neste espaço social. *Ainda é tempo* de se construir efetivamente *o tempo da liberdade*.

A trajetória percorrida nesse estudo, em busca de captar o processo de constituição social e histórica dos seringueiros, permitiu-nos adentrar na discussão de inúmeras questões, dentre elas muitas despontaram como importantes para serem (re)trabalhadas. Tendo em vista que o caráter exploratório deste estudo e ainda nossas limitações não permitiram o aprofundamento de diversas questões cujos contornos apenas foram delineados. Entendemos que a verticalização e extensão de questões, aqui apenas delineadas, pode contribuir para ampliar os debates que vêm sendo travados na atualidade sobre a possibilidade de se efetivar o desenvolvimento e ao mesmo tempo promover a preservação da natureza, em vista do fato desse desafio estar sendo posto de forma genérica às sociedades tidas como modernas. Sobre tal debate os protagonistas deste estudo nos alertam que *ainda há tempo*.

GLOSSARIO

ARENGAR _ Dirigir arenga, altercar, discutir, intrigar.

CABOCLO (O) _ Mestiço de branco com indio.

CASTANHEIRA _ (Bertholletia excelsa H.B.K.): Imensa árvore nativa da região Amazônica. Destaca-se na floresta pelo seu porte (50mts) e pelos magníficos frutos que fornece.

CUNHANTAS _ Moça na língua geral (vocabulário de origem indígena), comumente usado para indicar as meninas.

CURUMIM _ Menino pequeno (vocabulário de origem indígena).

CURUPIRA _ É um ser mitológico indígena, popular em todo Brasil, temido, respeitado e referido por todos aqueles que habitam o vale Amazônico.

CHIBE _ Pirão de farinha com água e açúcar.

DESMENTIDURA _ Luxação.

JUMA _ Personagem que habita as crenças populares, gigante que carrega um bastão de cobre.

JUTA _ Planta da família das tiliáceas, de que se extrai fibra têxtil

MADORNA _ Sesta, caracteriza um sono leve.

MALARIA _ Infecção produzida por protozoários do gênero "plasmodium", e se caracteriza pela periodicidade da febre. Consiste em período de calafrio, febre alta e finalmente sudorese abundante.

MAU-OLHADO _ Quebranto, fraqueza advinda da absorção de energia negativa transmitida pelo olhar.

MARRETEIRO _ Comerciante que vende pequenas miudezas de armário.

MUTUM _ Nome de várias espécies de aves do gênero crax, também conhecida por urumutum, mutu e mitua.

PAXIUBA _ Madeira muito utilizada na construção de assoalho.

PIRACEMA _ Vocábulo neotupi que significa "reunião de peixes". Ocorre geralmente no verão. Os peixes lotam os rios por vários dias: é o período de fecundação.

QUEBRANTO _ Desfalecimento, fraqueza, suposta influência exterior, mau-olhado (tornar-se fraco).

RIBEIRINHO _ Que ou aquele que vive às margens dos rios.

SAPOPEMA _ São raízes laminadas. que sobem curvas pelo tronco das samaumeiras. Tocadas com o remo, essas raízes produzem um som característico, que é ouvido de longe. Serve para a comunicação na selva.

SORVA\BALATA _ Fruto da sorveira, semelhante a uma cereja amolecida, de que se extrai látex.

SUCURIJU _ Cobra que atinge até dez metros de comprimento, que habita os rios da Amazônia.

TAPIRI _ Choupana tosca de palha.

TARRAFA _ Rede de pesca.

VINDICA_ Planta usada para dar banho e tirar mau-olhado ou em substituição ao sabão.

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, V. V. Porto. Camponeses: das representações da vida cotidiana à luta pelo reconhecimento político. UFPb, Campina Grande 1989, (mimeo).
- ALLEGRETTI, M. H. Zanoni. Submissão e revolta nos Seringais. S.P., 1983, (mimeo).
- _____. Reservas Extrativistas. Uma proposta de desenvolvimento da floresta Amazônica. IEA. Curitiba, 1987.
- ALMEIDA, M. B. Seringais e Trabalho na Amazônia: O caso do alto Jurua (versão preliminar). s.l., s.d. (mimeo).
- ALVES PINTO, Nelson. Política da Borracha no Brasil: a falência da borracha vegetal. S.P., Hucitec/Conselho Regional de Economia, 1984.
- _____. As Colocações como Forma Social, Sistema Tecnológico e Unidade de Recursos Naturais. UNICAMP/IEA, s.d. (mimeo)
- _____. "Sete Teses sobre o Conselho Nacional dos Seringueiros. Rio Branco, (II Encontro dos Seringueiros). (mimeo)
- _____. Rubber Tappers of Upper Jurua River, Brazil :The Making of a Forest Economy (a Dissertation Submitted by Candidate to the Ph.D. degree of the university of Cambridge), 1992. (mimeo)
- _____. As Colocações Como Forma Social, Sistema Tecnológico e Unidade de Recursos Naturais. Terra Indígena, ano 7, nº. 54, pp 29-39 (Originally a paper presented in the first, meeting on environment) Rio Branco/ Acre, January 1988.
- GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. DNPM. ALBUM CARTOGRAFICO DOS MUNICIPIOS DO ESTADO DO AMAZONAS. 2ª. ed., Manaus, edições 1987.
- _____. CODEAMA. Estatística da Produção Vegetal e Animal, 1970-1975. Manaus. Unidade de estatísticas e informações. 1976. 70a.
- _____. Estatísticas de Produção Extrativa Vegetal - 1970-1974. Manaus. Unidade de estatística e informações, 1976. 82f.
- _____. ANUARIO ESTATISTICO DO AMAZONAS 1981-1984. SEPLAN (Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral), CODEAMA vl.1 Manaus. Centro de Desenvolvimento e Tecnologia do Estado do Amazonas/ Coordenadoria de Estatísticas. 1985.
- ANTUNIASSI, Ma H. Rocha, MAGDALENA, C., GIANSAANTI, Roberto. O Movimento Ambientalista em S. Paulo: Análise Sociológica de um

Movimento Social Urbano. Caderno de Textos CERU 2, S.P., 2ª. série, 1989.

ARAUJO, Nice E. Benevides. "O Milagre dos Manauaras". Zona Franca de Manaus. (Uma análise do processo de industrialização implantada em Manaus e da universidade, como formadora da mão-de-obra especializada). R.J.- Fundação Getúlio Vargas, 1985.

BASTOS, Lília da R., PAIXÃO Lyra, FERNANDES, Lucia M. Manual para Elaboração de Projetos e Relatórios de Pesquisa, Teses e Dissertação : Anexos ilustrativos e glossário de termos técnicos, 3ª. ed., Guanabara Koogan, R.J., 1982.

BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: Um Pouco- Antes e Além-Depois. Manaus/Am, Calderaro, 1977.

BRASIL, Altino B. O CARIUA: E Outros Contos Amazônicos. Manaus/Am, União Brasileira de Escritores do Amazonas, 1982.

BRIOSCHI, Lucila R. & TRIGO, Mª. Helena B. Família, Representação e Cotidiano: Reflexão sobre um trabalho de campo. Caderno de Textos CERU 1, S.P., 2ª. série, USP, 1989.

CAMPERO, Giulhermo. Atores e Movimentos Sociais no Chile, in: Classes e Movimentos Sociais na América Latina, Sônia Larangeira (organizadora), S.P. Hucitec, 1990. (VII seminário de estudos Latino Americano).

CANEVACCI, M. Dialética do Indivíduo: O Indivíduo na Natureza, História e Cultura. 3ª. ed. S.P., Brasiliense, 1981.

CARDOSO, F. H. Amazônia: expansão do capitalismo. 2ª., Brasiliense. S.P., 1982.

CARDOSO, M. da C. M. Lideranças e Liderados em Relação: A Produção Social de Concepções e Práticas. Campina Grande, 1989.

CARDOSO, Ruth. A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa. 2ª.ed., Paz e Terra, 1988.

CASTORIADIS, C. A Instituição Imaginária da Sociedade. Trad. de Guy Reinaud. R.J., Paz e Terra, 1982.

_____ Socialismo ou Barbárie: Conteúdo do Socialismo - S.P., Brasiliense, 1979.

_____ A Experiência do Movimento Operário. Coleção A Invenção Democrática, S.P. Brasiliense, 1985.

CHAUÍ, Marilena. O Que é Ideologia ? 27ª.ed., S.P., Brasiliense, 1988.

_____ Cultura e Democracia: O Discurso Competente e Outras Falas.

3ª.ed., S.P., Moderna ,1982.

CHAVES, M. do P. Rodrigues. A Luta dos Trabalhadores Rurais:Suas Diversidades (O projeto político dos seringueiros na Amazônia). UFPb, 1990.(mimeo).

____ "Origem dos Conflitos que Impedem a Organização da Comunidade. " UA/ICHL, Manaus, 1986, (mimeo).

CHALHOUB, Sidney. Visões da Liberdade: Uma história das últimas décadas da escravidão na corte.S.P., Companhia da letras ,1990.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. S.P., Cortez, 1991.

COMISSAO PASTORAL DA TERRA. Paneiro (boletim informativo). AM/RR. Manaus, ano 10, 11 e 12, n^o. 86 a 104, 1987-88-89-90.

CONSELHO NACIONAL DOS SERINGUEIROS. Chico Mendes . CUT, CSN e STRX. s.l., 1989.

CORREA, LUIZ M. A Borracha da Amazônia e a II Guerra Mundial. 2ª ed. Manus, SC/Edições Governo do estado do Amazonas, 1987.

COSTA, Selda V. Tempos e Fragmentos. PUC/S.P., (s.d. mimeo).

CUNHA, L. Helena. Educação Ambiental e Comunidade. Curitiba, 1990, (mimeo).

____ Entre o Mar e a Terra: Tempo e Espaço na Pesca em Barra da Lagoa. S.P., 1987. Dissertação de mestrado em Antropologia, (mimeo).

____ Tradição e Modernidade: Concepções da Natureza no Mar e na Floresta. PUC, S.P. 1991, (mimeo).

DEAN, Warren. A Luta pela Borracha no Brasil : Um estudo de História Ecológica, S.P., Nobel, 1989.

DURHAM, E. Ribeiro. Movimentos sociais: a construção da cidadania. in: Novos Estudos Cebrap, S.P. n^o. pp.24-30, out. 1984.

DUARTE, Luis F. Tempo Social: Dicionário de ciências sociais. 1986, mimeo.

EVERS, Tilman. A Face Oculta dos Movimentos Sociais. in: Novos Estudos Cebrap. S.P., v.2 p.11-23, abril 1984.

FAE. ATLAS GEOGRAFICO. R.J., 1984.

FURTADO, C. Formação Econômica do Brasil. 22ª. ed., S.P., Biblioteca universitária Nacional, 1987.

GARCIA JR., Afrânio R. O Sul : Caminho do Roçado. Estratégias de

reprodução camponesa e transformação social. S.P., Marco Zero, 1989.

GEERTZ C. A Interpretação das Culturas. R.J., Guanabara Koogan, 1989.

GENTA, Edgardo V. A Amazônia : Tragiepopéia em 4 Jornadas. Vitória , E.S. ,Artenova , 1969.1989.UNB, CNPq, MCT. 1989.

GODELIER, M . Antropologia. S.P., Atica, II Título, Col. Os Grandes Cientistas Sociais, 1981.

GUIMARAES, Alba Z. Desvendando Máscaras Sociais. 3ª. ed., R.J., Francisco Alves, 1990.

GRZYBOWSKI, C. Caminhos e Descaminhos dos Movimentos Sociais no Campo. Petrópolis, R.J., FASE, 1987.

HELLER, A. O Cotidiano e a História. 3ª. ed., S.P., Paz e Terra, 1989.

IANNI, O. Colonização e Contra-Reforma Agrária na Amazônia. Petrópolis, Vozes, 1979.(Coleção Sociologia Brasileira,vII).

_____ A Luta Pela Terra : História Social da Terra e da Luta pela Terra numa área da Amazônia. 3ª. ed., Petrópolis, Vozes, 1981.(Coleção Sociologia Brasileira v.8).

_____ A Utopia Camponesa: IX Encontro Anual da ANPOCS. GT. Estado e a agricultura aspectos teóricos dos movimentos sociais no campo. PUC/ S.P., (mimeo).

_____ A Utopia Camponesa: IX Encontro Anual dos ANPOCS .GT " Estados e Agricultura ". Aguas de São Pedro , 22 a 25 \out. 1985.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO ECONOMICA E POLITICO DO PARA. Pará Desenvolvimento . nº.23 jan\jun., Belém, 1988.

JACOBI, Pedro. Movimentos Reinvidicatórios Urbanos, Estados e Cultura Política: Reflexão em tornos da ação coletiva e dos seus efeitos políticos-institucionais no Brasil, in: Classes e movimentos sociais na América Latina. Sônia Lorangeira (ORG). S.P., Hucitec, 1990.(VII seminário de estudos latino-americanos).

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. Metodologia do Trabalho Científico. 2ª. ed. S.P. , Atlas, 1989.

LAFER, C . Dilemas da América Latina num Mundo em Transformação. 3º. Editora Lua Nova, Revista de Cultura e Política. S.P., Agosto 1989, nº. 18.

LEFEBVRE, H. A Vida Cotidiana no Mundo Moderno. S.P., Atica, 1991.

- LOUREIRO, Antonio. O Amazonas na Epoca Imperial. 2ª. ed., Manaus, 1990.
- LOUREIRO, Violeta R. Amazônia: Estado, homens, natureza. Belém. CEJUP, 1992. (Col. Amazoniana).
- LODO, W. O Que é Alienação ? 5ª. ed. S.P., Brasiliense, 1988.
- MALDONADO, Simone C. Mestres e Mares: Espaço e indivisão na pesca marítima, S.P., Anablume, 1993.
- MARX, Karl. O Capital. (Crítica da economia política) Trad.de Reginaldo Sant'anna . 11ª. ed. S.P., Difel, 1987.
- _____. Capitulo VI Inédito de O Capital: resultados do processo de produção imediata. S.P., Moraes, 1985.
- _____. Formações Econômicas Pré-Capitalistas. 5ª. ed. R.J. , Paz e Terra, 1986.(introdução de Eric Hobsbawm).
- MARTINS, José de S. Os Camponeses e a Política no Brasil: As lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. 3ª. ed., Petrópolis, R.J., Vozes, 1981.
- _____. Expropriação e Violência: A questão política no campo. 3ª. ed. (revista e ampliada). S.P., Hucitec. 1991.
- _____. Introdução Crítica à Sociologia Rural (estudos rurais). 2ª. ed., Hucitec, S.P., 1993.
- _____. Não há Terra Para Plantar Neste Verão. O cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo. 2ª., ed. Vozes, Petrópolis, R.J., 1988.
- _____. A Chegada do Estranho. Hucitec, S.P., 1993.
- MELLO, Thiago de. Poesia Comprometida Com a Minha e a Tua Vida . 6ª. ed., R.J., 1989.
- MELO, Hélio. O Caucho, A Seringueira e Seus Mistérios. 2ª. ed., Rio Branco/Acre, 1985. (Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos da Cultura e do Desporto).
- MEDEIROS, Leonildes S. História dos Movimentos Sociais no Campo. R.J., FASE, 1989.
- MORAES, D. Tecnologia e Camponato : Um estudo sobre a relação entre tecnologia "alternativa " na agricultura e a potencialização de um maior espaço de afirmação política dos camponeses. Campina Grande, 1989, mimeo.
- MOURA, M. Mª.. Liberdade e Igualdade: Reflexões Sobre Camponato Sertanejo e Política, nº. 3, Serie II, Impress, 1991.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. Amazônia : Expropriação e Conflito. Campinas, Papirus, 1987.

_____ Integrar Para Não Entregar: Políticas públicas e Amazônia. Campinas, S.P., Papirus, 1988.

PALMEIRAS, Moacir. A Diversidade da Luta no Campo: Luta camponesa e diferenciação do campesinato in: Igreja e questão Agrária. S.P., Loyola, 1985.

PAULILO, M^a. Ignez. Produtor e Agroindústria: Consensos e Dissensos. Florianópolis, UFSC, 1990.

PERDIGAO, F. Basségio. Migrantes Amazônicos, Rondônia : A Trajetória da Ilusão. S.P., Loyola, 1992.

PONTE, Victor M. Durand. Estruturas e Sujeitos na Análise da América Latina, in: Classes e Movimentos Sociais na América Latina, Sônia Larangeira (organizadora). S.P., Hucitec, 1990. (VIII seminário de estudos latinos americanos).

PROGRAMA DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DE ÁREAS ÚMIDAS NO BRASIL. (Estratégias de sobrevivência de comunidade tradicionais no pantanal Matogrossense: relatório preliminar). Pró-Reitoria de pesquisa USP. S.P., n^o. 05, agosto, 1992.

RAMOS, Fábio G. Discurso Camponês de Liberdade. Projeto de Pesquisa. (mestrado sociologia rural). UFPb. mimeo.

_____ Falas de Liberdade: um estudo sobre o discurso camponês de liberdade. Campina Grande, 1992 (mimeo).

REVISTA SEMESTRAL DO DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA DA UNE. Brasília, vol.IV, n^o. 02, julho\dezembro, 1989.

RIBEIRO, Silvia A. de O. Vida e Morte no Amazonas, S.P., Loyola, 1991.

SADER, Eder. Quando Novos Personagens Entraram Em Cena: Experiência e lutas do trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980. R.J., Paz e Terra, 1988.

SALLES, Waldemar B. O Amazonas : O Meio Físico e suas Riquezas Naturais, 3^a. ed. Manaus, Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, s.d..

SANTOS, José V. dos. Revoluções Camponesas na América Latina. S.P., Icone, 1985.

SOBRINHO, Pedro Vicente Costa. Capital e Trabalho na Amazônia Ocidental: contribuição à história social e das lutas sindicais no Acre. S.P., cortez, 1992.

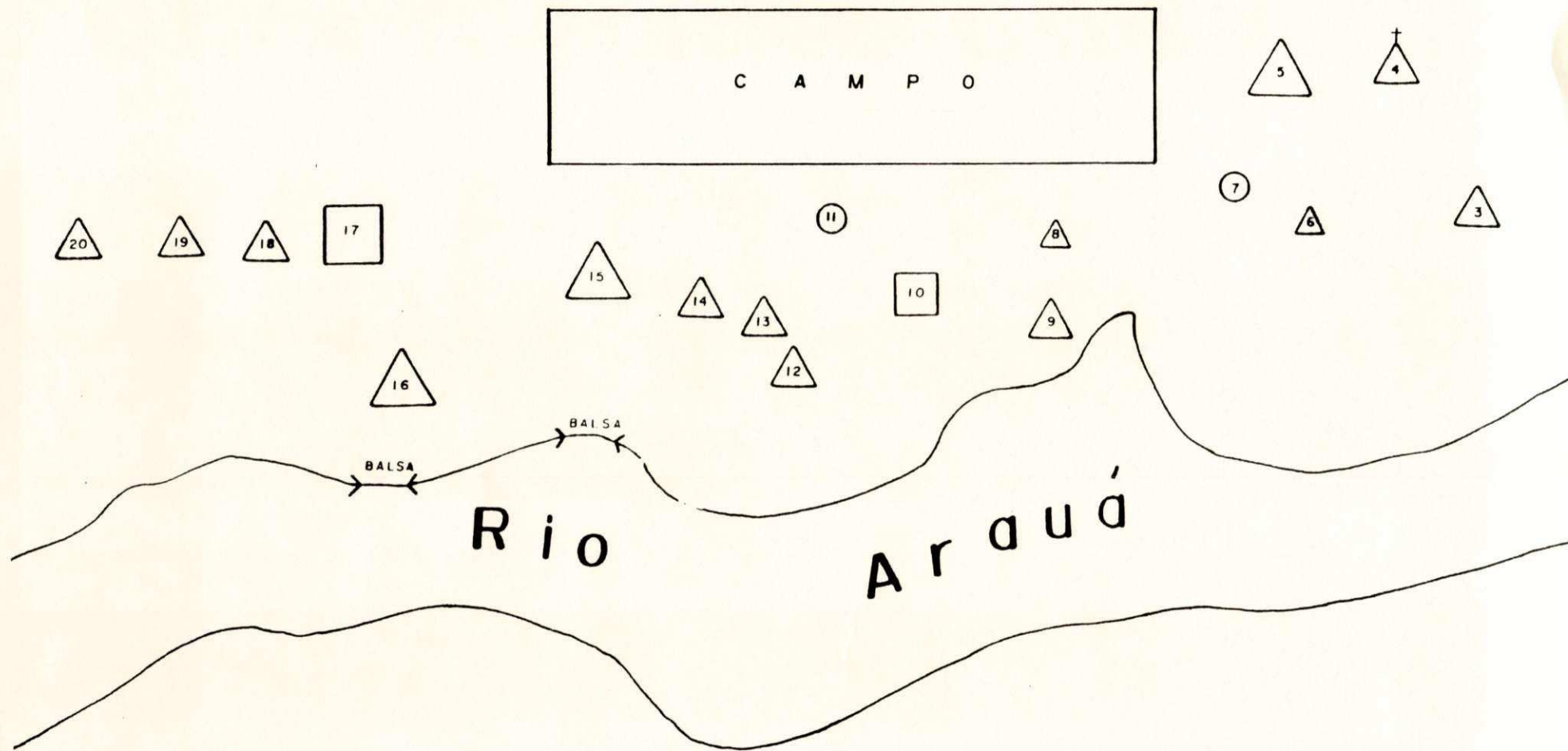
SANTOS, Eloina M. A Rebelião de 1924 em Manaus. 2^a. ed. Manaus, SUFRAMA, Lorena, 1990.

- SANTOS, Roberto. História Econômica da Amazônia (1800-1920). S.P., Queiroz, 1980. (biblioteca básica de ciências), vol. 3.
- SANTOS, J. Vicente T. dos. Matuchos: Exclusão e Luta. Do Sul para a Amazônia. Petropolis, R.J., Vozes, 1993.
- SAWYER, Donald R. Campesinato e Ecologia na Amazônia. Documento de trabalho n.º.03, Brasília, Setembro de 1991. Instituto SPN (Sociedade, População e Natureza).
- SEVERINO, M. J. Metodologia do Trabalho Científico. 13ª. ed. Cortez, 1986.
- SIGAUD, Ligia. Os clandestinos e os Direitos: Estudo sobre Trabalhadores da Cana-de-açúcar de Pernambuco. S.P. - Duas Cidades, 1979.
- SIQUEIRA Filho, Antonio S. BO, M^a.Cristina. Controle de Qualidade na Indústria de Artefatos de Borracha. Manuais CNI, SESI/DN, SENAI/DN, R.J., 1987.
- SOARES, L. Eduardo. Campesinato: Ideologia e Política. R. J. Zarhar Editores, 1981.
- SOUZA, Márcio. O Empate Contra Chico Mendes. S.P., Marco Zero, 1990.
- SOUZA, M^a. Luiza de. Desenvolvimento de Comunidade e Participação, 3ª. ed., S.P., Cortez, 1991.
- SCHERER-WARREN, Ilse. Movimento Sociais. Florianópolis, Editora da UFSC, 1984.
- _____ & KRISCHKE, P.J. Uma Revolução no Cotidiano? Os Novos Movimentos Sociais na América Latina. S.P., Brasiliense, 1987.
- TEXEIRA, Carlos corrêa. O Aviamento e o Barracão na Sociedade do Seringal. S.P. 1980. (mimeo)
- THOMPSON, E. P. A Formação da Classe Operária Inglesa. I (A árvore da liberdade). Trad. Denise Bottmann. 2ª. ed., S.P., Paz e Terra, 1987.
- TRIVINOS, A. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais. 13ª. ed., S.P., 1986.
- UMBERTO, E. Como se Faz uma Tese: Estudos. 9ª., S.P., Perspectiva, 1977.
- VIOLA, Eduardo J. A Degradação Sócio-Ambiental e a Emergência dos Movimentos Ecológicos na América Latina, in: Classes e Movimentos Sociais na América Latina. Sônia Larangeira (org.), S.P., Hucitec, 1990. (VII seminário de estudos latinos-americanos).

APÊNDICES

ESTRUTURA ESPACIAL
COMUNIDADE RIBBIRINHA DE SÃO FÉLIX

ÁREA DE PLANTAÇÃO



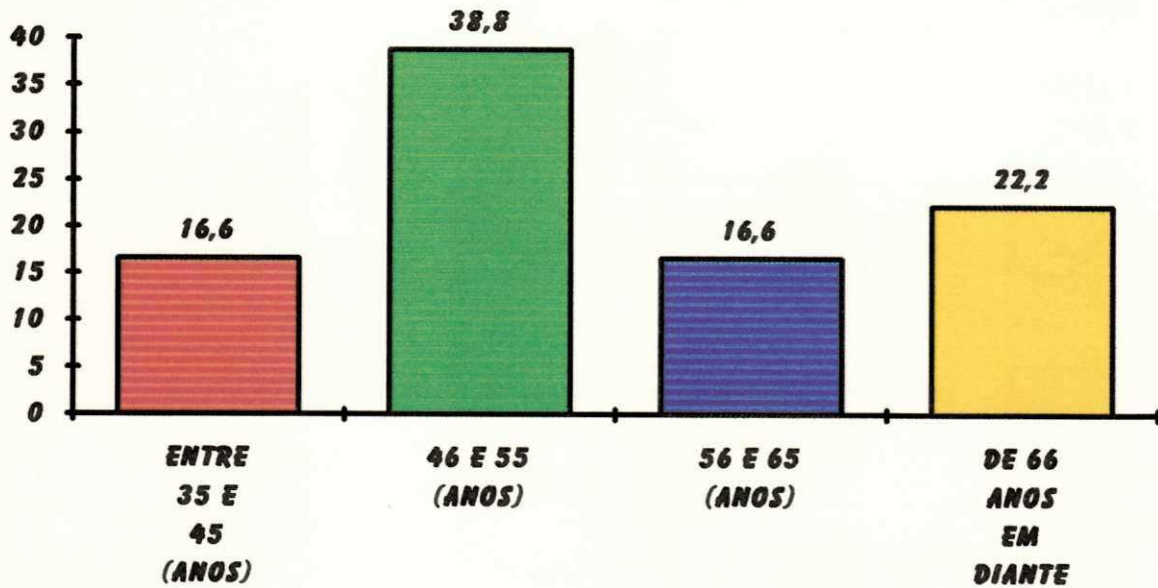
SERINGAL LIMÃOZINHO

ESTRUTURA ESPACIAL DA COMUNIDADE DE SAO FELIX

(localização no mapa 02)

1. Seu Raimundo e família
2. Seu João
3. Seu Félix - patriarca
4. Capela
5. Seu José Valente e família
6. Casa desocupada
- 7, 11, 12. Casa de farinha
8. Luana e seu pai
- 9, 13. Casa em construção
10. Escola
14. Sebastiana e família
15. Seu Waldemar Ruiz e família
16. Seu Arnaldo (presidente comunitária) e família
17. Sede da Associação de Moradores de São Félix
18. Seu Pedro e família
19. d. Maria e família
20. Jerônima e família

GRÁFICO 01 - IDADE DOS ENTREVISTADOS



* 75% deste total possuem entre 81 e 88 anos

GRÁFICO 02 - TEMPO DE TRABALHO NA PRODUÇÃO DA BORRACHA (ANOS)

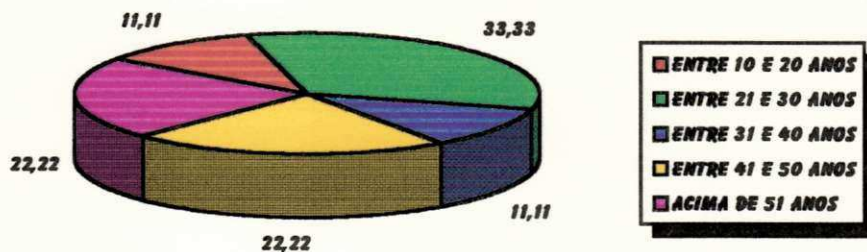
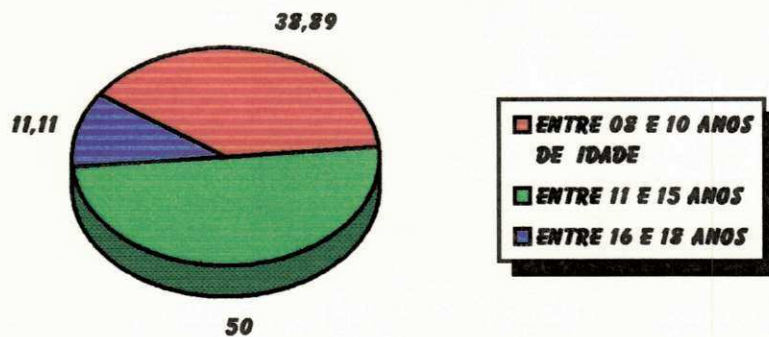


GRÁFICO 03 - IDADE EM QUE O SERINGUEIRO INICIA A ATIVIDADE EXTRATIVISMO



* Não houve registro de trabalhadores que iniciaram a trabalhar acima de 18 anos.